

ONZE HISTÓRIAS E UM SEGREDO

DESVENDANDO AS LENDAS AMAZÔNICAS



Taísa Aparecida Carvalho Sales
(org)

ONZE HISTÓRIAS E UM SEGREDO

DESVENDANDO AS LENDAS AMAZÔNICAS

2016

Primeira edição
1ª reimpressão

FICHA CATALOGRÁFICA

P659m Onze Historias e um Segredo: desvendando as lendas amazônicas / organizador (a) : Taísa Aparecida Carvalho Sales – Manaus – AM. : Dalmir Pacheco de Souza, 2016. 300 p.

ISBN: 978-85-922321-1-5

Todos os direitos reservados, conforme a legislação vigente. Proibida toda e qualquer reprodução sem autorização (Art. 184/Código Penal e Lei 9.610 de 19/02/1998)

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Michel Miguel Elias Temer Lulia

**MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES
(MCTIC)**

Gilberto Kassab

**CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E
TECNOLÓGICO (CNPq)**

Mário Neto Borges

CENTRO NACIONAL DE REFERÊNCIA EM TECNOLOGIA ASSISTIVA (CNRTA)

Regina Maria Thienne Colombo

**REITORIA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO AMAZONAS (IFAM)**

Antônio Venâncio Castelo Branco

**DIRETORIA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO AMAZONAS - CAMPUS MANAUS CENTRO (IFAM CMC)**

Maria Stela de Vasconcelos Nunes de Mello

**COORDENAÇÃO DO NÚCLEO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA DO INSTITUTO
FEDERAL DO AMAZONAS (APOEMA/ IFAM)**

Dalmir Pacheco De Souza

**EQUIPE GESTORA DO NÚCLEO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA DO INSTITUTO
FEDERAL DO AMAZONAS (APOEMA/ IFAM)**

Conceição Soares da Silva e Yani Saionara Pinheiro Evangelista

**EQUIPE COLABORADORA DO NÚCLEO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA DO
INSTITUTO FEDERAL DO AMAZONAS (APOEMA/ IFAM)**

Airton de Oliveira Rodrigues Júnior, Alcileide Rocha Bertoldo, Felipe Ruã Prado de Moura Oliveira, Gina Carla de Oliveira Laborda, Giselli Souza e Silva, José Ferreira Bernardes Neto, Liliane Bentes dos Santos, Lucas Matheus Silva dos Santos e Lucas da Silva Oliveira

**EQUIPE COLABORADORA DO NÚCLEO DE TECNOLOGIA ASSISTIVA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)**

Daniel Carvalho Martins

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)

Sylvio Mário Puga Ferreira

PRÓ-REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (UFAM)

Jacob Moysés Cohen

FACULDADE DE LETRAS (FLet)

Wagner Barros Teixeira

ORGANIZAÇÃO

Táisa Aparecida Carvalho Sales

AUTORES

Arlice Lopes Monteiro

Eduardo de Souza Melo

Francisco Pereira de Amorim

Jéssica Amaral Moraes

Lilian Araújo Cerqueira

Nara Neiva Araújo Costa

Rubens Mesquita da Silva Junior

Sara Vitor Magalhães

Suelem Maquiné Rodrigues

Tereza de Jesus Albuquerque Moreira

CRIAÇÃO GRÁFICA E ILUSTRAÇÃO

Edilson Moraes e Silva

DIAGRAMAÇÃO

Tássia Patricia Silva do Nascimento

PRODUÇÃO DE VÍDEO

Marcelo Átila Ribeiro Cruz, Liliane Bentes dos Santos e Lucas Matheus Silva dos Santos

EDIÇÃO DE VÍDEO

Airton de Oliveira Rodrigues Júnior

MIXAGEM E SONOPLASTIA

Marcelo Átila Ribeiro Cruz

NARRAÇÃO

Airton de Oliveira Rodrigues Júnior, Alcileide Rocha Bertoldo, Felipe Ruã Prado de Moura Oliveira, Giselli Souza e Silva, Isabelle Valois Cortez, Marcelo Átila Ribeiro Cruz e Rhanayse da Silva Costa

**INTERPRETAÇÃO E TRADUÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
(LIBRAS)**

Arlice Lopes Monteiro
Eduardo de Souza Melo
Francisco Pereira de Amorim
Iranvith Cavalcante Scantbelruy
Jéssica Amaral Morais
Lilian Araújo Cerqueira
Nara Neiva Araújo Costa
Rubens Mesquita da Silva Junior
Sara Vitor Magalhães
Suelem Maquiné Rodrigues
Taísa Aparecida Carvalho Sales
Tereza de Jesus Albuquerque Moreira

**REVISORES DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS
(VERSÃO VÍDEO)**

Fábio Tadeu Cabral Stoller
Iranvith Cavalcante Scantbelruy
Taísa Aparecida Carvalho Sales

**SUPERVISOR DE INTERPRETAÇÃO E TRADUÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS (LIBRAS) – APOEMA/IFAM**

André Cesar Lemos Soares

TRADUTORES DA LÍNGUA DE SINAIS ESCRITA- SIGN WRITING

João Paulo Ampessan
Tom Mim Alves
Débora Campos Wanderley

REVISORA DA LÍNGUA DE SINAIS ESCRITA - SIGN WRITING

Débora Campos Wanderley
Marianne Rossi Stumpf

REVISORAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Elizandra de Lima Silva
Suelem Maquiné Rodrigues
Taísa Aparecida Carvalho Sales

REVISÃO FINAL

Lucas da Silva Oliveira

PREFÁCIO

A natureza por si só já responde todos os olhares, até mesmo um ver sem ouvir, um sentir dentro da imaginação, dentro da cosmovisão de exaltar perante a natureza, a terra que é nossa mãe, a fauna e os animais nossos irmãos, tudo que tem vida, e foi assim que a Professora Organizadora Taísa Aparecida Carvalho Sales e sua motivadora equipe de autores foram dando um passo de cada vez e chegou o grande momento e colocar a público esta edição, que traz o despertar da literatura Amazônica torneando conhecimentos e saberes na Literatura em Libras através destas *ONZE HISTÓRIAS E UM SEGREDO: desvendando as lendas amazônicas*. O estudo surdo ganha com mais um livro que referencia a presença de personagens surdos e sua língua de sinais dentre a cada leitura, a qual levará os olhares surdos mais aguçados atrás das trajetórias da história narrada e lida pelos ouvintes, práticas e concepções no mundo surdo das letras, dos sinais e em escrita de sinais, que só buscando nas páginas deste maravilhoso e deslumbrante livro para desvendar uma rica leitura que fará o leitor ter um diálogo aberto e uma imaginação mágica de inexplicável emoção.

Ainda não achei motivos que levaram a escolher-me para prefaciá-la sua obra. Talvez seja por estar sempre acreditando em projetos e desafios nos espaços surdos e a língua de sinais nas terras indígenas em todos os espaços seja ele literário ou não. Um livro com as onze lendas nesse formato dinâmico que se encontra em suas mãos.

Encontramos a Editora que como muitas pessoas que acreditaram nesse sonho, de fazer valer e chegar nas mãos das crianças/adolescente/adultos surdos. Cada personagem vai levar saberes diversificados que muitas vezes estão no difícil acesso. Agora com essa oportunidade, com certeza, os olhos de cada um se deslumbrarão com acessibilidade de comunicação, tendo acesso a essa literatura e se identificando em cada página de cada lenda.

A cada nova página você vai se deparar com as lendas: *A COBRA GRANDE, MAPINGUARI, LENDA DO UIRAPURU, O BOTO COR-DE-ROSA SURDO , LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA, A LENDA DA MANDIOCA, A LENDA DO GUARANÁ , LENDA DO PIRARUCU, A LENDA DA IARA, KAUANE, UMA GUERREIRA SURDA E O AMOR FAZ NASCER UM POVO: A LENDA DA FAMÍLIA BARÉ SURDA.*

Convido você, leitor, a conhecer a obra, e assim como eu, que recebi com alegria os originais, tive a oportunidade de desvendar as páginas que me levaram a refletir que há uma gama de interferência na constituição da almejada literatura surda em ações bilíngues, você vai vivenciar o construir e desconstruir de sua imaginação.

Shirley Vilhalva

Professora Surda

Mestre em Linguística pela UFSC.

AGRADECIMENTOS

Ficam aqui registradas minhas palavras de agradecimento a cada colaborador desta antologia, que com seu talento, disposição e trabalho, muito mais do que tornar real um sonho pessoal, contribuiu para que as crianças e adolescentes surdos amazonenses, principalmente, pudessem ter acesso às lendas da sua região e se identificassem, com orgulho, enquanto surdos amazonenses, a partir da apropriação destas releituras.

A cada um dos autores, acadêmicos do 4º período do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no ano de 2015, que com muita dedicação na disciplina de Literatura em Libras, por mim ministrada, atrelou aos conhecimentos adquiridos ao longo do curso seu entusiasmo pela cultura surda e sua curiosidade pela cultura indígena, produzindo as adaptações das lendas, registro aqui o meu muito obrigada. Arlice Lopes Monteiro, Eduardo de Souza Melo, Francisco Pereira de Amorim, Jéssica Amaral Moraes, Lilian Araújo Cerqueira dos Santos, Nara Neiva Araújo Costa, Rubens Mesquita da Silva Junior, Sara Vitor Magalhães, Suelem Maquiné Rodrigues e Tereza de Jesus Albuquerque Moreira, palavras não dão conta de expressar toda a minha gratidão pelo empenho de vocês. Que o sucesso e legado deste livro os recompensem!

Meus fraternos agradecimentos aos professores Iranvith Cavalcante Scantbelruy e Fábio Tadeu Cabral Stoller, ambos do Departamento de Letras Libras da UFAM, por apoiarem e orientarem os acadêmicos no processo de tradução dos contos escritos em língua portuguesa para a Libras.

E, nesse ínterim, também agradeço imensamente às valiosas contribuições da professora Shirley Vilhalva da SEDUC-MS que muito nos ensinou sobre os sinais da Libras específicos da temática indígena.

Agradeço ao tradutor/intérprete de Libras Tom Mim, do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e aos professores João Paulo Ampessan e Débora Campos Wanderley, ambos da UFSC, que traduziram as lendas para a escrita de sinais. E, pelo envolvimento nessa etapa, agradeço muitíssimo às professoras Débora, novamente, e Marianne Rossi Stumpf, também da UFSC, pela revisão empreendida.

Às colegas, professoras, Suelem Maquiné Rodrigues, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), e Elizandra de Lima Silva, da UFAM, meu muito obrigada por toda a atenção dispensada a este livro na revisão ortográfica da língua portuguesa. Obrigada também ao professor Edilson Moraes e Silva, pesquisador do Observatório da Educação da CAPES/UEA, que, com muita maestria, criou cada ilustração, na expressão dos muitos detalhes presentes nas narrativas desta antologia.

A cada um dos integrantes da equipe envolvida no processo de edição e áudio descrição desta obra, efetuada junto ao Núcleo de Acessibilidade e Educação Inclusiva (APOEMA) do IFAM, meu muito obrigada pela dedicação. Agradeço especialmente, também, ao Daniel Carvalho Martins, por colaborar nas burocracias em todo o processo de desenvolvimento deste livro.

Aproveito este momento único, para agradecer a Thayane Cantelle por ter sido inspiração para o meu aprendizado da língua de sinais, poder me comunicar com a mais nova professora da escolinha da igreja foi um desafio maravilhoso em 2003 e a Graziela Cantelle por não medir esforços para a prática da língua de sinais.

Meus agradecimentos se estendem aos professores Clóvis Batista e Heloir Montanher pois com maestria e quase uma mágica me ensinaram a ler aquelas mãos que deslizavam pelo ar, a Irmã Silvana Ferri, a professora Marta Fátima e aos alunos da Associação Cascavelense de Amigos dos Surdos – ACAS de Cascavel –PR, os quais me receberam de braços abertos no ano que iniciei o curso.

Agradeço também a todos os alunos surdos que acompanhei como Tradutora/Intérprete de Libras/LP do período de 2005 a 2010 na Faculdade Assis Gurgacz- FAG e na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Solange Quatrin, Carlos Oya, Julio Marcos Souza, Clóvis Batista, Vanessa Bausewein e Junior Rasbolt, eternamente grata pela contribuição de vocês em minha jornada profissional.

Ao meu marido Everton Lucas e ao meu filho João Lucas muito obrigada por estarem sonhando e lutando juntos comigo sempre! A minha mãe, irmãos, sobrinhos, cunhados e sogros meus agradecimentos por todo apoio.

Agradeço também a Laura Frydrych por transformar, em singelas e graciosas, as palavras deste agradecimento.

Por fim, agradeço a você, leitor, pelo seu interesse em conhecer as *onze histórias*, e por sua curiosidade em descobrir *um segredo*, *desvendando as* belíssimas *lendas amazônicas* aqui presentes!

Taísa Aparecida Carvalho Sales

Idealizadora e organizadora

SUMÁRIO

1	A COBRA GRANDE	17
2	MAPINGUARI	35
3	LENDA DO UIRAPURU	61
4	O BOTO COR-DE-ROSA SURDO	85
5	LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA	111
6	A LENDA DA MANDIOCA	135
7	A LENDA DO GUARANÁ	167
8	LENDA DO PIRARUCU	197
9	A LENDA DA IARA	217
10	KAUANE, UMA GUERREIRA SURDA	241
11	O AMOR FAZ NASCER UM POVO: A LENDA DA FAMÍLIA BARÉ SURDA	263

A COBRA GRANDE

Arlice Lopes Monteiro

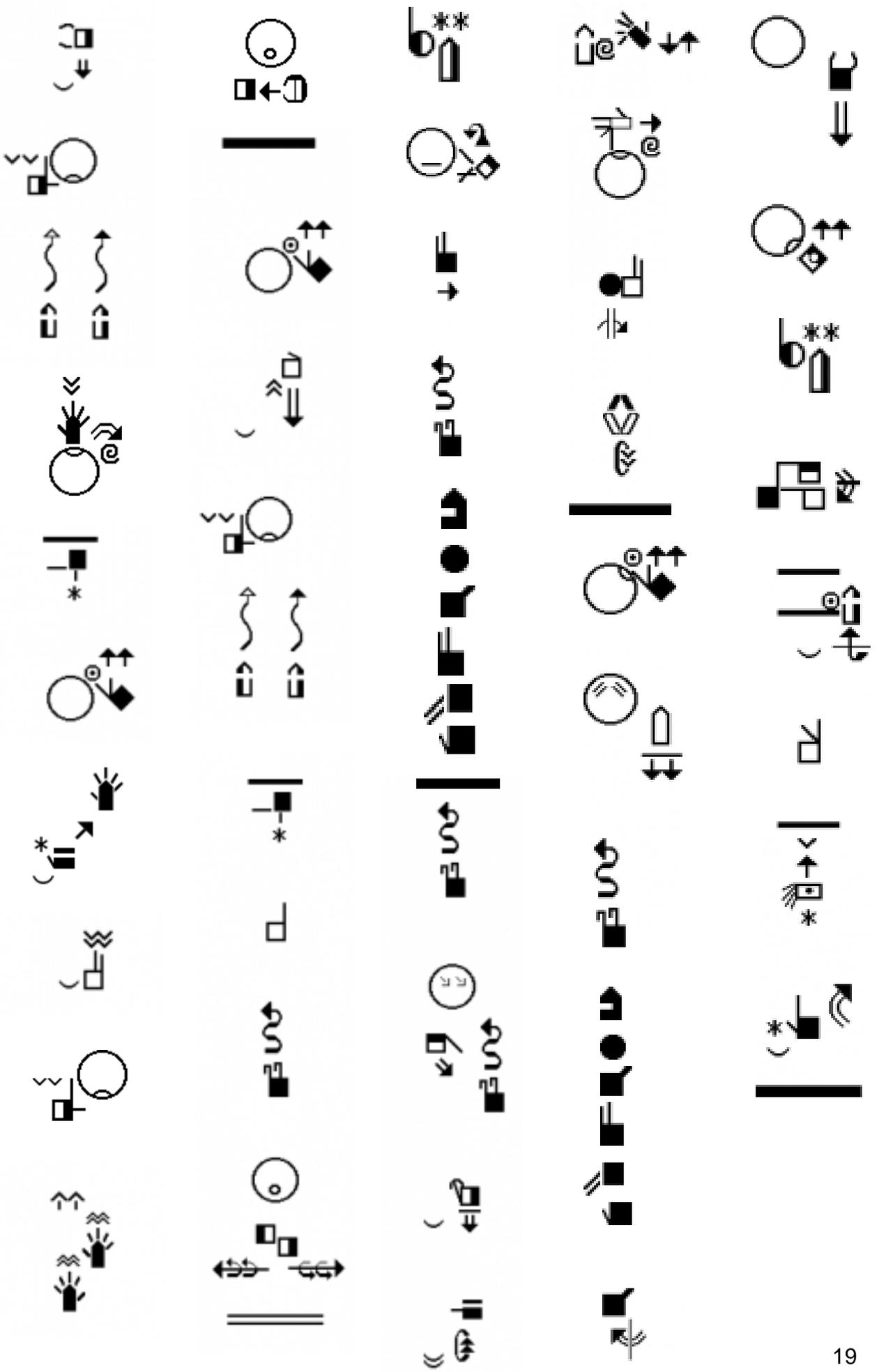


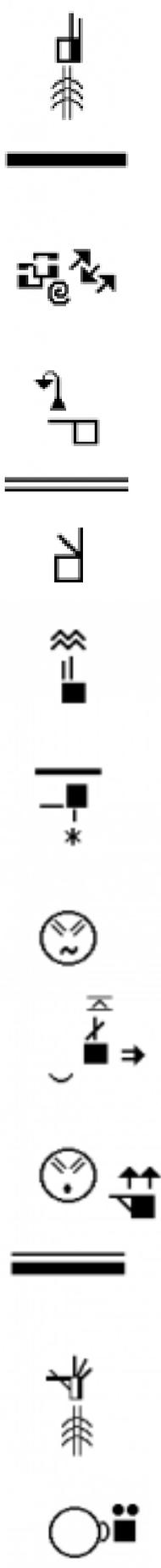


Assim como correm rápido as águas, correm as histórias dos ribeirinhos à beira do grande rio Amazonas. Conta-se que naquelas águas vive uma cobra grande, que os indígenas chamam de Boiúna. Esta cobra tem o poder de transformar-se em embarcações e outros seres. Contam os mais antigos, que certa vez, uma índia engravidou da Boiúna e deu a luz a duas crianças gêmeas. O menino recebeu o nome de Taiguara e a menina que recebeu o nome de Ubiraci.

Com o passar do tempo, todos perceberam que havia uma diferença entre os irmãos: Taiguara era ouvinte e Ubiraci era surda. Naquela etnia indígena, gêmeos eram sinônimos de maldição para a tribo. A mãe não queria as crianças, pois acreditava que eles atraíam a má-sorte e, para ficar livre dos filhos, jogou-os no rio. Entretanto, as crianças não morreram, conseguiram sobreviver e cresceram na região amazônica.







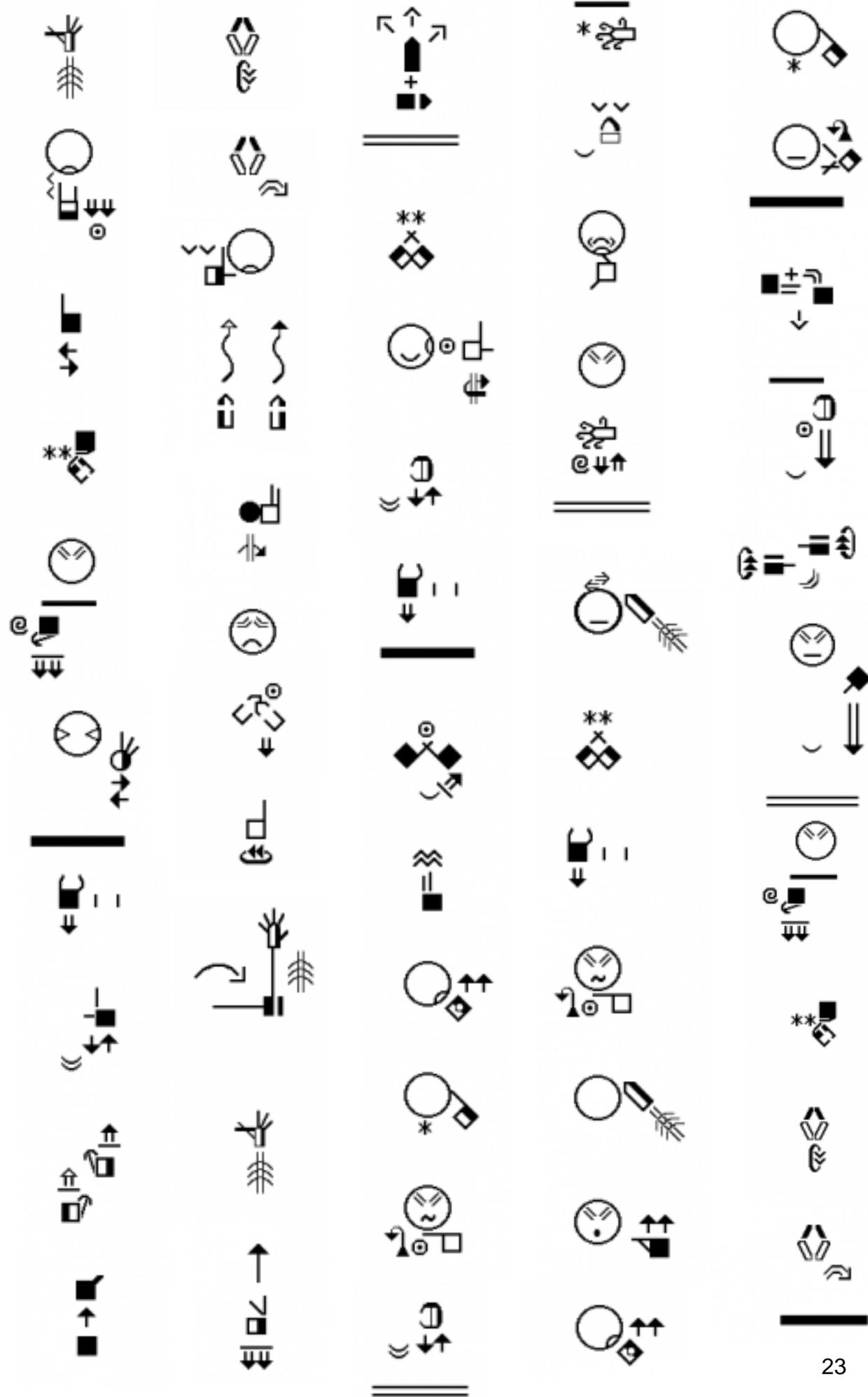


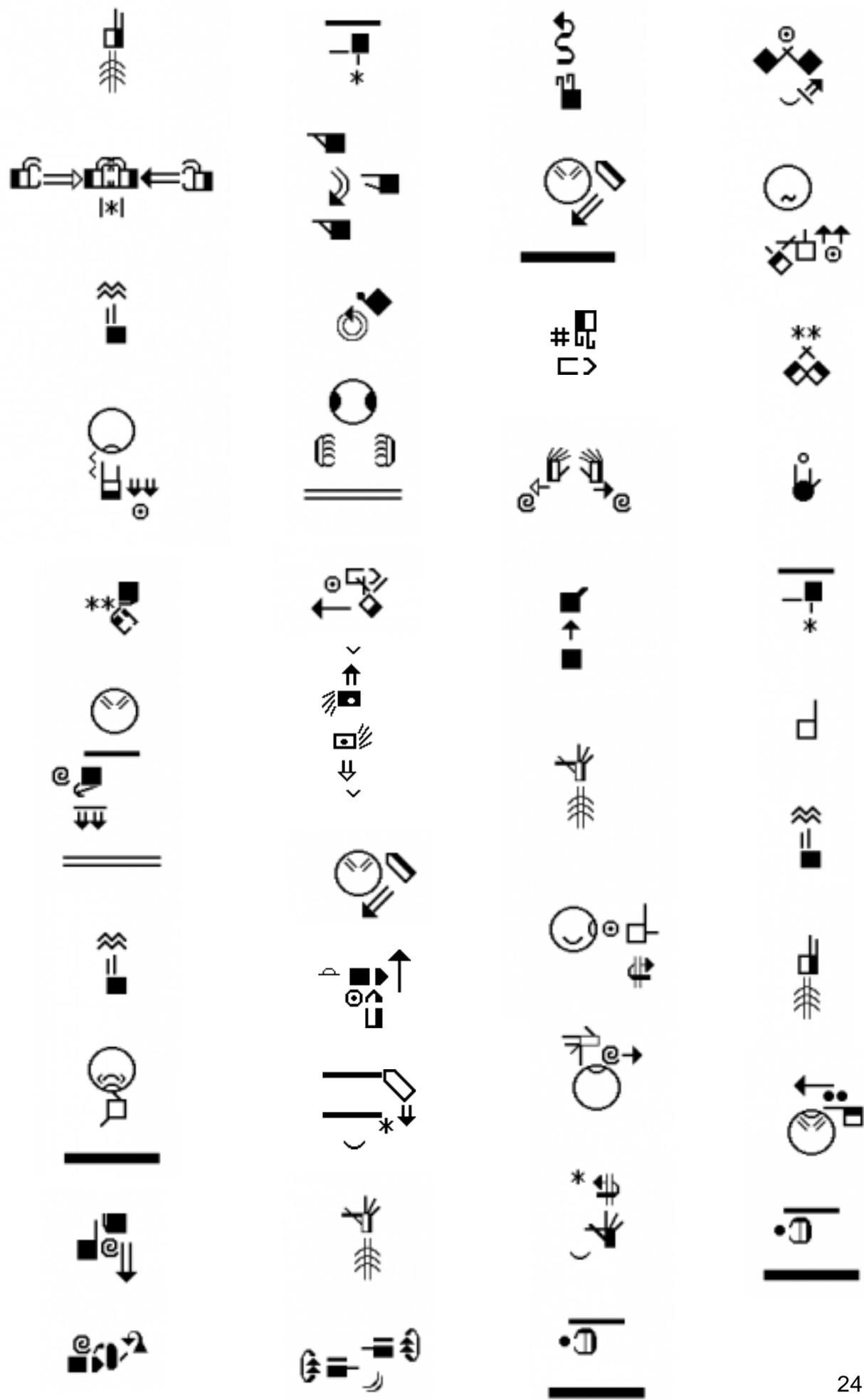


Taiguara era uma criança que não fazia nenhum mal, sempre ajudava aos pescadores que se perdiam no rio ou na floresta, pois conseguia se comunicar com todas as pessoas. Mas sua irmã, por ser surda e não conseguir se comunicar, tornou-se uma criança muito triste e revoltada, pois não entendia o porquê das pessoas não conseguirem entendê-la. Por isso, seu comportamento foi ficando, a cada dia, mais tenebroso. Era má com quem tentava se aproximar, até mesmo virava algumas embarcações.

Ubiraci brigava e era má até mesmo com seu irmão, fato que o deixava muito triste. Infelizmente, Taiguara sofria de uma maldição. Na primeira noite de lua cheia do mês, ele se transformava em cobra e tornava-se uma pessoa má. E esse encanto só seria desfeito, se ele realizasse um grande ato de bondade com alguém de sua família. Mas ele não sabia como desfazer a maldição, já que sua única família era a irmã Ubiraci.





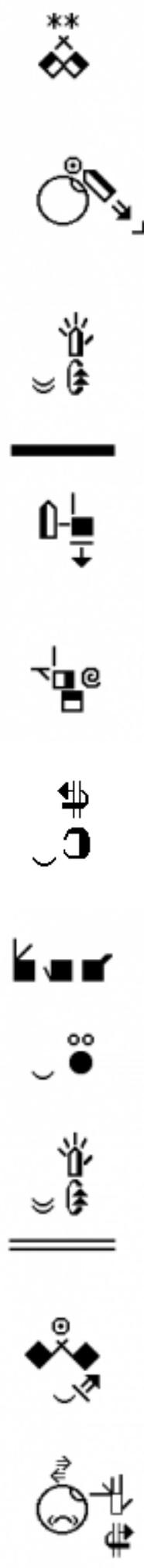


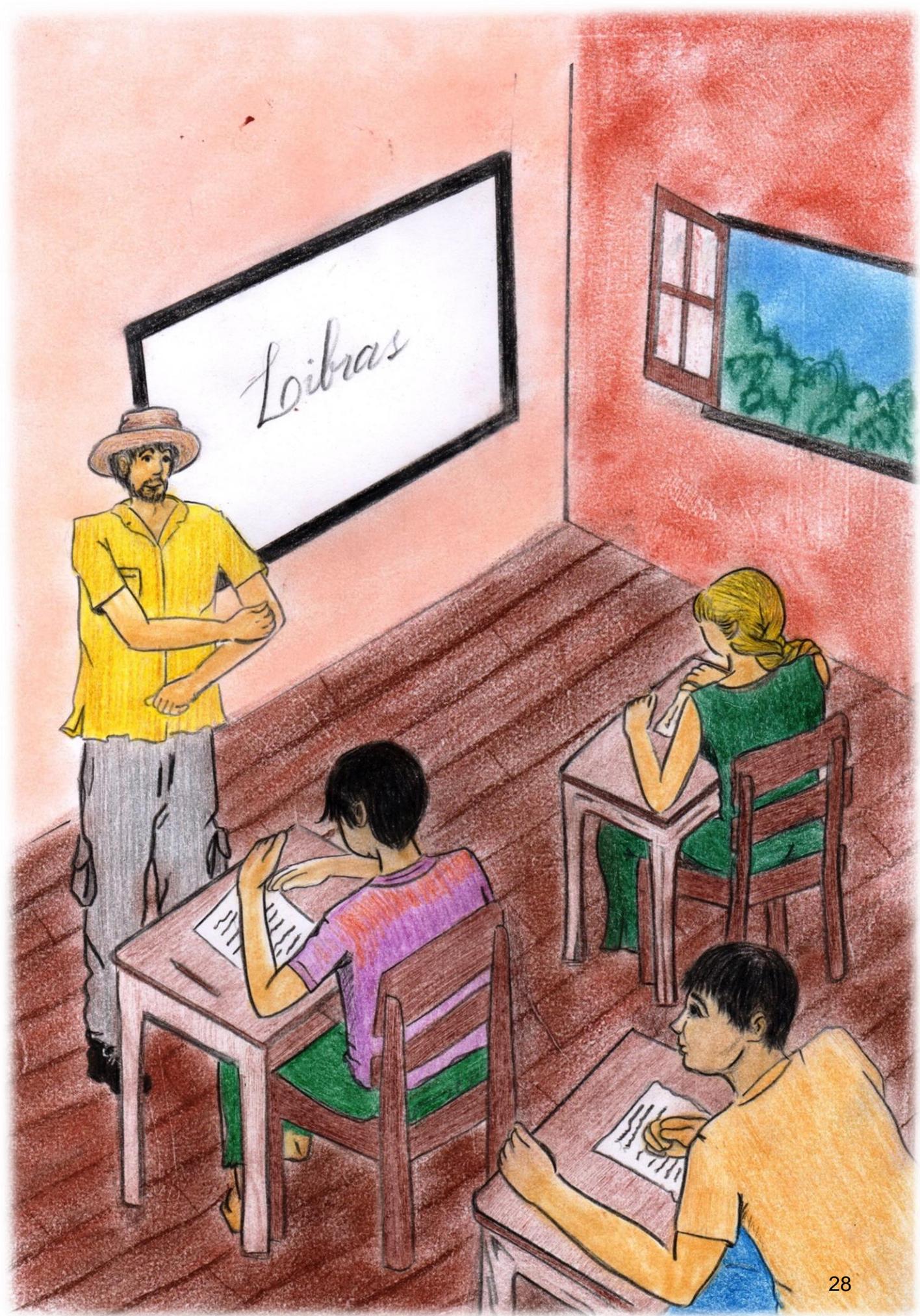




Certa vez, quando ajudava a um jovem professor que se perdera no rio, Taiguara comentou que estava triste, pois tinha uma irmã surda que não conseguia se comunicar com ninguém. Prontamente, o professor disse que poderia ajudar aos irmãos, pois sabia Língua de Sinais. Havia se perdido porque estava procurando uma comunidade onde daria aulas de Língua de Sinais. Logo, o professor ofereceu-se para ensinar a Taiguara, que, rapidamente, aceitou.



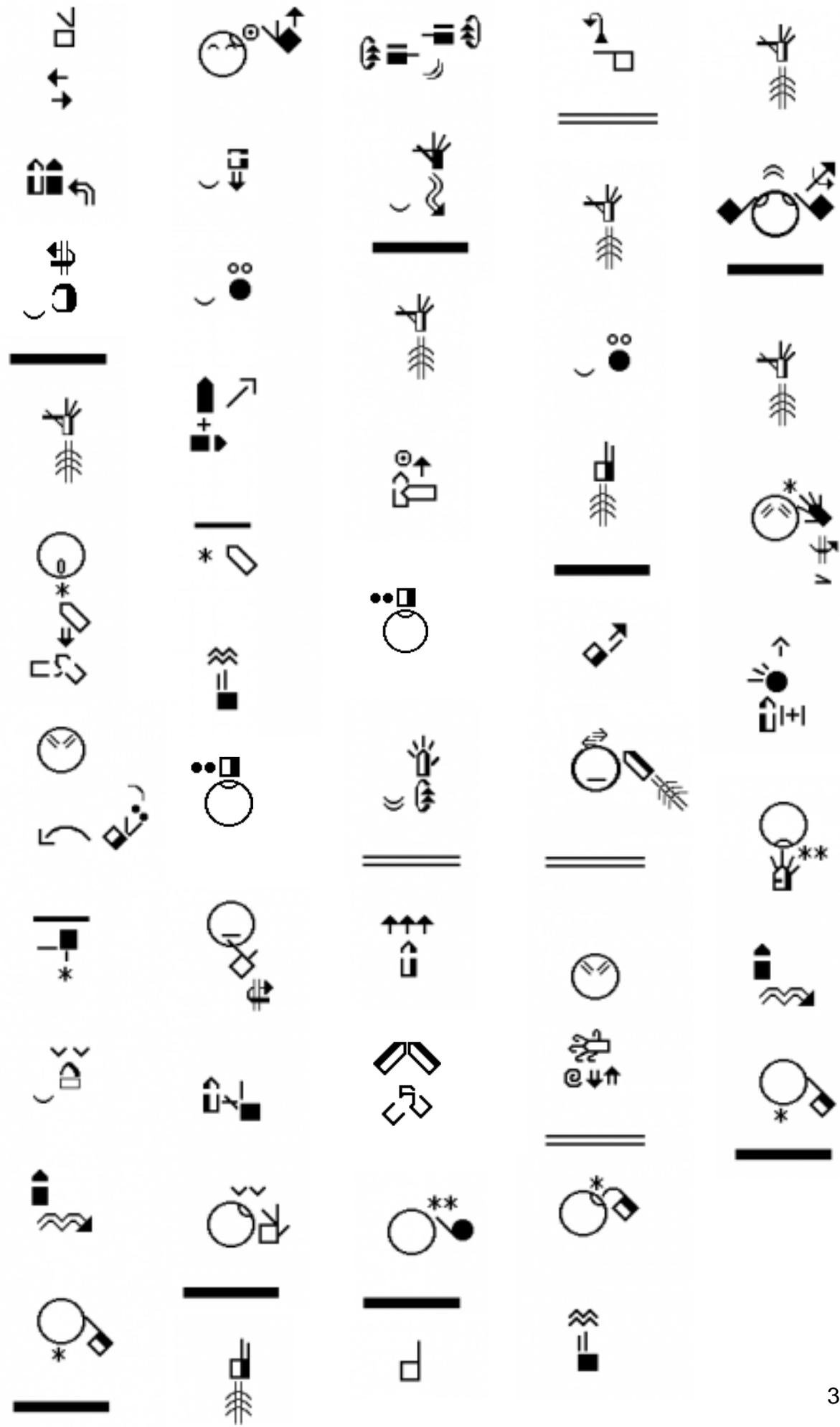






Quando chegaram à comunidade, Taiguara ficou fascinado ao perceber que havia mais crianças surdas. Logo pensou que poderia ensinar e ajudar a sua irmã a aprender a sua língua natural. Assim, Ubiraci seria feliz finalmente. Taiguara começou a aprender a Língua de Sinais, frequentava a escola todos os dias. Depois da primeira semana, Taiguara começou a ensinar Ubiraci. Inicialmente, ela não entendia nada, ficava aborrecida, achava que o irmão estava inventando. Foi então que seu irmão a levou para conhecer as outras crianças surdas.



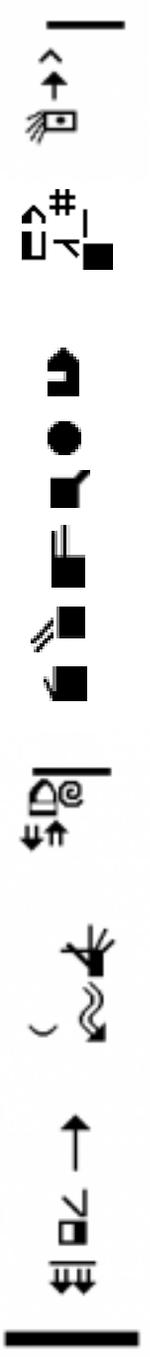
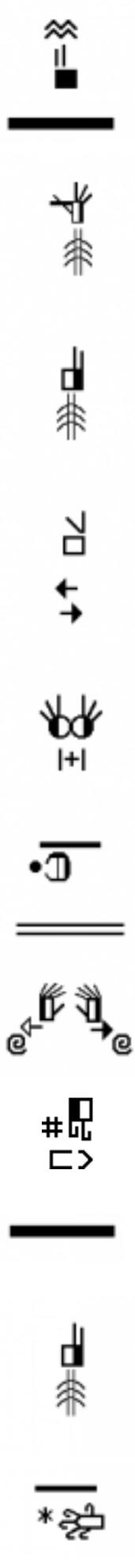
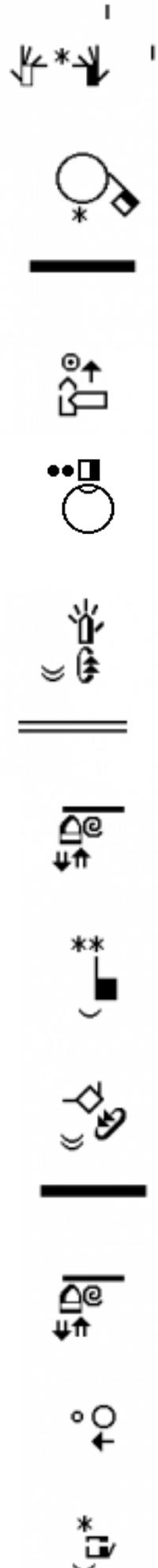
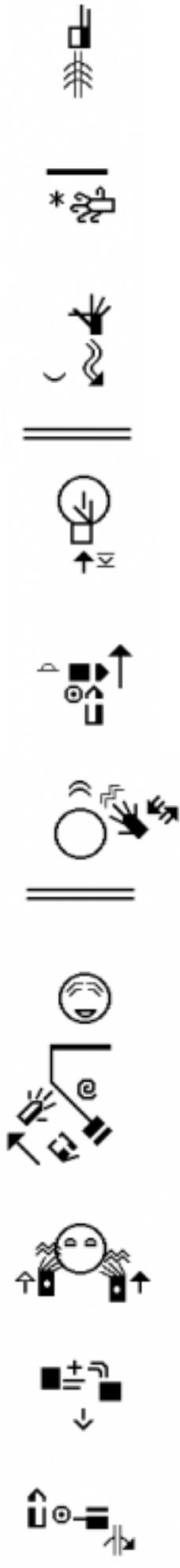






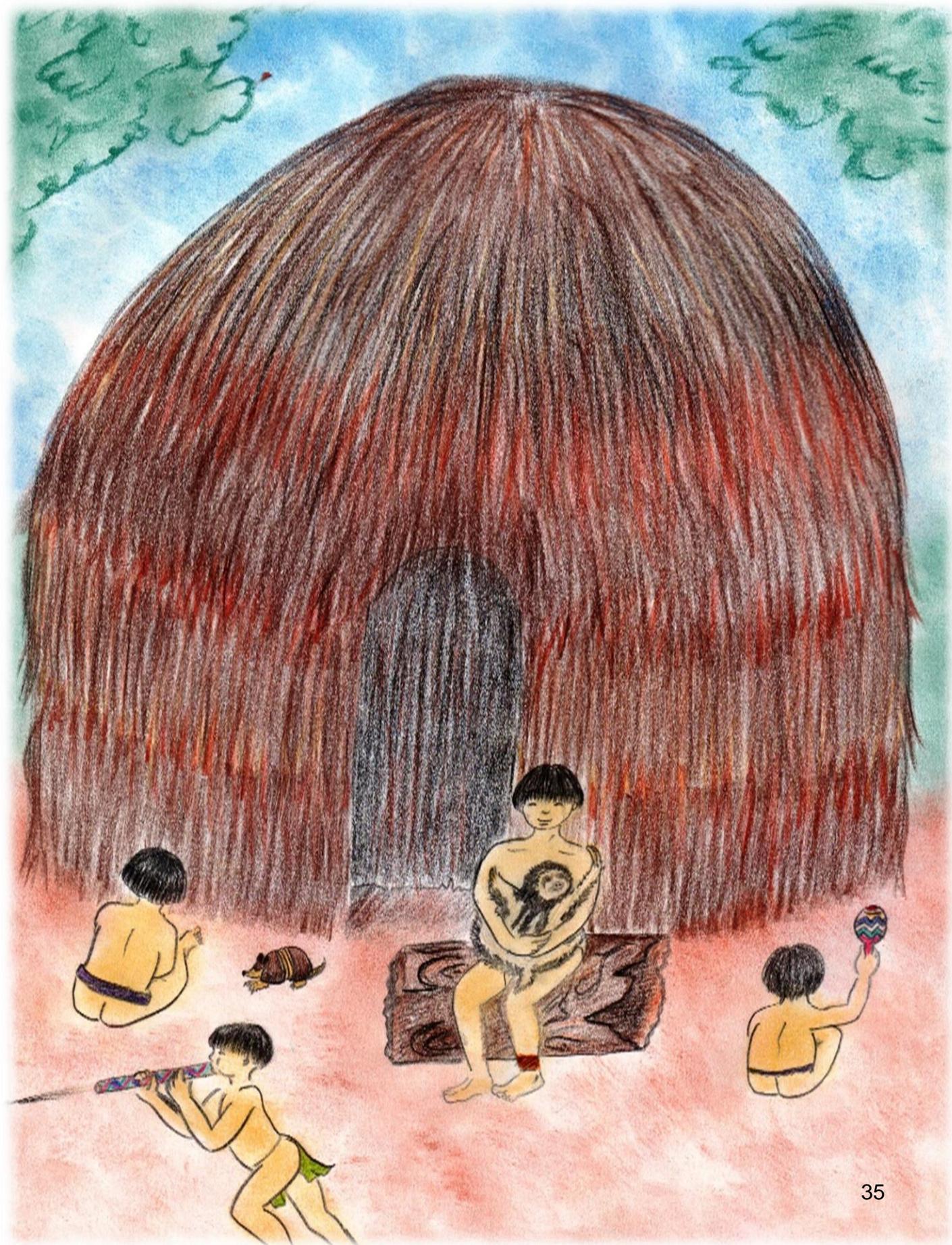
Ubiraci não se conteve de tanta felicidade, parecia que estava vivendo um sonho, seu primeiro contato com os surdos levou todos às lágrimas. Logo começou a aprender a sua Língua. Passou a viver e a brincar. Um novo tempo havia começado na vida dos irmãos. O amor e a dedicação de Taiguara a sua irmã, libertou-lhe da maldição. Ubiraci havia se tornado uma criança muito feliz. Convivia com seus semelhantes, utilizava sua língua, era aceita e desenvolveu-se plenamente. Assim, os filhos da Boiúna viveram muito felizes.





MAPINGUARI

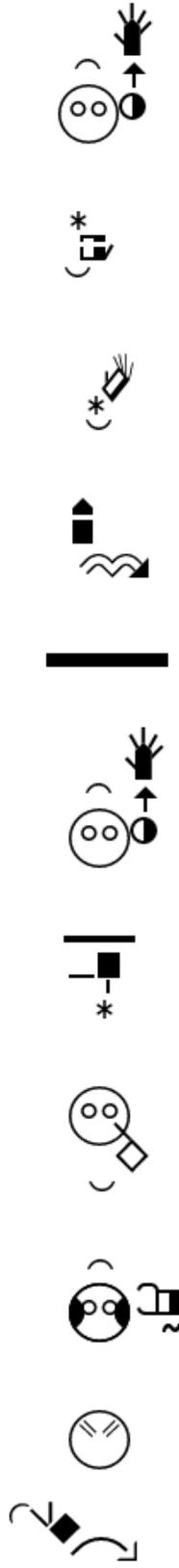
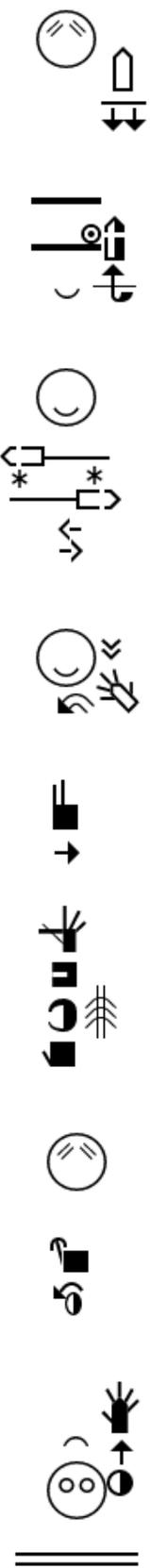
Rubens Mesquita da Silva Junior





Quando Teçá nasceu era muito belo, fazia tudo que os outros indiozinhos faziam: brincava, ria, chorava...ia crescendo. Tinha grande olhos atentos. Mas algo diferente acontecia no mundo do curumim.







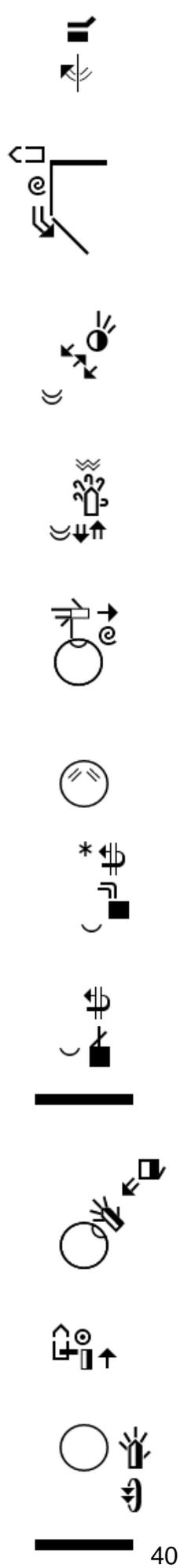
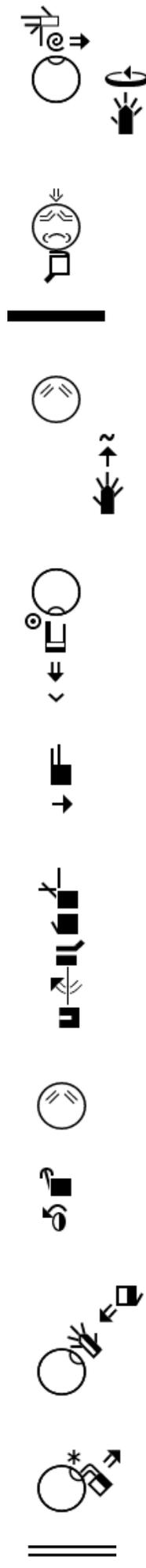


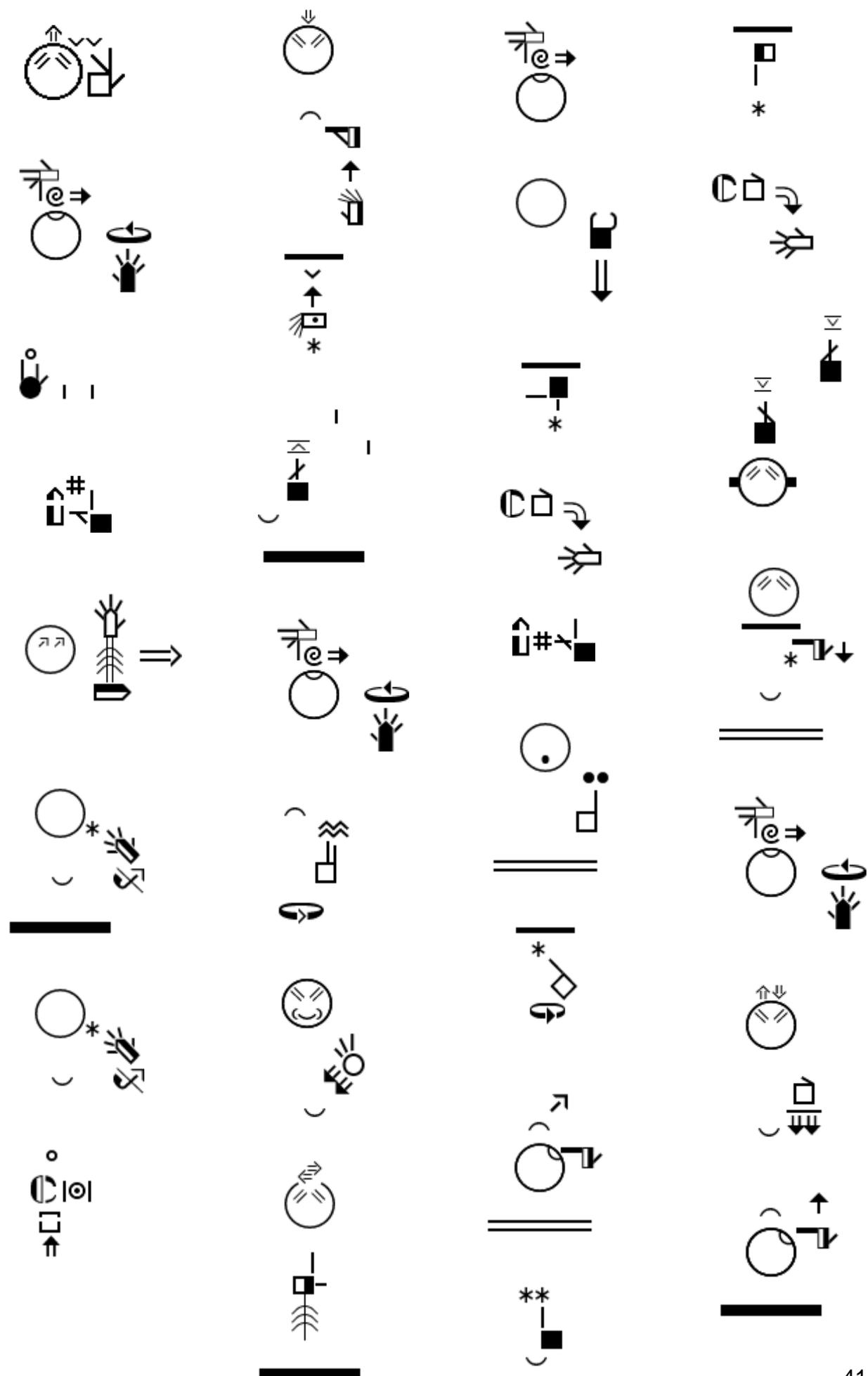
Quando chegou numa certa idade, todos os indiozinhos começaram a falar, menos Teçá, ninguém sabia o porquê. Naquela tribo era a primeira vez que uma criança não conseguia falar. Todos ficaram muito tristes, mas o grande pajé, que era muito sábio, afirmou a todos durante uma de suas conversas ao redor da fogueira:

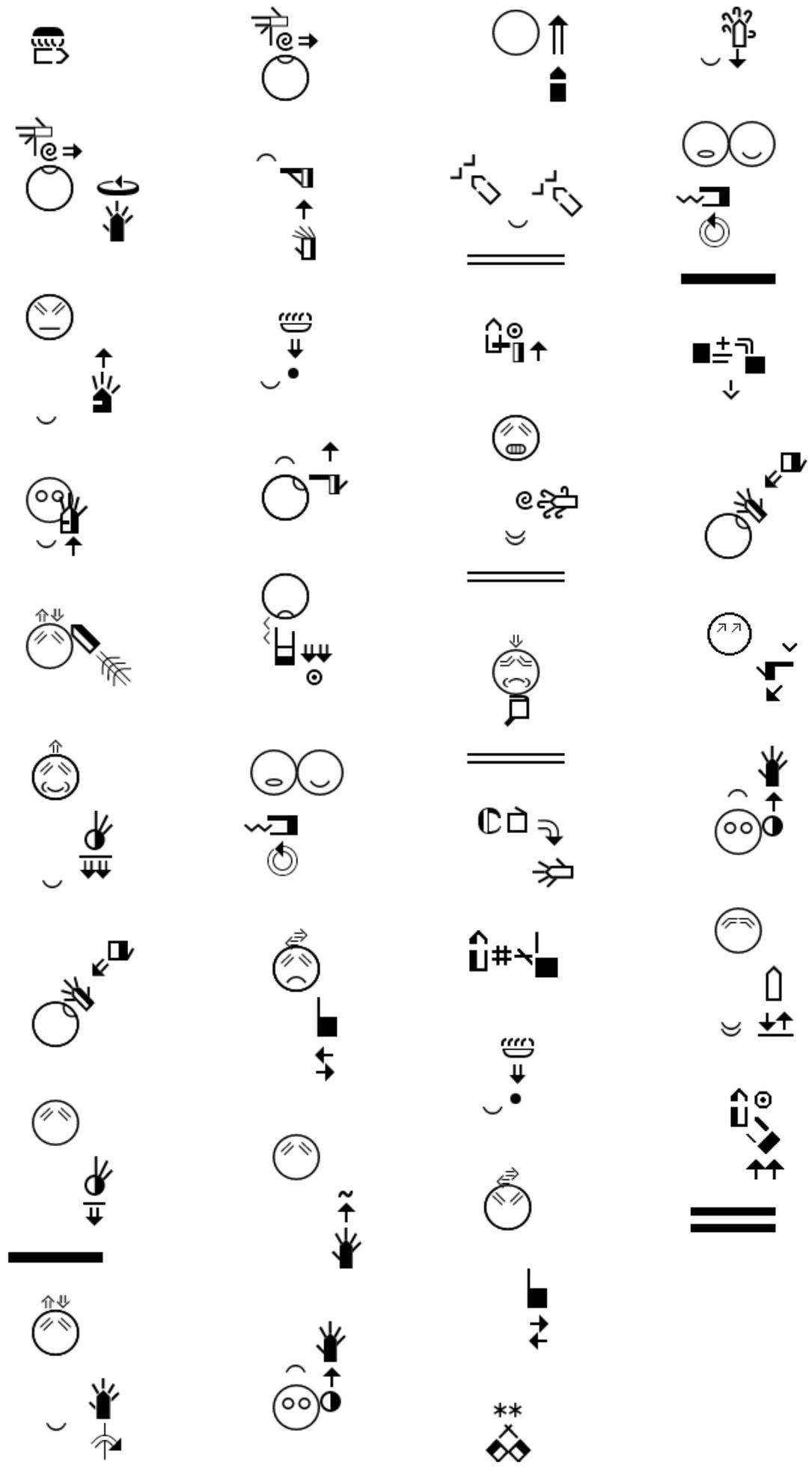
-Cada homem é um elemento da natureza. E a natureza cria todos os seus filhos de forma única. Todos nós somos únicos. Devemos aceitar a nossa condição e respeitar as condições dos outros.

Toda a tribo entendia que Teçá não falava, mas Teçá cresceu e ficou revoltado, passou a não aceitar-se, mas o pajé procurava acalmar e explicar:











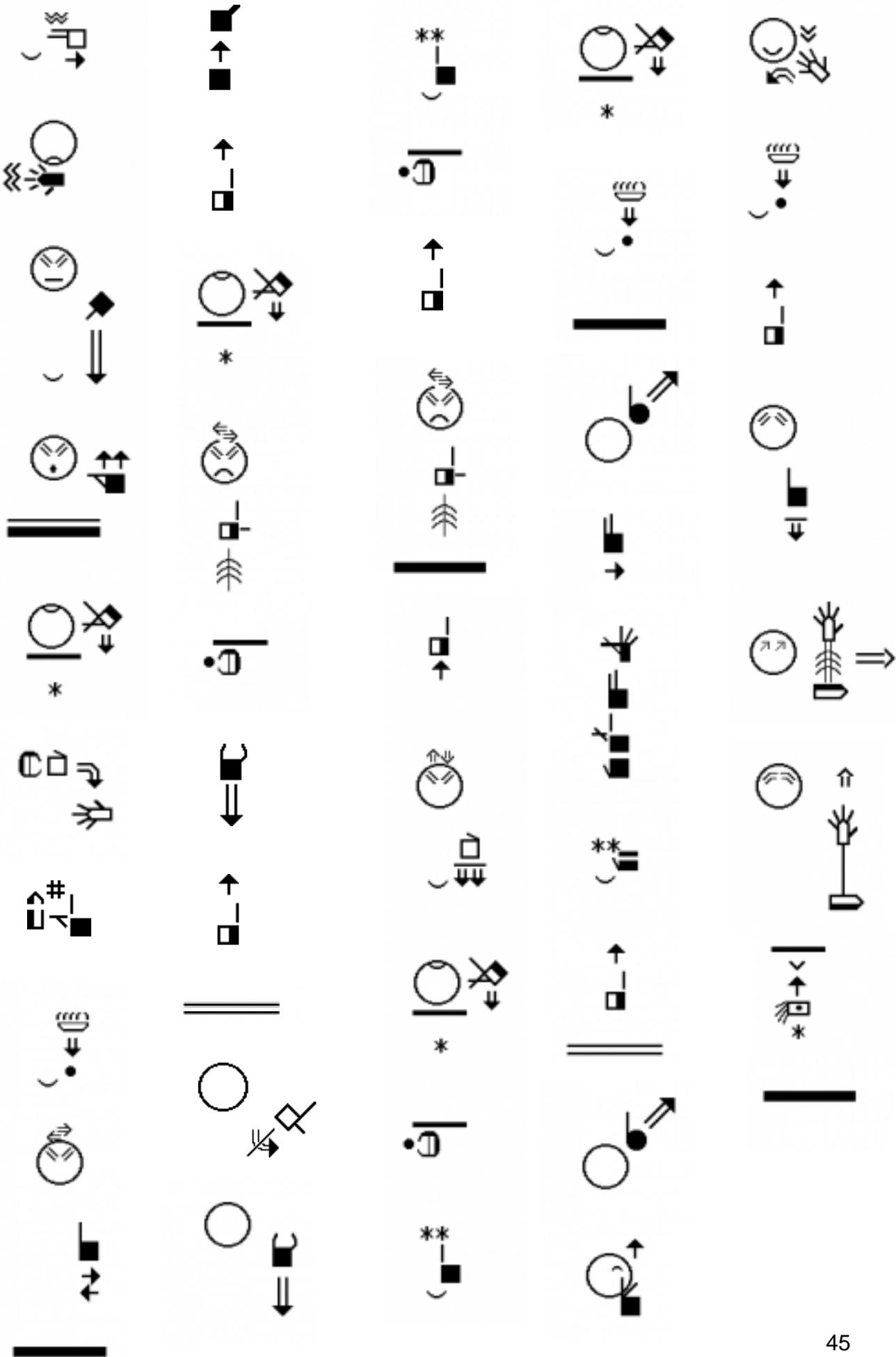


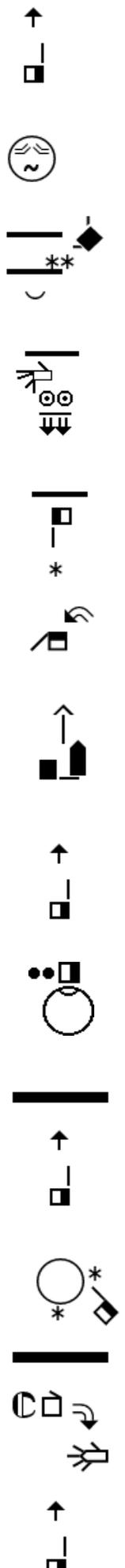
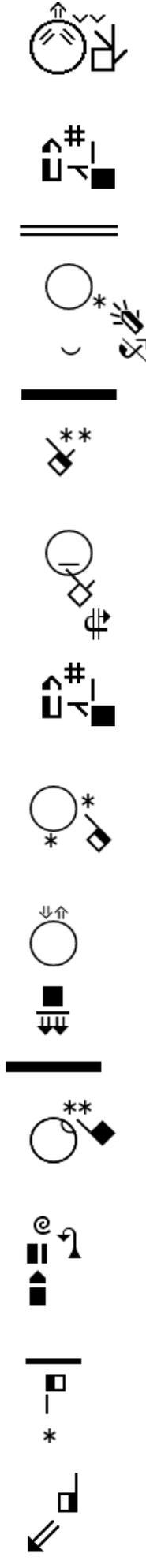
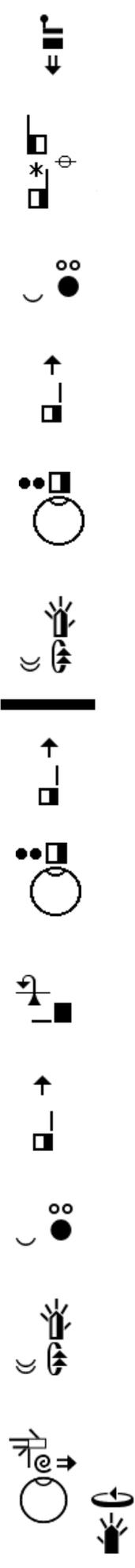
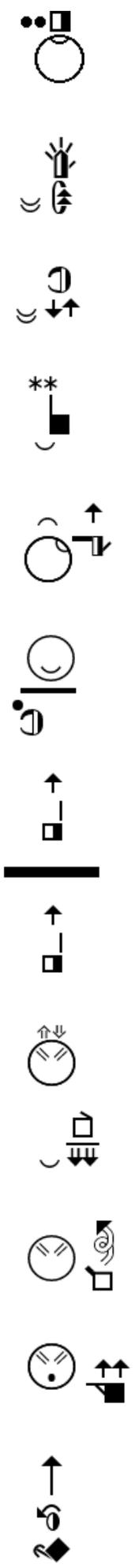
- O pior que pode acontecer ao ser humano é não aceitar-se. Como pode exigir que os outros o ame, se tu mesmo não se ama. Tu deve aceitar-te. Tupã te fez assim, és belo aos olhos da mãe natureza.

Mas a revolta do jovem só aumentava. Ele queria falar como os outros índios. E todas as noites soltava gritos terríveis que faziam tremer toda a terra. Sua presença levava medo e terror por onde passava. Em uma das noites de tamanho desespero, já cansado de seus gritos e pesadelos, adormeceu ao pé de uma grande árvore. Tupã veio em sonho e disse:

- Teçá, estou aqui para aliviar teu sofrimento. Tú és surdo. És a tua condição, és a tua natureza. Tens uma língua própria. Virei durante as noites, ensinar-te a língua de sinais. Tu poderás ensinar aos outros a tua língua, poderás te comunicar, serás respeitado e amado por todos. É só aceitar-te.





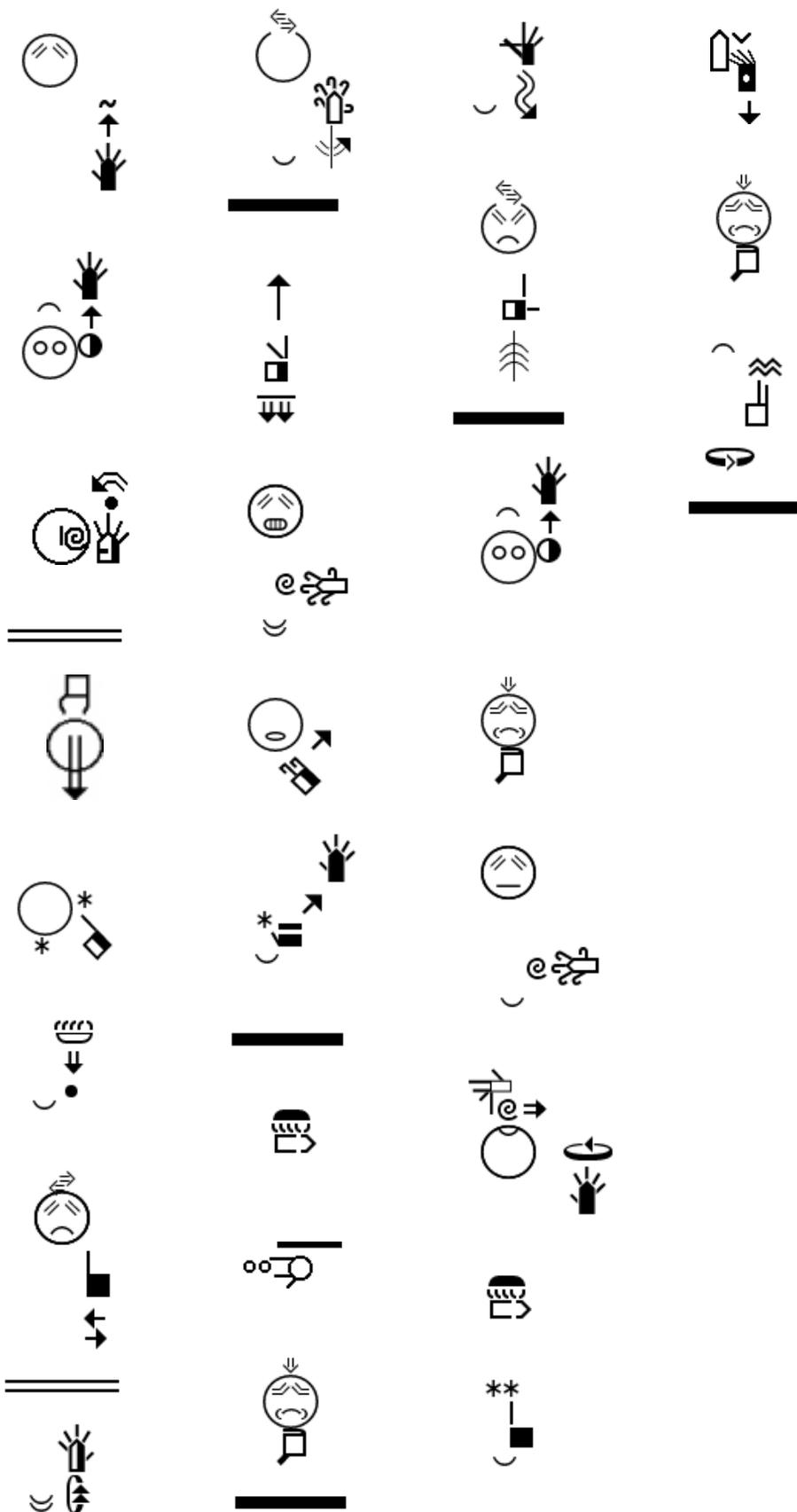






Mas o jovem se recusava a ouvir os conselhos de Tupã. Continuava a promover a desordem e a tristeza. Seus gritos espalhavam o medo, a tribo havia perdido a alegria. Fazia muito mal a todos sentir a amargura de Teçá.



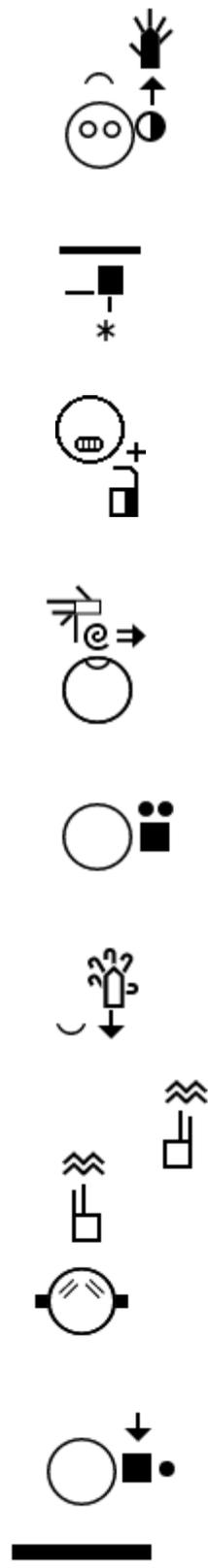
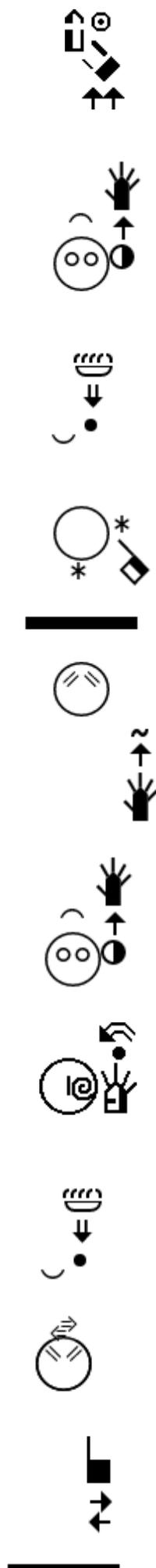






Por muitas noites, Tupã tentou convencê-lo a aceitar a sua condição de surdo. Mas o coração do índio estava fechado. Só conseguia sentir inveja dos outros que escutavam.



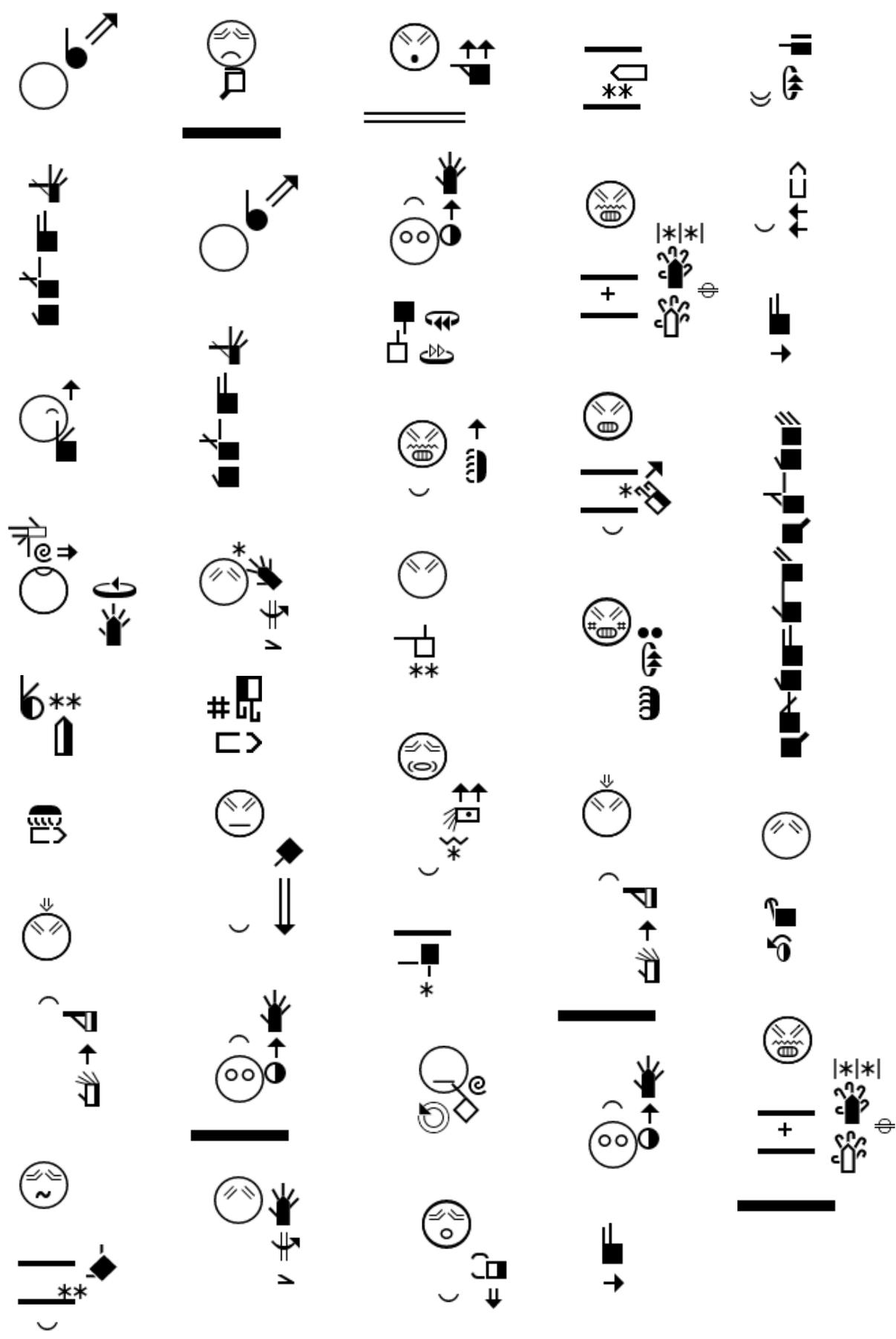






Tupã cansado de ver o sofrimento da tribo, decidiu castigar Teçá. Lançou-lhe uma terrível maldição. O índio foi transformado em uma criatura das sombras. Um monstro feio, peludo, tinha uma boca enorme na barriga por onde soltava gritos terríveis e devorava tudo que surgia pela frente. Os índios o chamavam de Mapinguari.



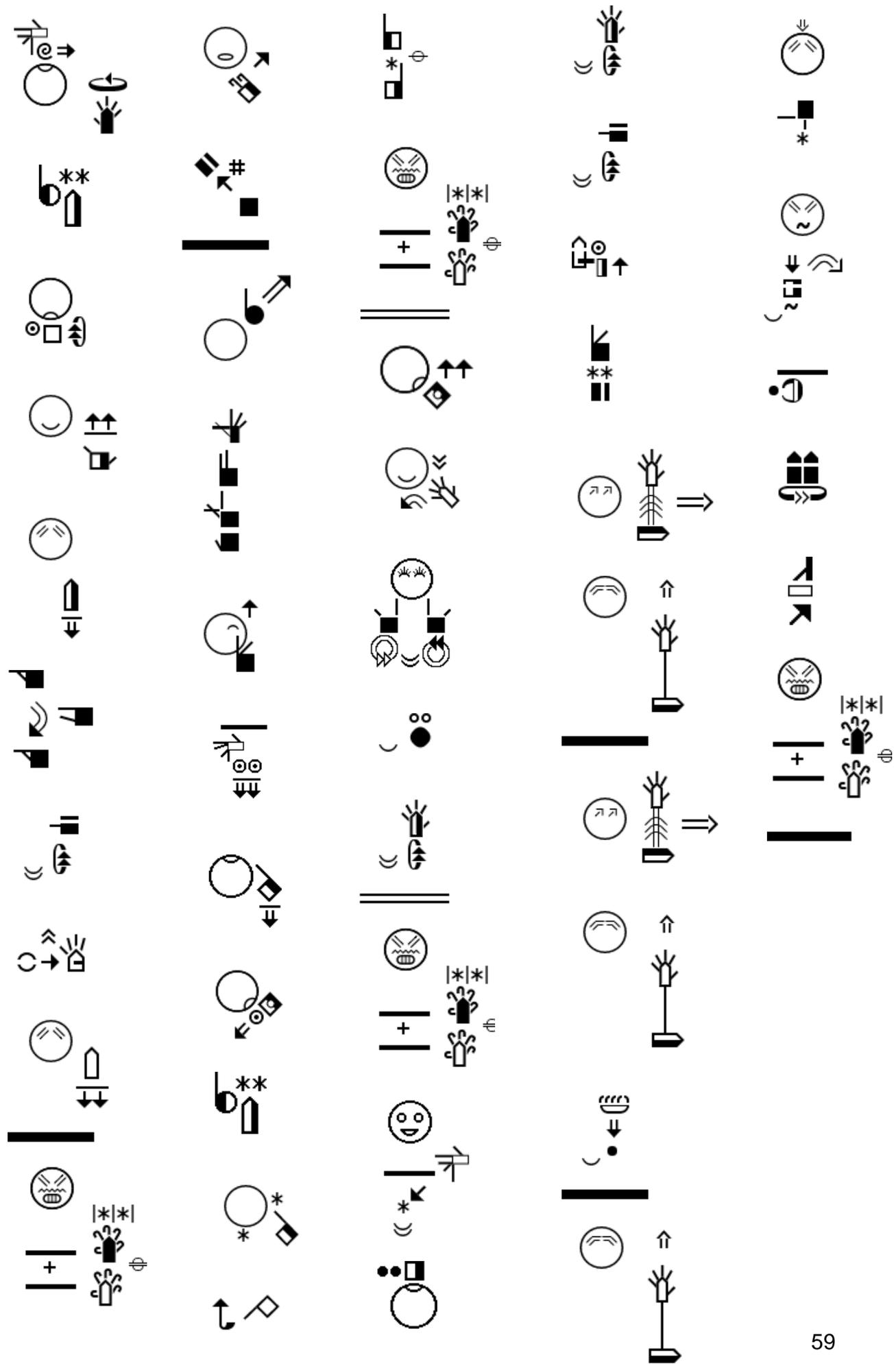






Dizem os mais velhos que há muitas luas não se escutam mais os gritos de Mapinguari, pois Tupã compadeceu-se do sofrimento do bicho e mandou uma índia para encantar Mapinguari. A jovem índia surda ensinou a língua de sinais a Mapinguari que encantou-se e tornou-se um guardião da natureza. A mãe natureza recebeu Mapinguari, transformando-o com o poder do amor e da igualdade





LENDA DO UIRAPURU

Sara Vitor Magalhães

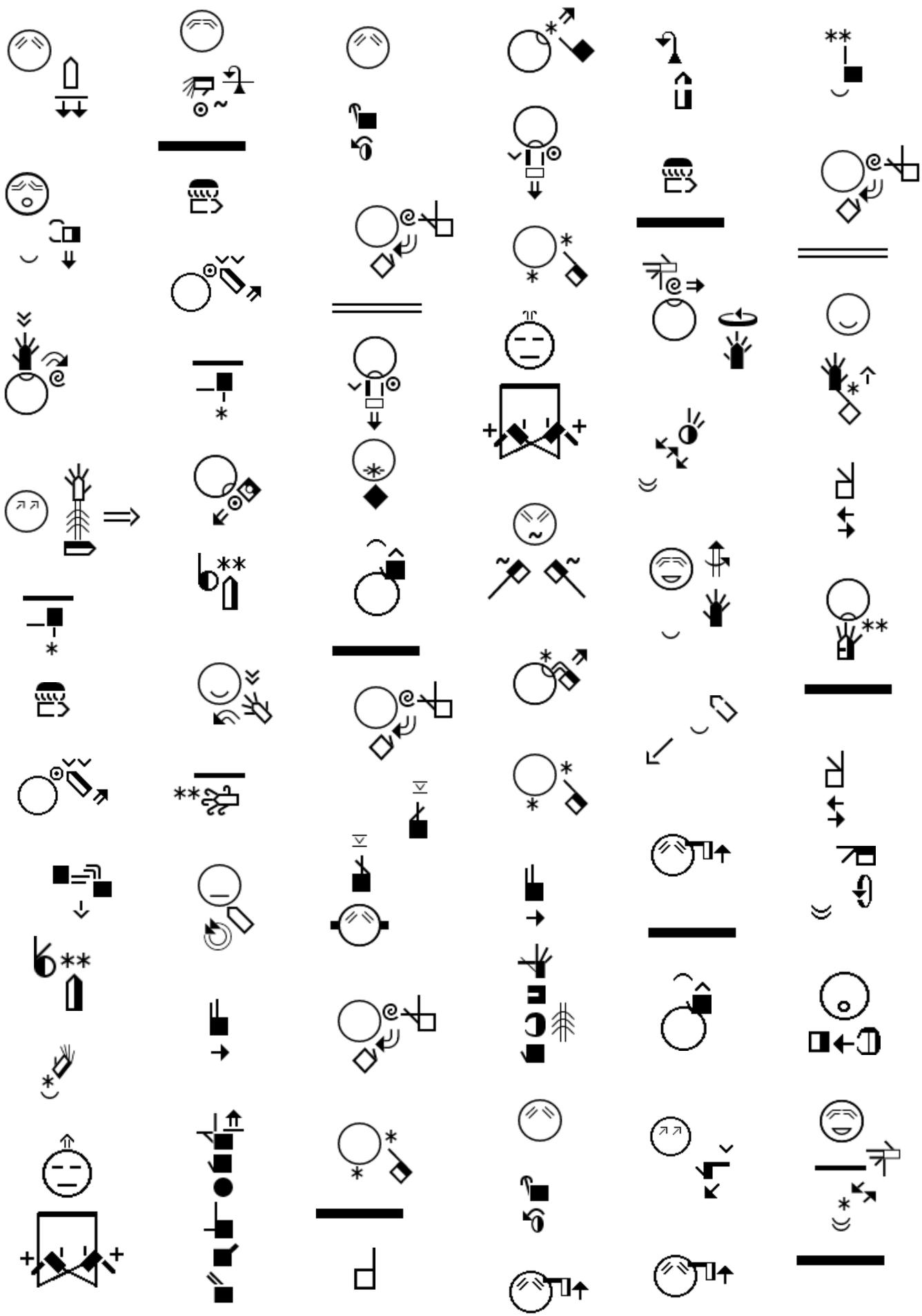




Na floresta amazônica existia uma tribo que era conhecida por seus guerreiros valentes, nessa tribo vivia uma índia de enorme beleza e doçura chamada Kaolin, filha do cacique. Ela era diferente de todos da tribo, pois era surda.

Um dia chegou a essa tribo um índio chamado Teçá, ele era forte, inteligente e surdo. No mesmo dia, fizeram uma grande festa para receber o guerreiro. Nesta festa, o cacique apresentou Teçá a sua filha. Com apenas uma troca de olhares, eles se apaixonaram.







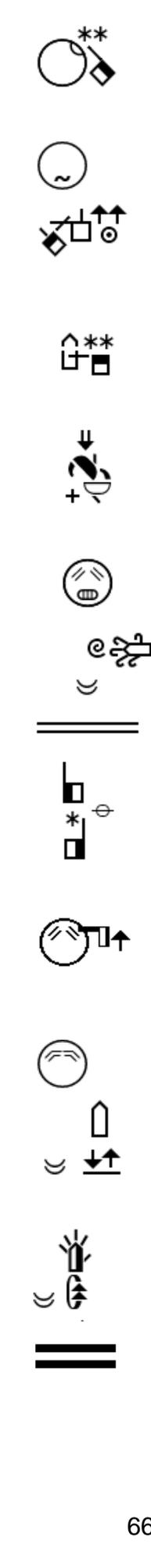
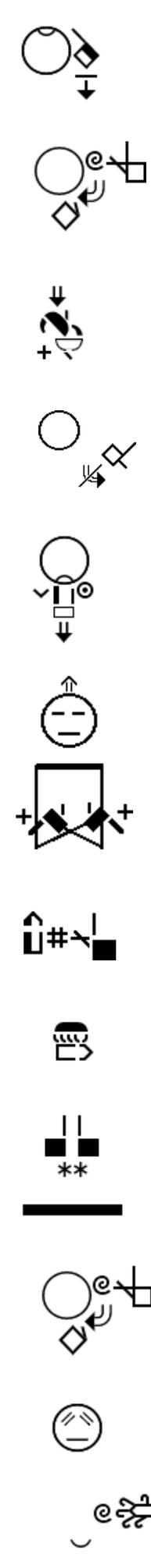
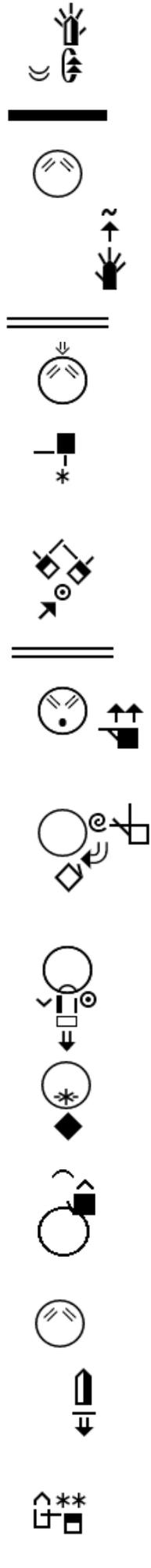
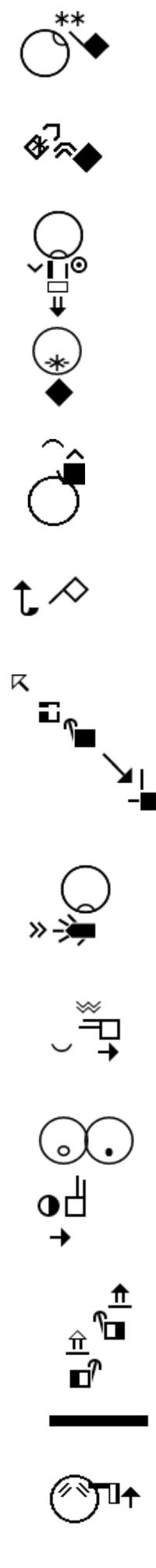


O casal encontrava-se escondido toda manhã, quando o cacique saía para caçar ou pescar, Teçá aproveitava para ensinar a Língua de Sinais indígena de sua tribo para Kaolin, pois ela nunca havia tido contato com a língua antes. No entanto, havia um problema, Kaolin já era prometida a outro guerreiro de sua própria tribo.

Certo dia Kaolin, desconfortável com a situação, sinalizou para Teçá:

- Temos que contar para meu pai sobre o nosso amor. Se ele descobrir por conta própria nunca irá nos perdoar por essa traição.





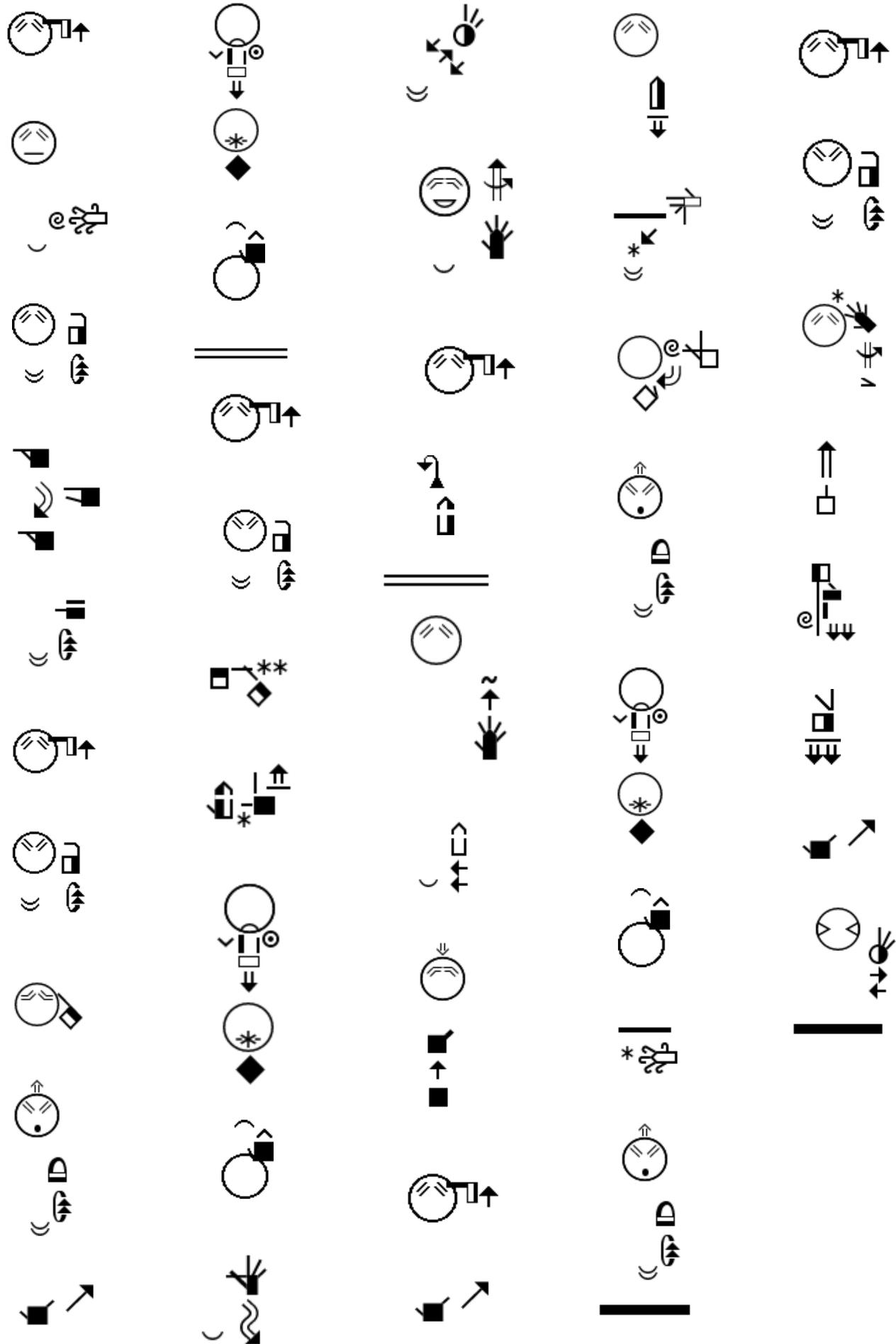


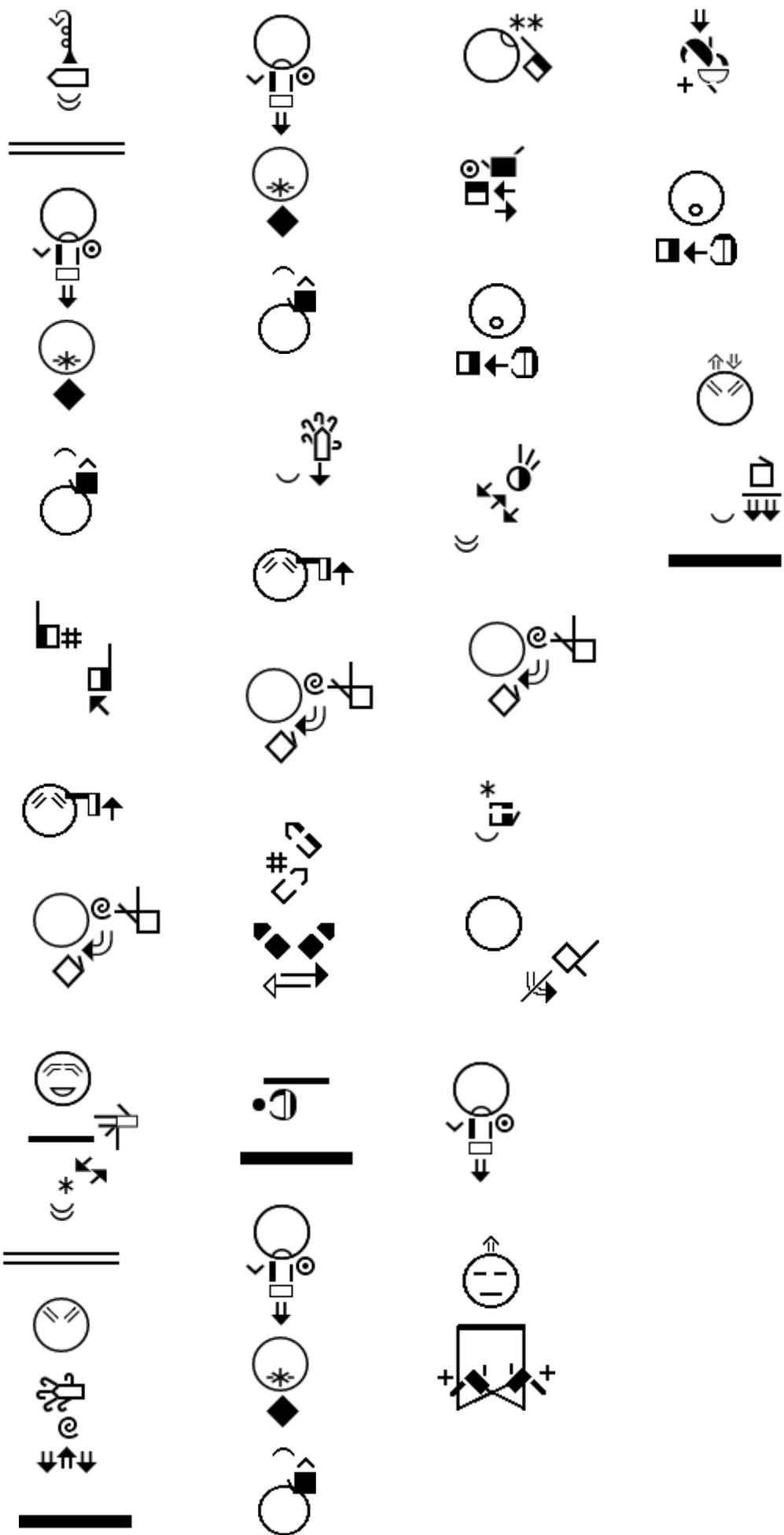


Por luas e luas, Teçá ficou aflito pensando em como contar ao grande cacique, que o acolhera tão bem, que ele estava apaixonado por Kaolin. Depois de muito pensar, Teçá desistiu de contar para o cacique o grande segredo.

Mas, após alguns dias, o próprio cacique descobriu tudo e ficou muito revoltado com os dois. No mesmo instante decidiu separar Kaolin de Teçá. E assim, tratou de preparar o casamento de sua filha com o outro guerreiro o mais rápido possível.







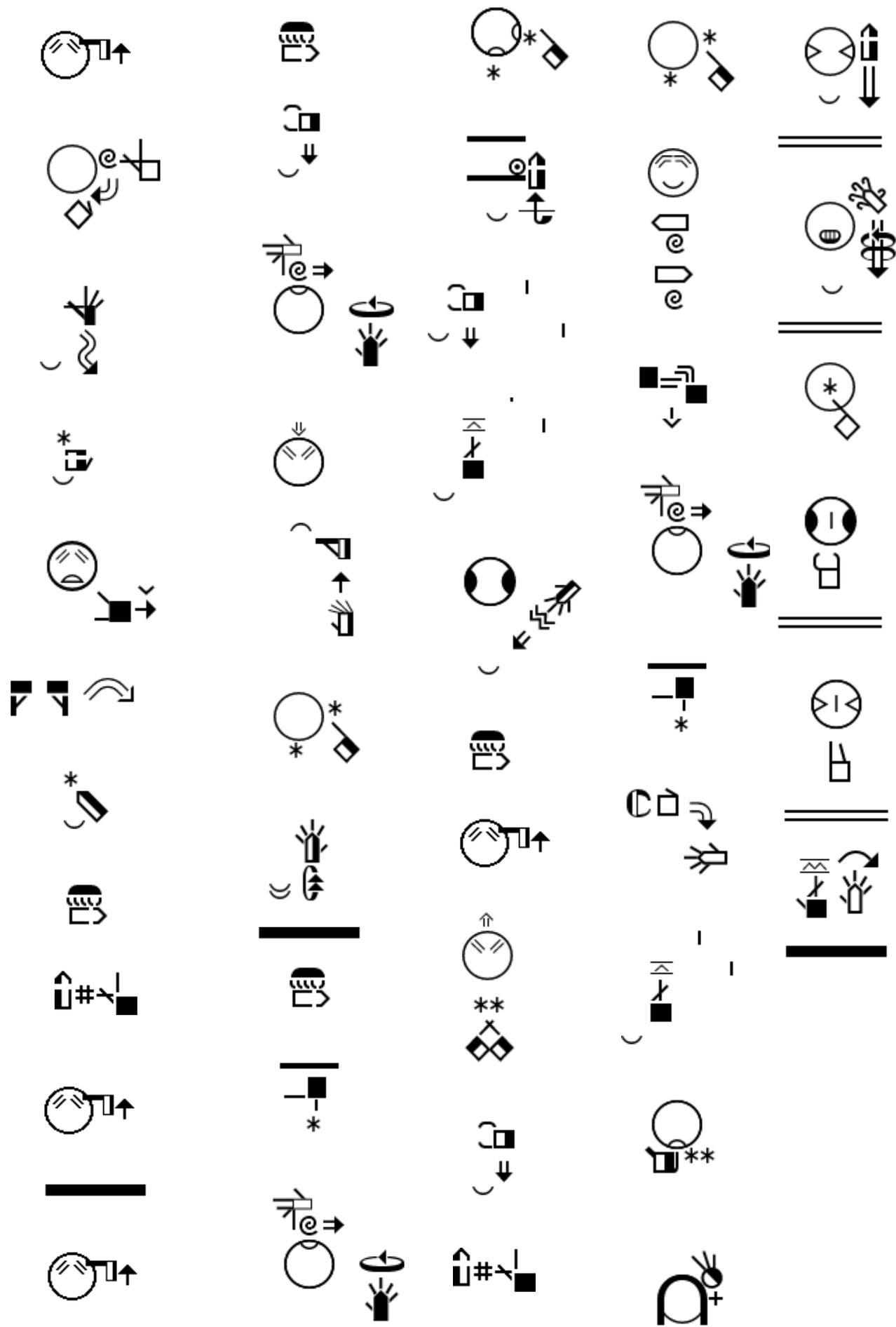




O casal passou dias sofrendo pela separação e silenciaram. Mas a data do casamento da bela índia se aproximava. O deus Tupã com pena do destino do casal transformou o cacique em um pássaro chamado uirapuru, dessa maneira não atrapalharia o amor mais bonito que aquela tribo já vira.

Felizes por finalmente poder ficar juntos Teçá e Kaolin foram embora e voltaram para a tribo de Teçá onde todos eram surdos. Essa tribo era um tipo de refúgio, onde todas as pessoas surdas tinham abrigo, chegavam de todos os lugares e com as mais diferentes características físicas.





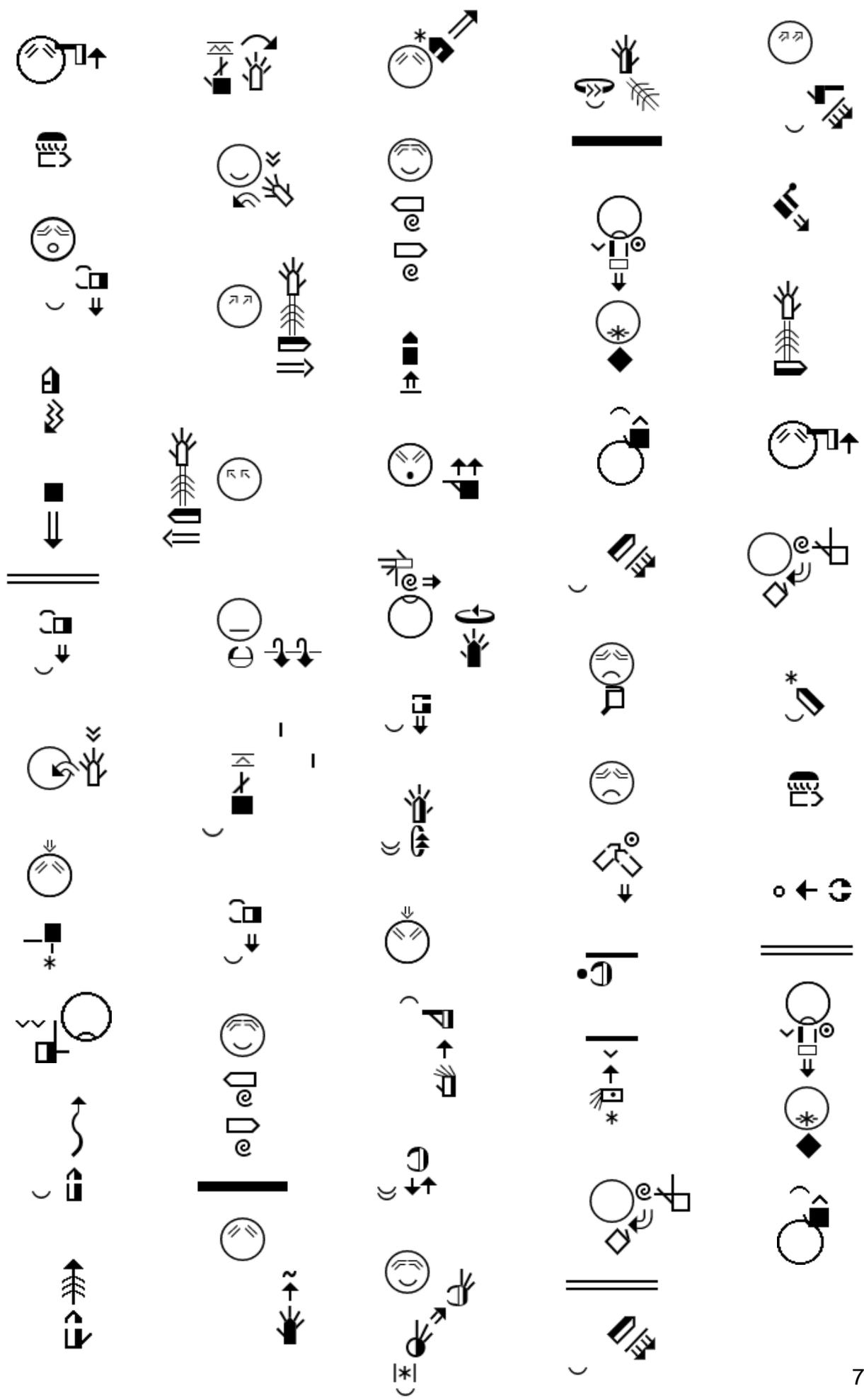


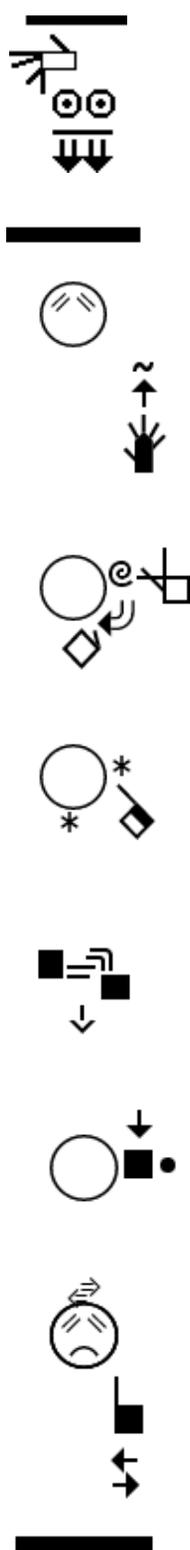
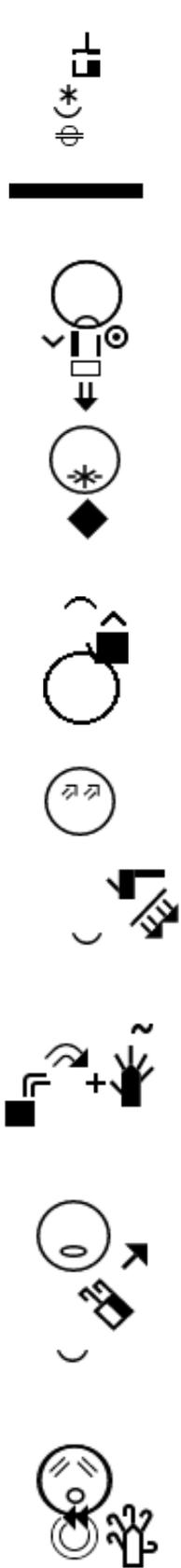


A tribo de Teçá estava localizada em meio a região sul do Brasil, onde havia um rio com enorme diversidade de peixes, árvores frutíferas por toda a parte, sem contar com a maior dádiva de todas, poder se expressar através do uso de sua língua livremente.

O cacique, já em forma de pássaro, muito triste por ter perdido o amor de sua filha, seguiu o casal para a nova tribo e passou a cantar tristemente todos os dias, bem ao lado da oca onde o casal dormia. Fazia isso para pedir perdão a sua filha, mas como ela era surda não podia ouvir o lindo, porém triste, canto de seu pai.







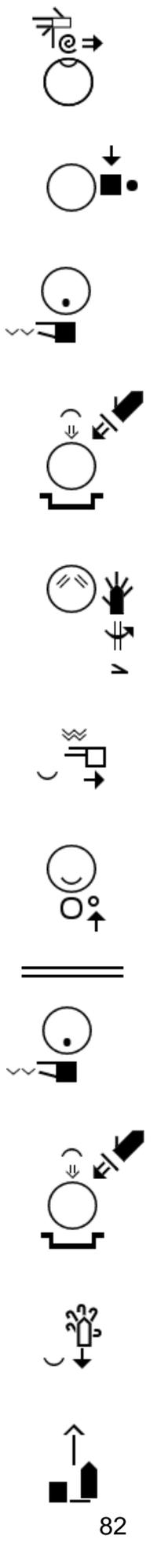
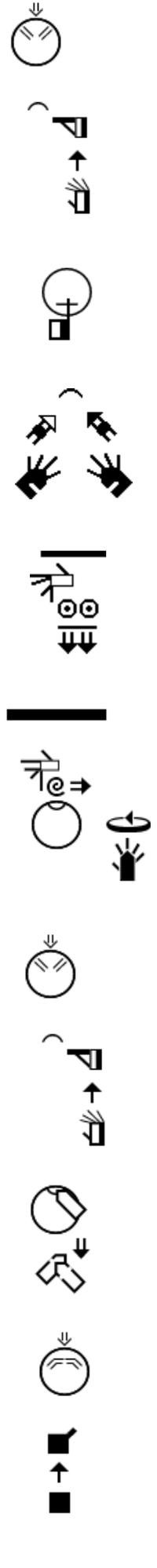
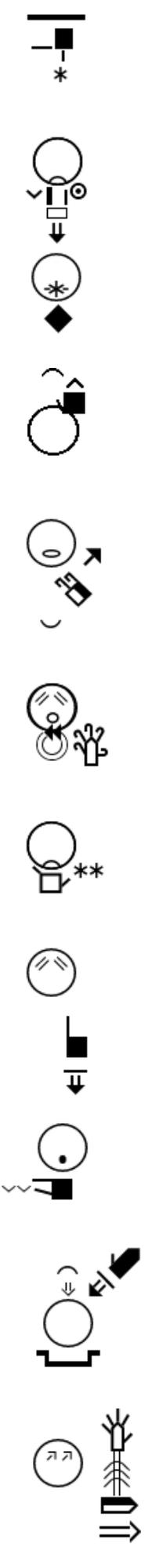
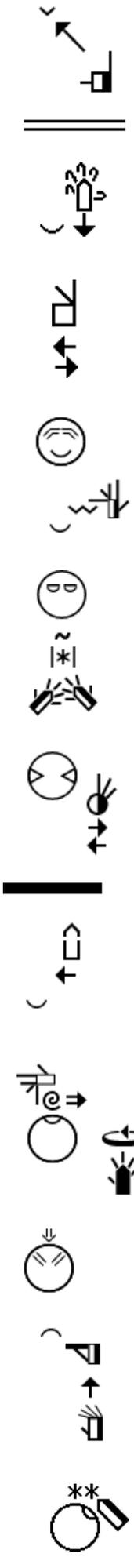


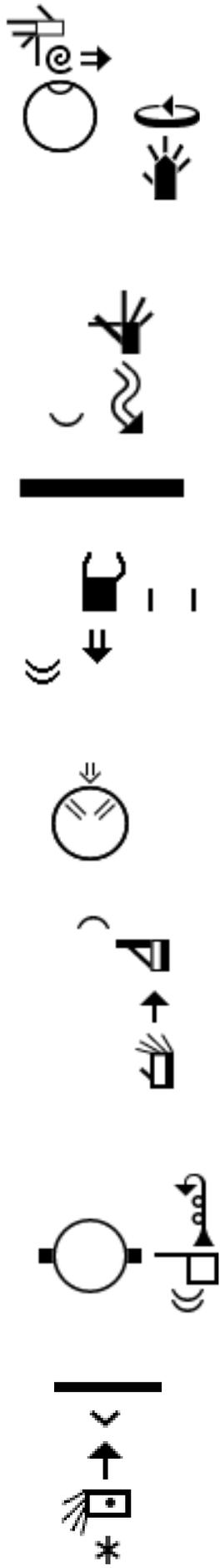
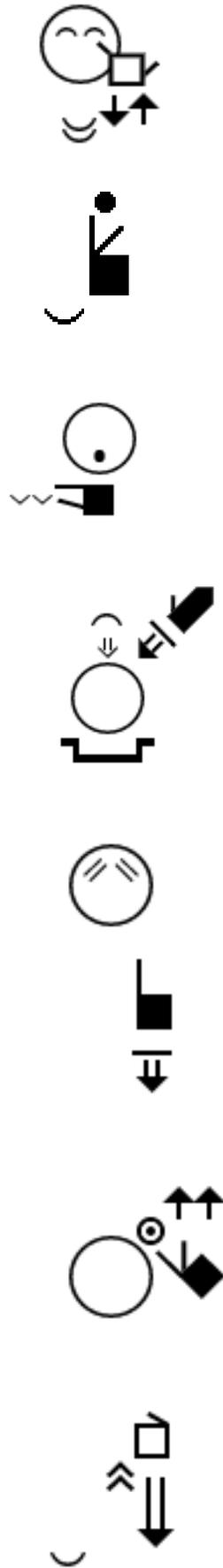


Depois de passar anos tentando pedir perdão a sua filha, o cacique tomou a decisão de isolar-se na floresta onde não poderia atrapalhar o amor de mais ninguém. Dizem que a floresta toda se cala para ouvir o canto de lamento do pai por sua filha.

Afirmam que quem puder ouvir o canto do uirapuru terá um desejo realizado, pois este pássaro mágico deseja a felicidade de todos. Até os dias de hoje a lenda do Uirapuru é passada de geração a geração para transmitir o poder do amor.







O BOTO COR-DE-ROSA-SURDO

Suelem Maquiné Rodrigues

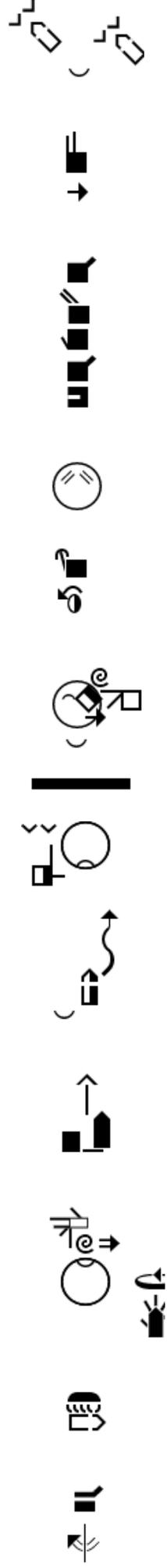
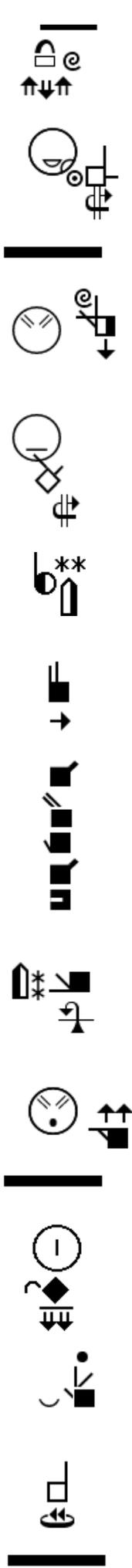
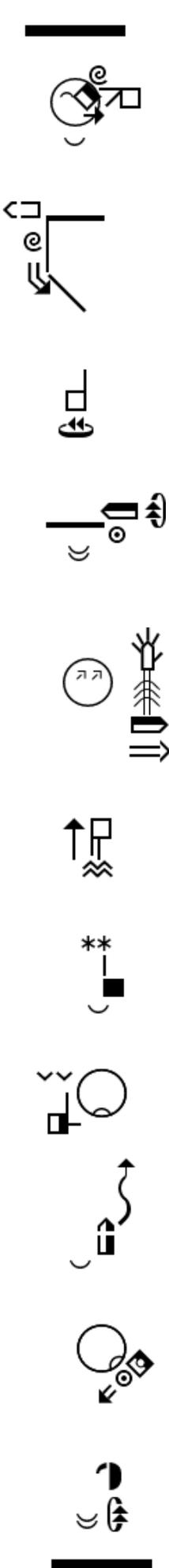
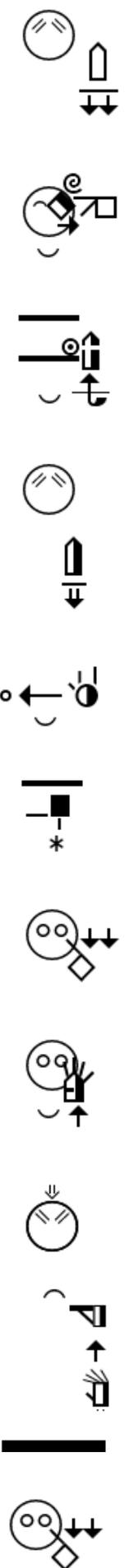


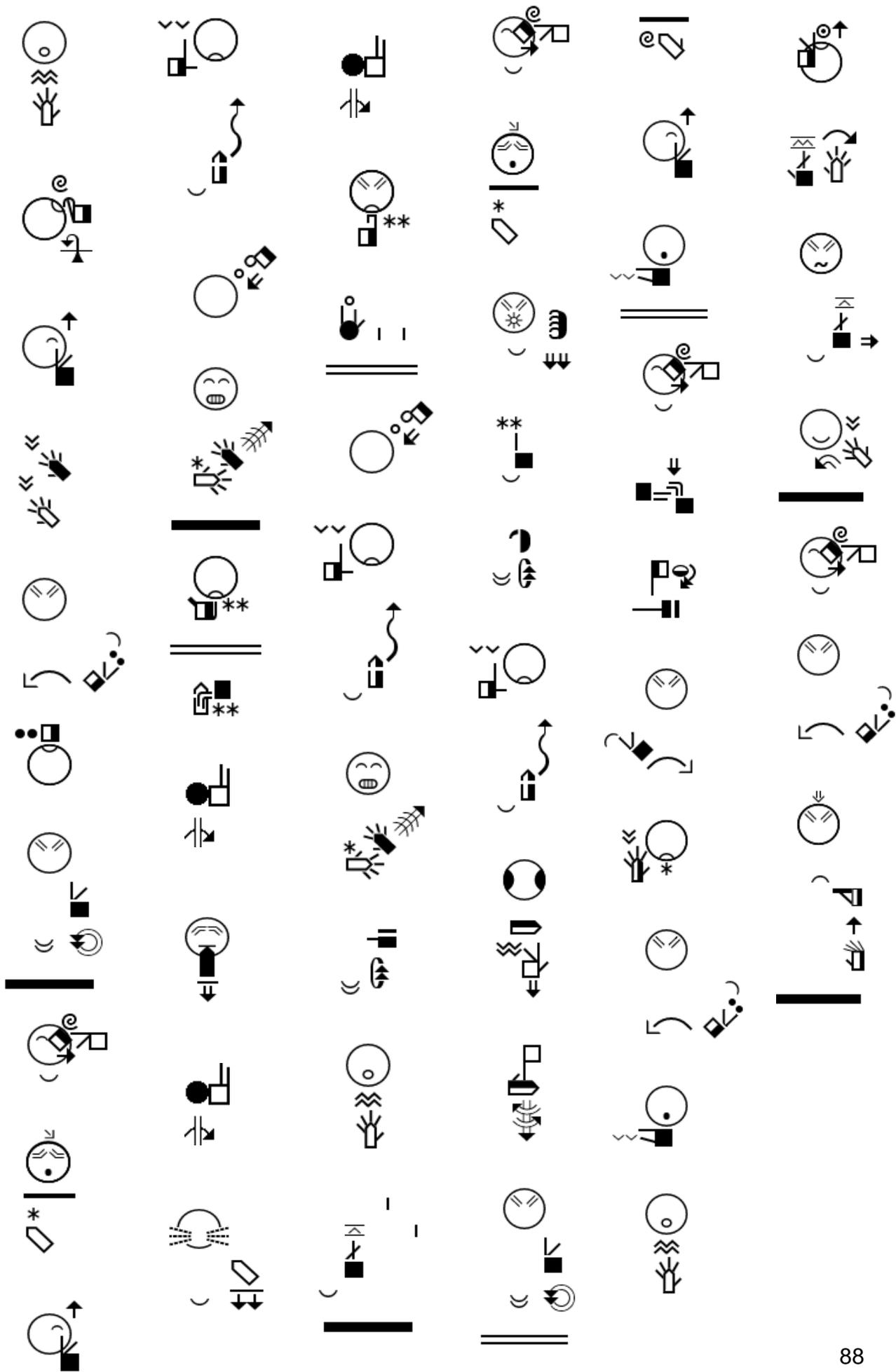


Muito além das águas do Rio Amazonas, vivia uma jovem índia junto a sua tribo. Passava o dia a trilhar os caminhos da floresta e a banhar-se nas águas do rio que trazia vida ao seu povo. Chamava-se Inaiê, que na língua de seus ancestrais significava “águia solitária”.

Desde que nascera, Inaiê percebia o mundo de forma diferente. Era atenta, abria seus olhos negros e desvendava o mundo ao seu redor. Gostava da cor do sol refletida na água, observava como essas cores mudavam de acordo com as horas do dia e a época do ano. Deliciava-se com a chuva, aproveitava os longos mergulhos e passava horas a observar os passarinhos e suas exuberantes cores. Nada passava despercebido aos olhos de Inaiê.









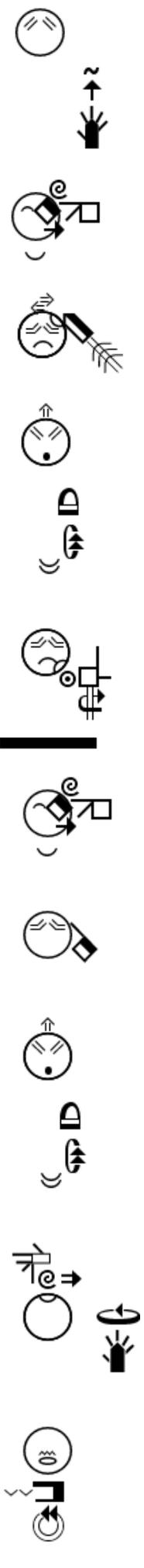
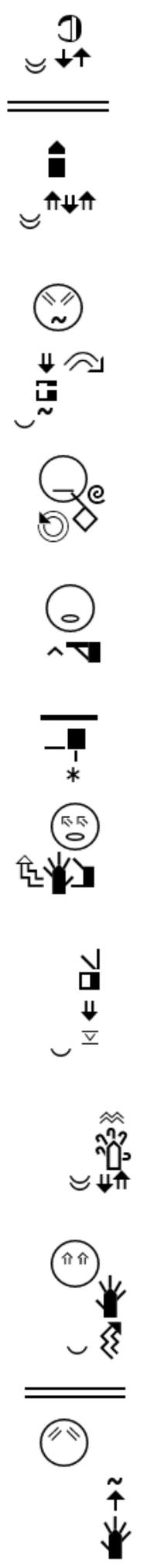
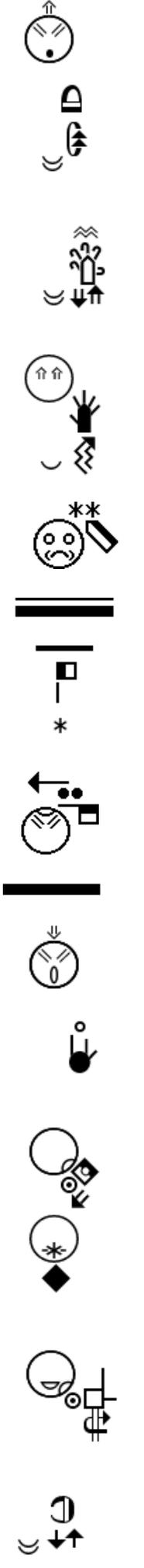
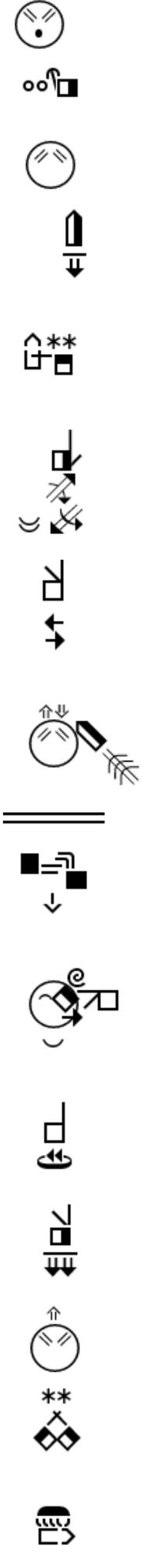


Desde criança, percebia que era diferente. Não entendia como seu povo se comunicava. Pensava “será que eles soltam uma fumaça quando abrem a boca, então os outros veem a fumaça e conseguem entender? Será que só eu não consigo fazer fumaça?”.

Somente a mãe de Inaiê conseguia comunicar-se um pouco com a filha, elas tentavam estabelecer comunicação por gestos que só as duas entendiam. E assim, passavam-se os dias de solidão da jovem índia surda, que não entendia sua condição.

Inaiê andava, andava, andava pela floresta... buscava entender o mundo que a rodeava e, a cada dia, seus dias ficavam mais tristes e solitários.



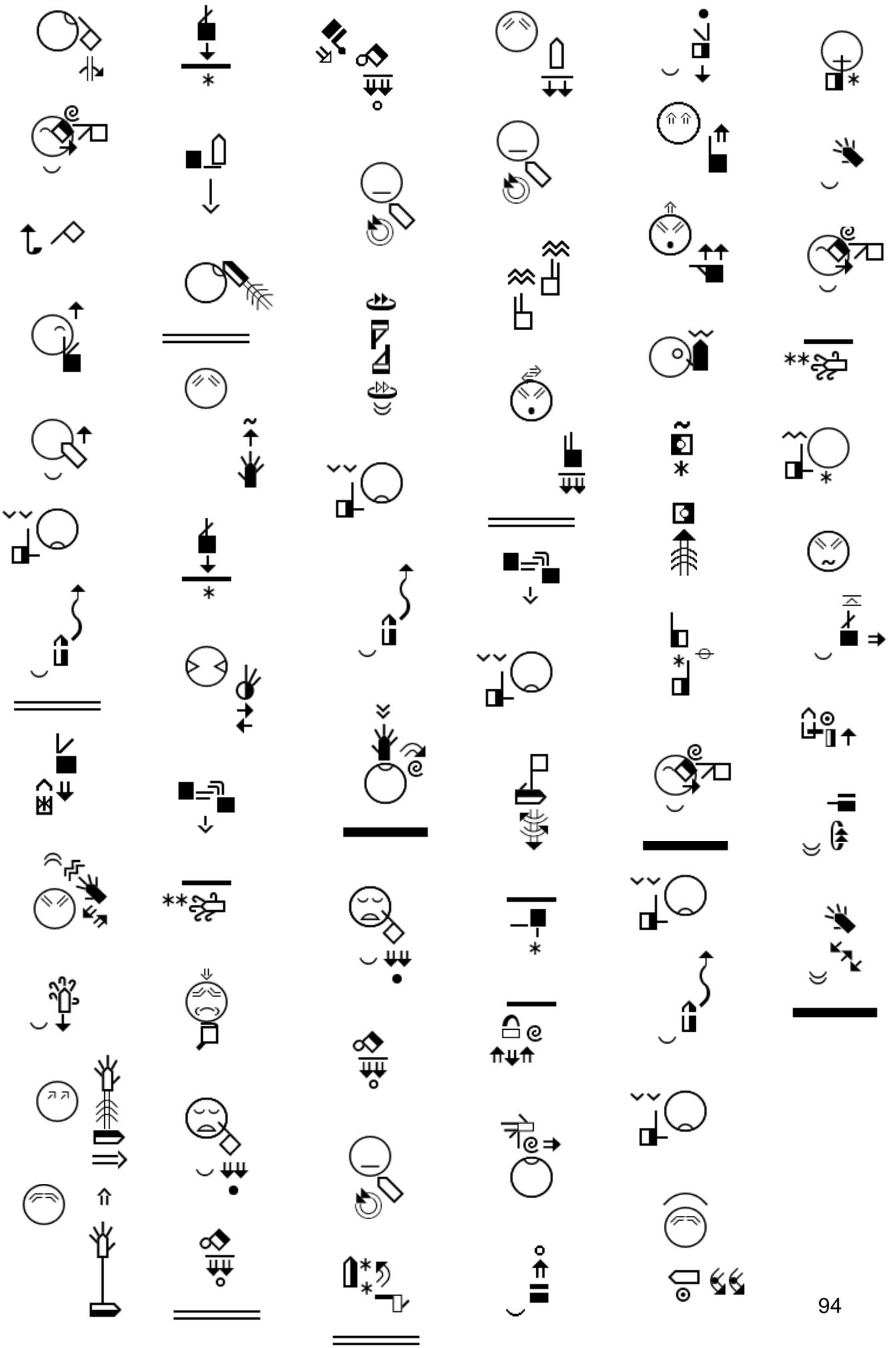


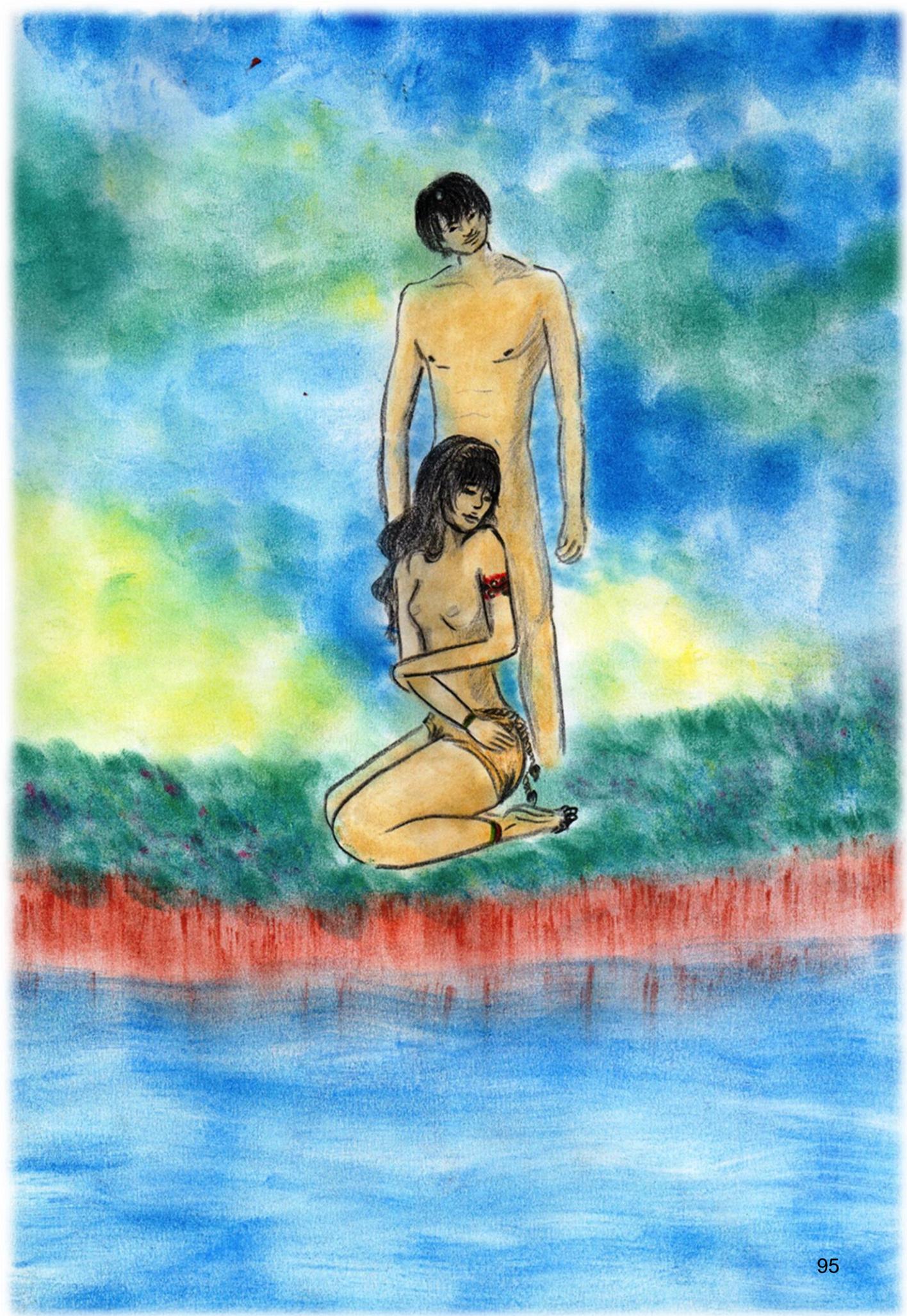




Certo dia, a índia estava à beira do grande Rio Amazonas, deitou-se à margem e colocou o seu ouvido no chão, na esperança da Mãe Terra dá-lhe alguma resposta, mas o silêncio perdurou. Inaiê chorou, e suas doces lágrimas misturaram-se às águas do Rio Amazonas. Eram as lágrimas mais doces que aquele rio já recebera. E foi com a doçura das lágrimas que atraiu um ser mágico que vivia nas águas do rio. E as águas do rio que estavam calmas de tanto contemplar a tristeza de Inaiê, começaram a tremular.





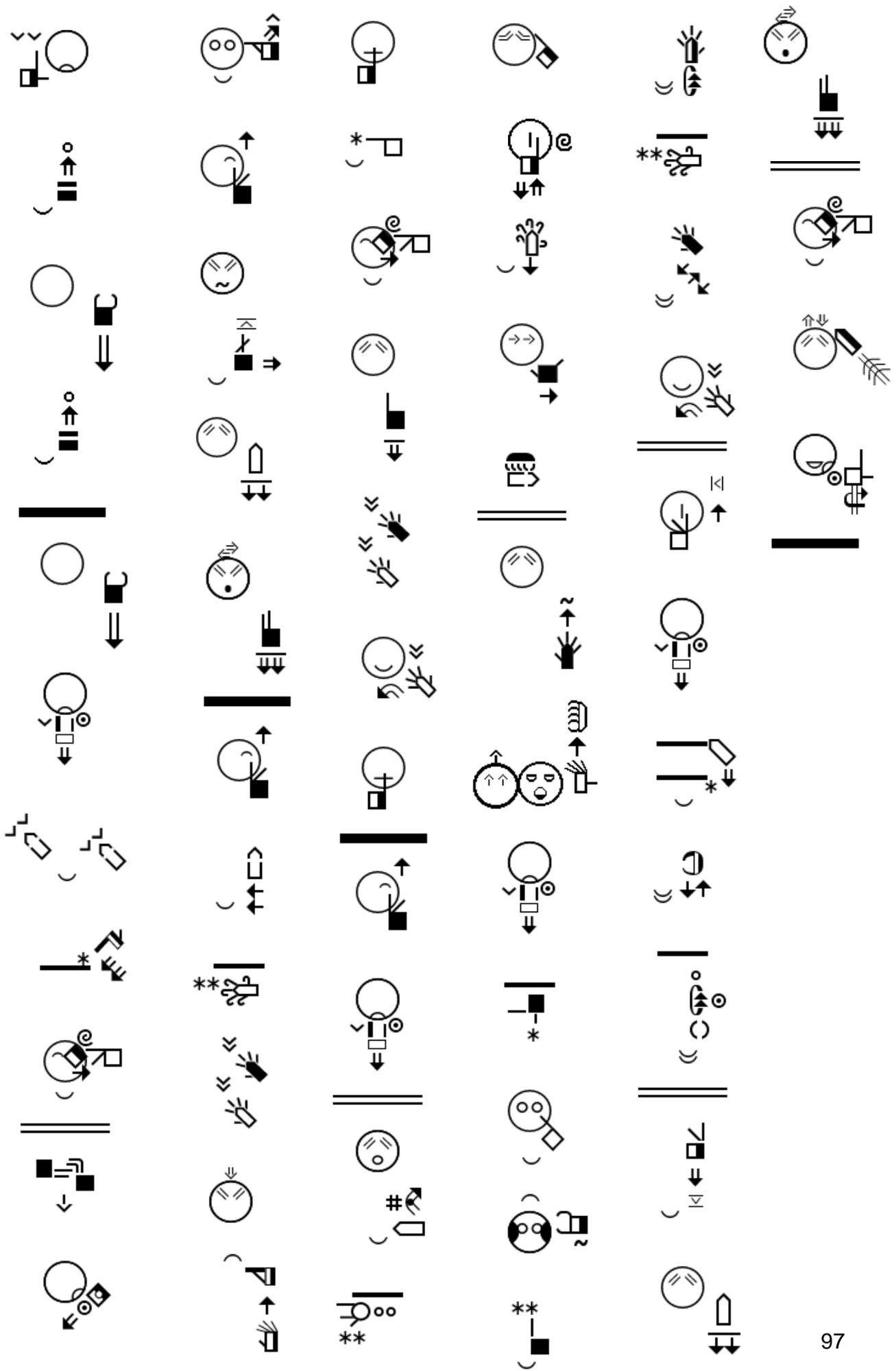




Dessas águas saiu um moço que foi ao encontro da jovem, tocou-lhe o braço. Esta espantou-se, abriu seus grandes olhos e deparou-se com uma visão nunca antes contemplada...fez-se silêncio na floresta e por um instante o mundo foi de Inaiê, era um mundo da beleza e do silêncio, era o mundo de Inaiê.

Por um instante, a índia quis livrar-se do moço, ficou com medo, quis pedir socorro a sua tribo. Mas já estava envolvida pelos grandes olhos daquele homem e por suas suaves mãos que deslizavam no ar, a dizer-lhe o que antes ninguém nunca tinha dito. O corpo do homem era como uma canção que falava a Inaiê, e ela o compreendia.



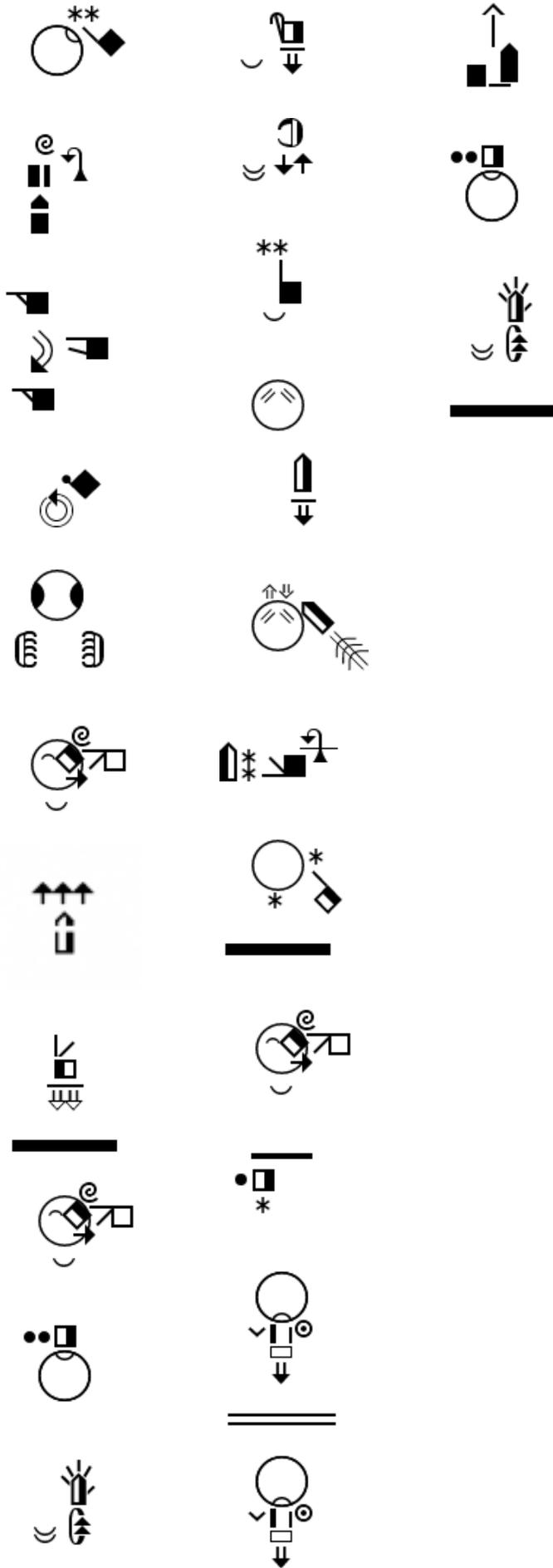






Os encontros estenderam-se por dias, sempre nas noites de lua cheia. Aos poucos, Inaiê compreendeu que também poderia se comunicar, aprendendo os sinais e conhecendo sua natureza surda. Além do amor, aquele moço misterioso trouxe-lhe também a Língua de Sinais.



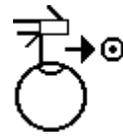
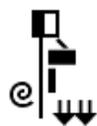
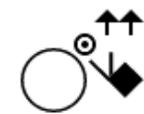
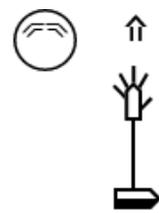
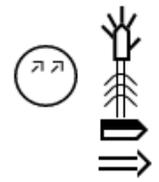
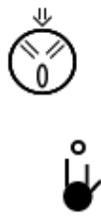
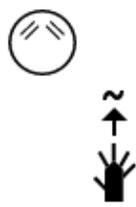






Mas como nos mistérios e milagres que só a Mãe Natureza sabe explicar, o grande amor de Inaiê sumia nas águas. Deixando-lhe novamente em solidão.







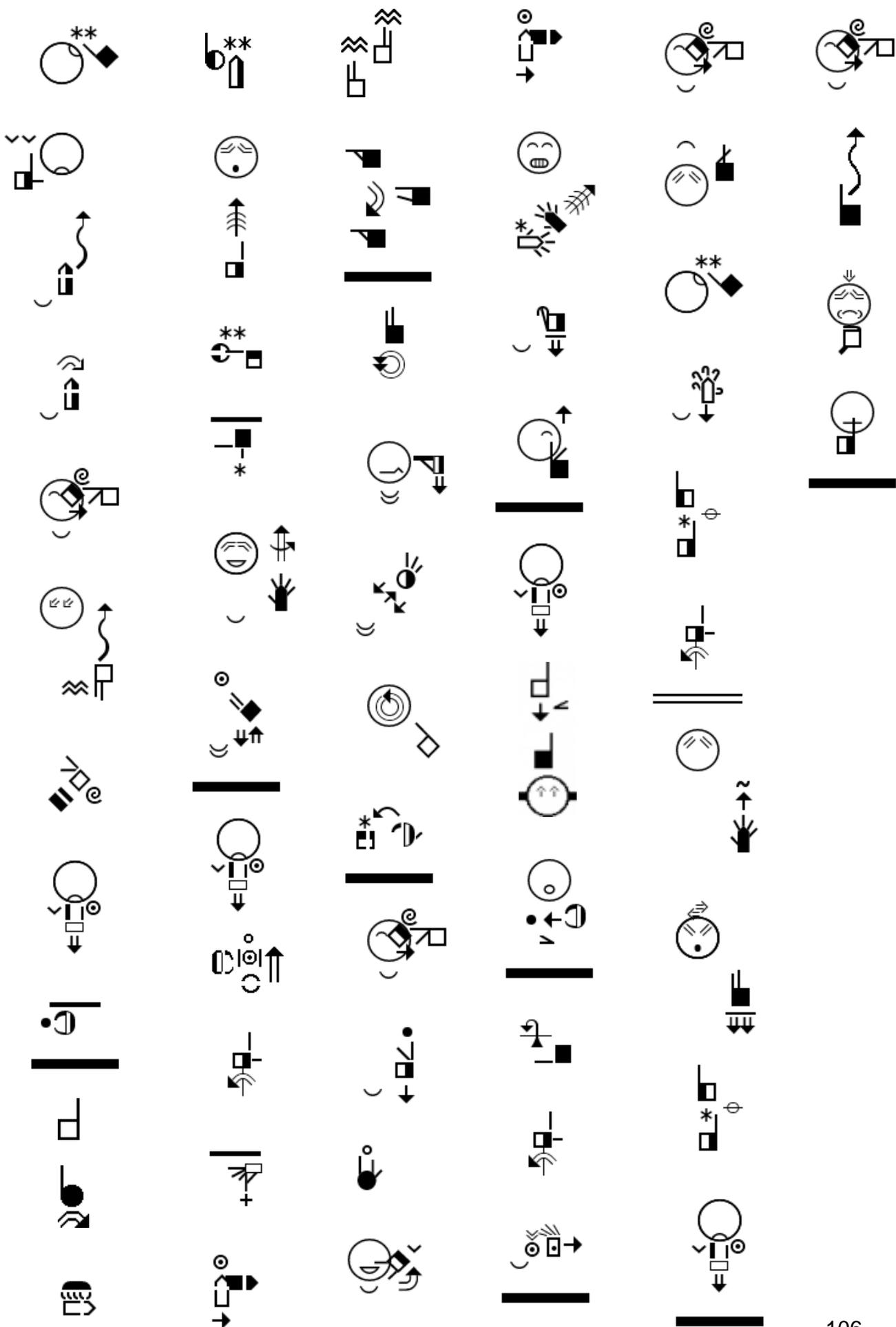


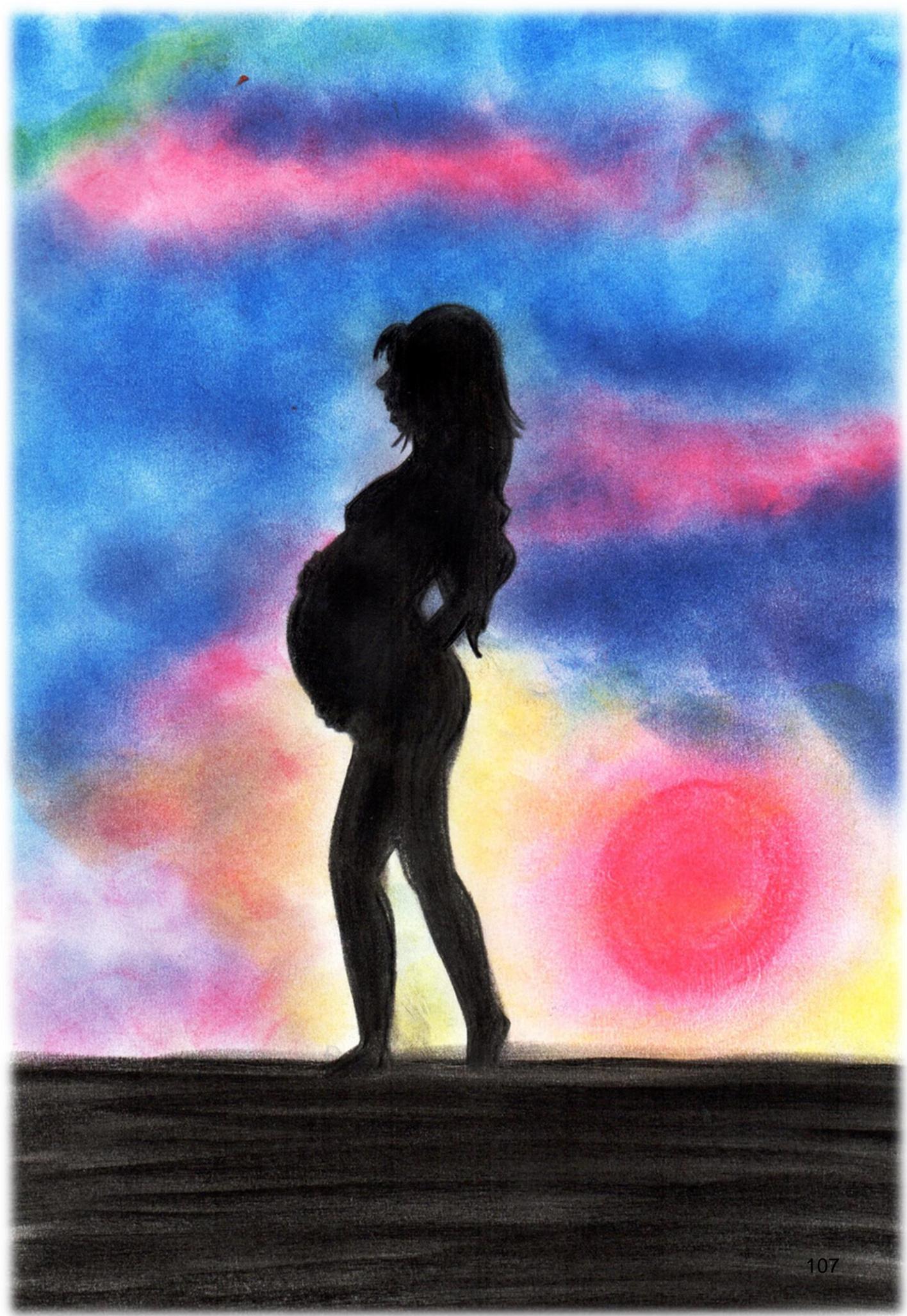
Ela passava os dias a caminhar na beira do rio, com olhar distante à procura do seu amado. Até que em uma noite de festa junina e fogueiras ao longe no povoado, ele reapareceu. Sua roupa era tão branca que confundia-se com a lua, formando uma única imagem. O chapéu debruçado sobre o rosto escondia-lhe as feições, revelando apenas um sorriso luminoso. E vinha na velocidade do vento ao encontro da amada.

E no mesmo mistério que veio, foi-se.

Inaiê esperou por luas e luas, e seu amado nunca reapareceu. Aos poucos, a índia caiu em tristeza e silêncio mais uma vez.



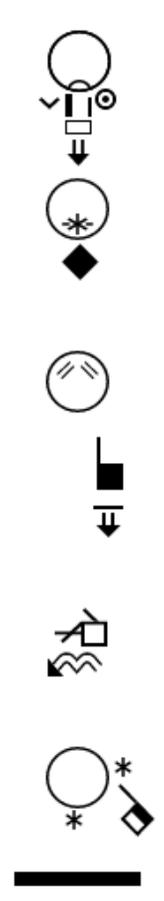
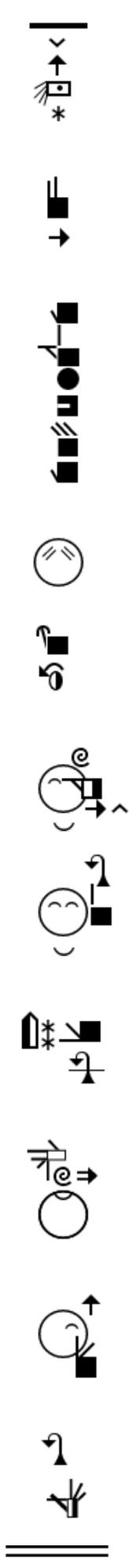
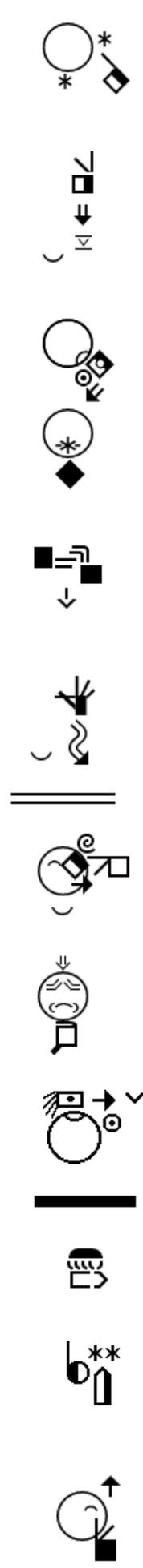
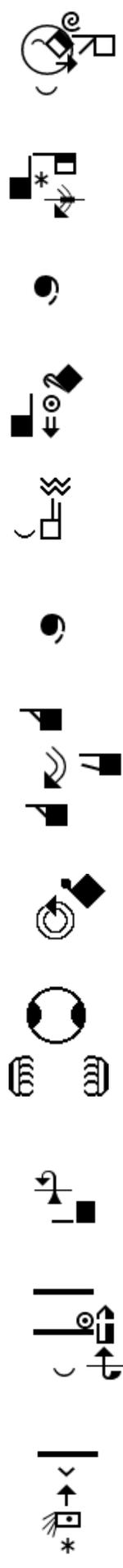






Mas toda a tristeza acabou-se quando depois de nove luas cheias, Inaiê deu à luz a um lindo curumim, que, assim como a mãe, era surdo. Assim, toda a tribo passou a conhecer e a respeitar a língua dos surdos. E o pajé afirmou ao curumim: - És Apoema, aquele que vê mais longe, o filho do boto surdo.





LENDA DA VITÓRIA-RÉGIA

Suelem Maquiné Rodrigues

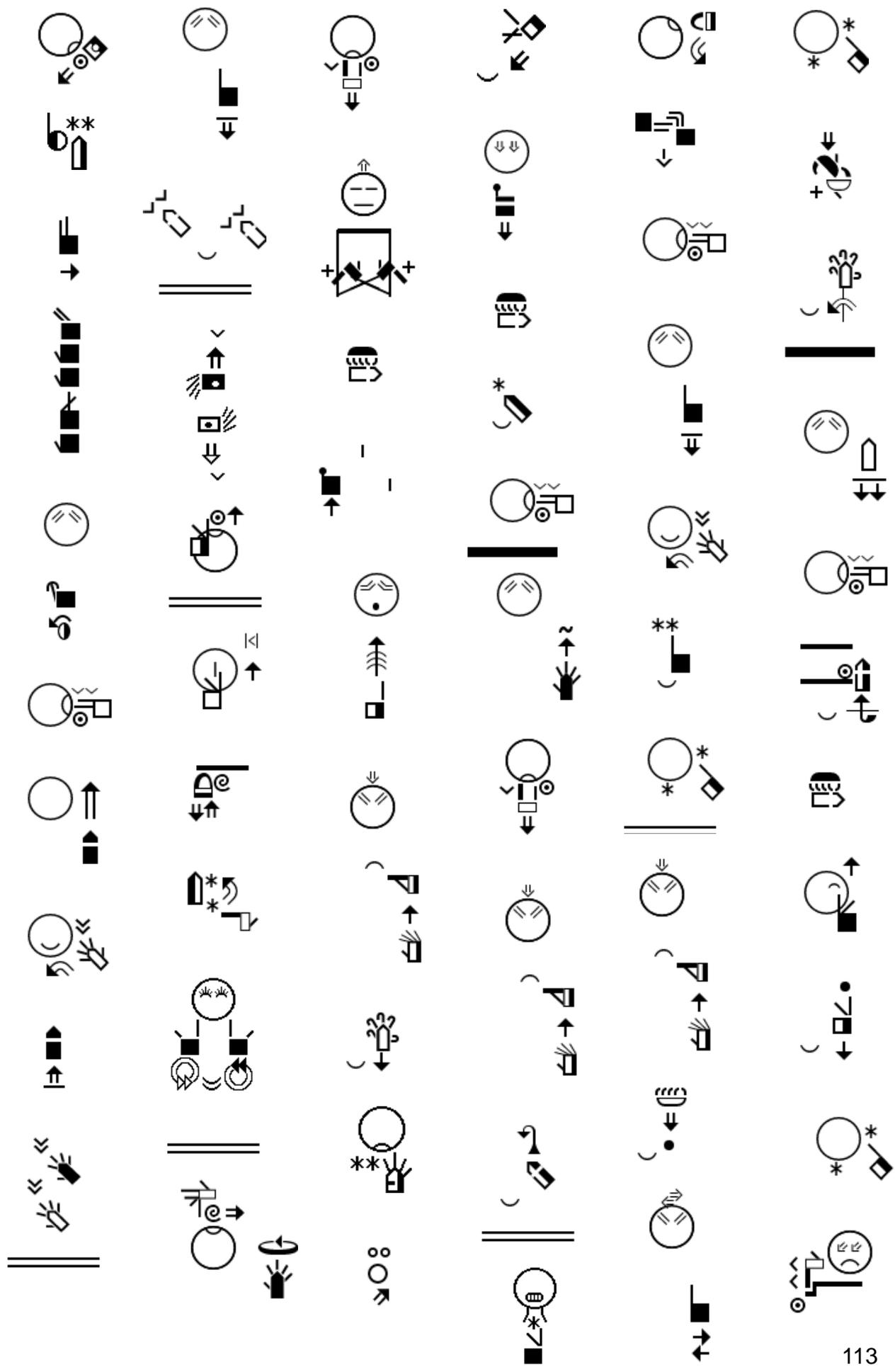


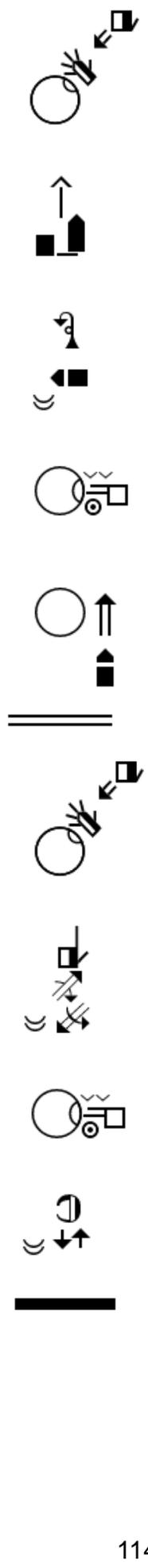
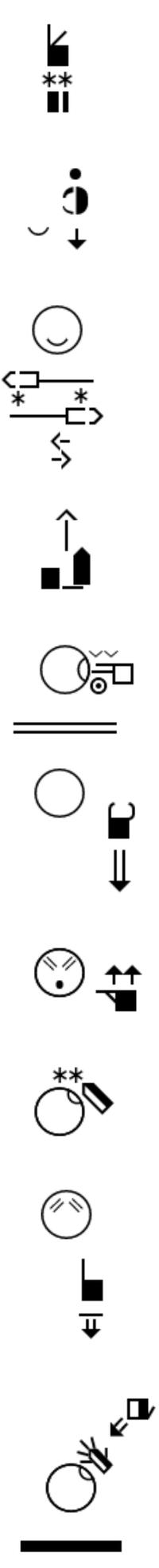
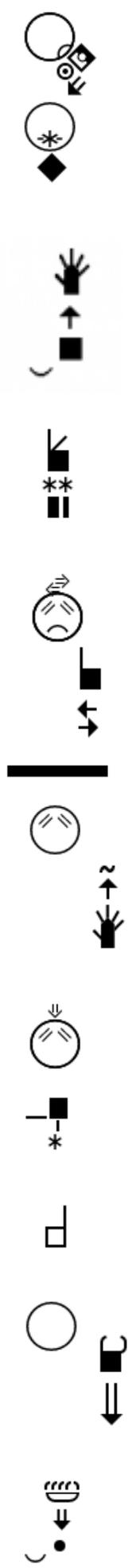
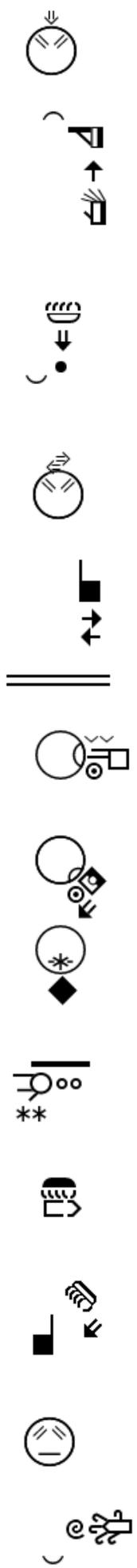


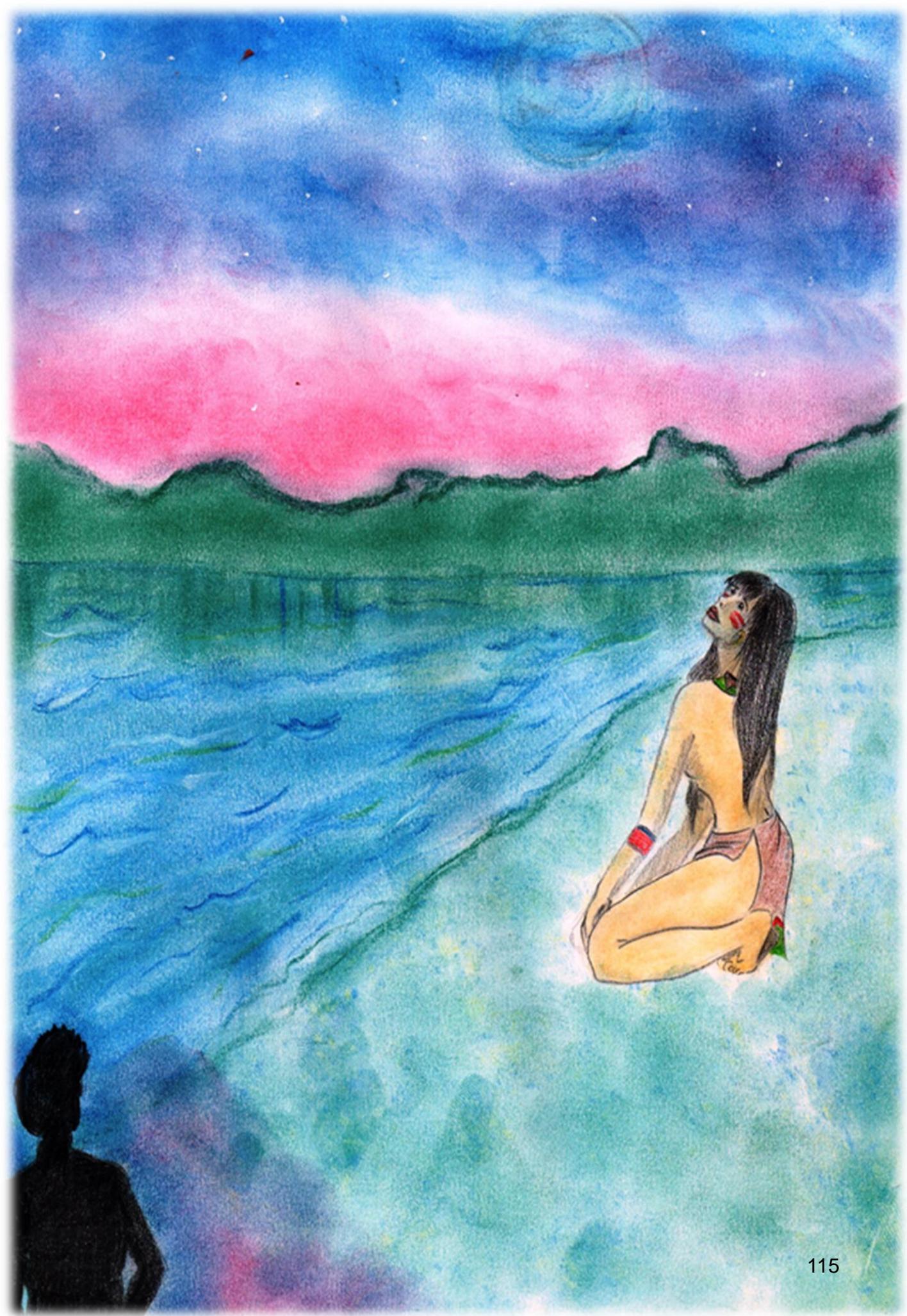
Nunca antes, aquela terra tinha visto tamanha beleza. Guerreiros vinham de todas as tribos para contemplar a beleza da jovem índia, que tinha um espírito forte, chamava-se Naara. Aquela que tem um espírito vivaz. Apesar de atrair guerreiros de outras tribos, nenhum a tomou como esposa, pois não aceitavam o fato da bela índia ser surda.

Naara era resguardada pelo grande pajé, pois nem todos aceitavam a sua condição de surda. A mãe a abandonara, por medo de ser perseguida por ter uma filha surda. O pajé era o único da tribo com quem Naara conseguia se comunicar, ao longo dos anos estabeleceram uma comunicação gestual.





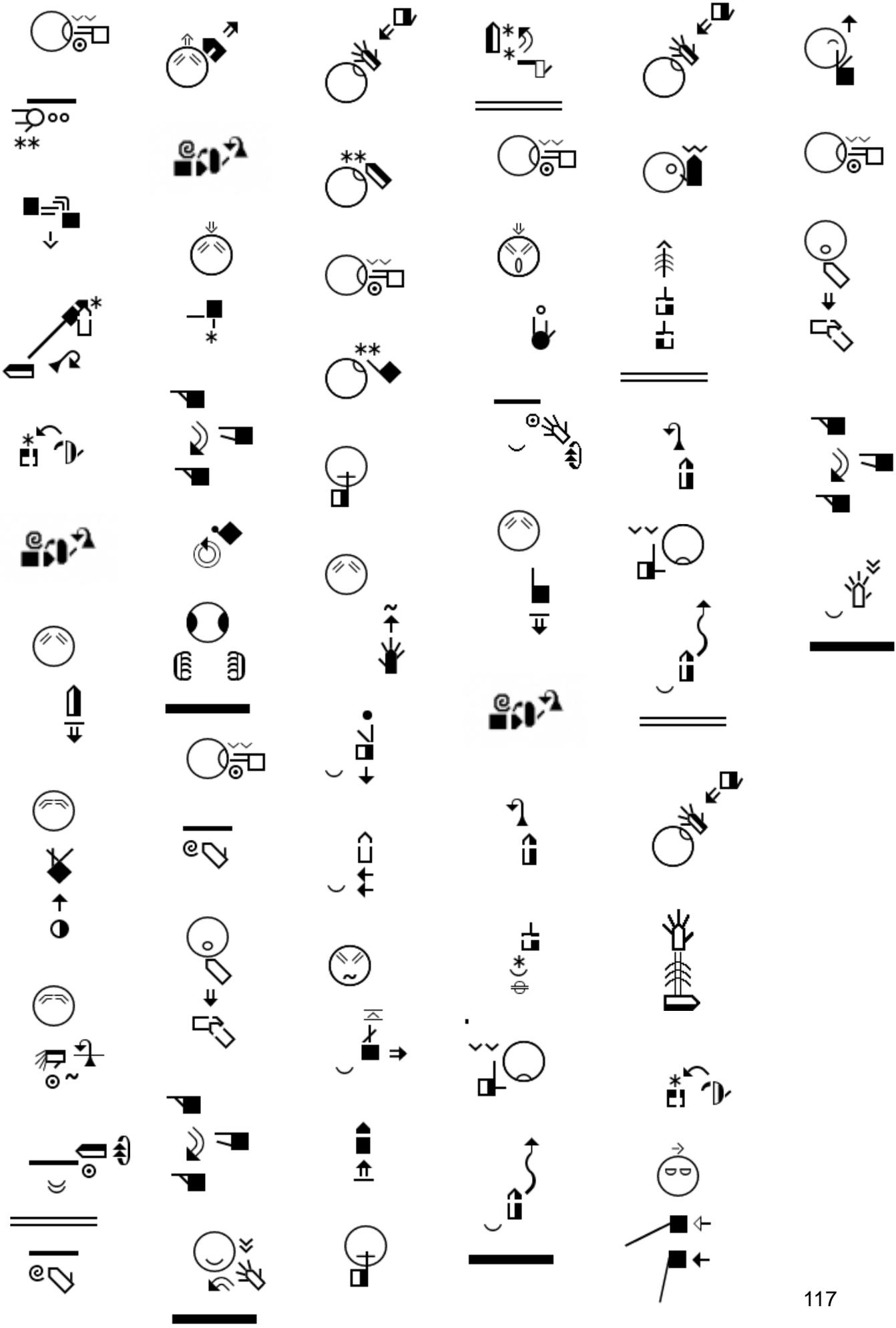






Por medo de perseguições, a índia deixava para fazer seus passeios sempre durante a noite. Suas noites favoritas eram sempre as de lua cheia quando se deslumbrava com a beleza da lua. Certa vez, o pajé percebeu que Naara estava diferente, mais quieta. Somente quando a noite caia, ela animava-se para ir passear na beira do rio. Então, em uma dessas noites, o pajé a seguiu até a beira do rio. Chegando lá, viu que Naara estava extasiada olhando para a lua.







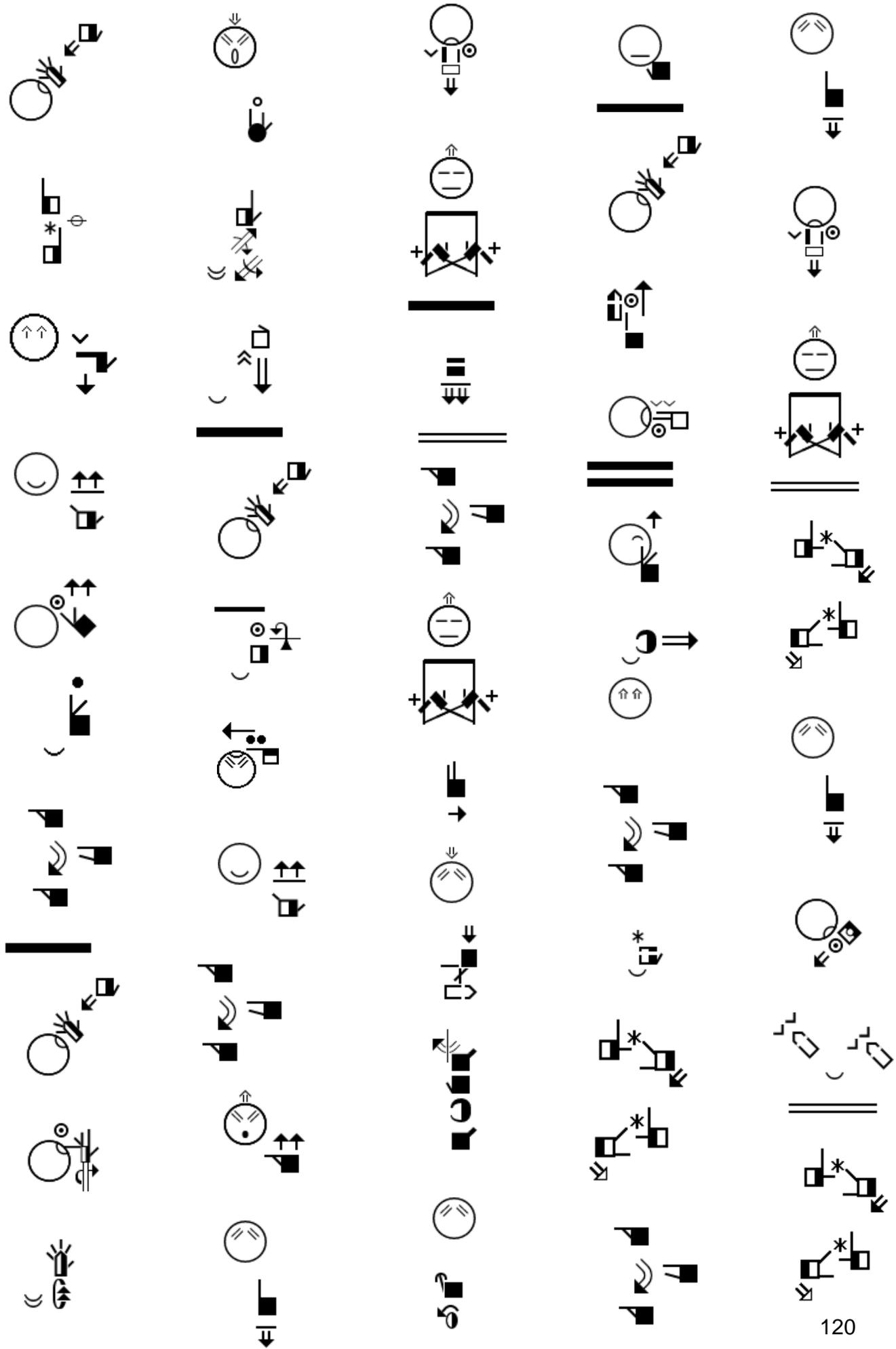


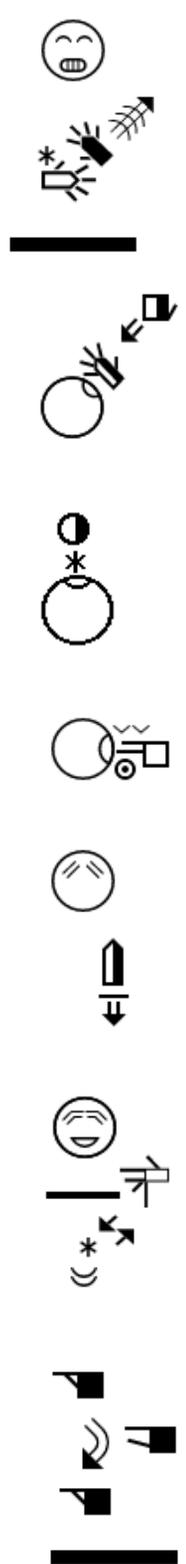
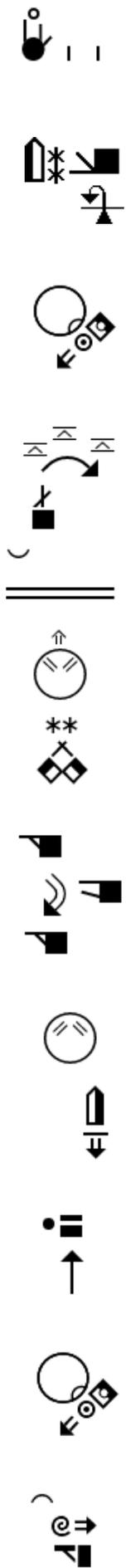
O pajé chamou a jovem e disse que queria lhe contar uma história. Com muita paciência e esforço, foi contando a história da lua que, na verdade, era um grande guerreiro chamado Jaci. O pajé perguntou:

- Vês aquelas estrelas? Vês Naara? Cada estrela daquela é uma moça que Jaci veio buscar aqui na terra para viver junto a ele. Jaci é um guerreiro vaidoso, por isso brilha tanto para conquistar o coração das moças mais belas.

O que o pajé não sabia era que Jaci já havia conquistado o coração da jovem índia surda.





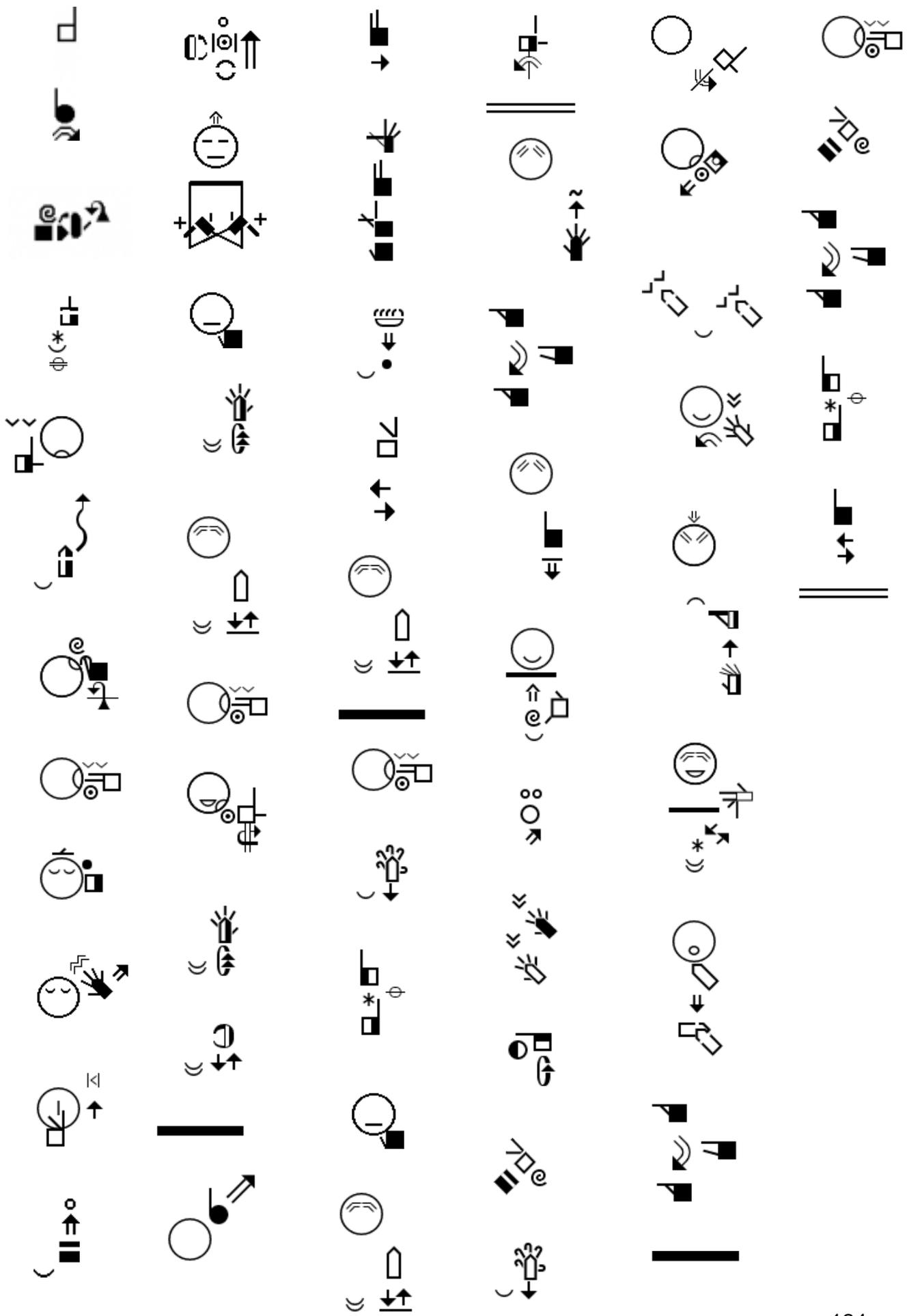






Certa noite, Naara adormeceu na beira do grande Rio Negro. E foi numa mistura de sonho e magia que Jaci surgiu e falou com Naara por meio da Língua de Sinais. E, naquele instante, Tupã, aquele que tudo pode, permitiu que os dois conversassem. Mas Jaci era um galanteador, percorria toda a Terra em busca de moças belas. Nunca mais Naara conseguiu encontrar Jaci.



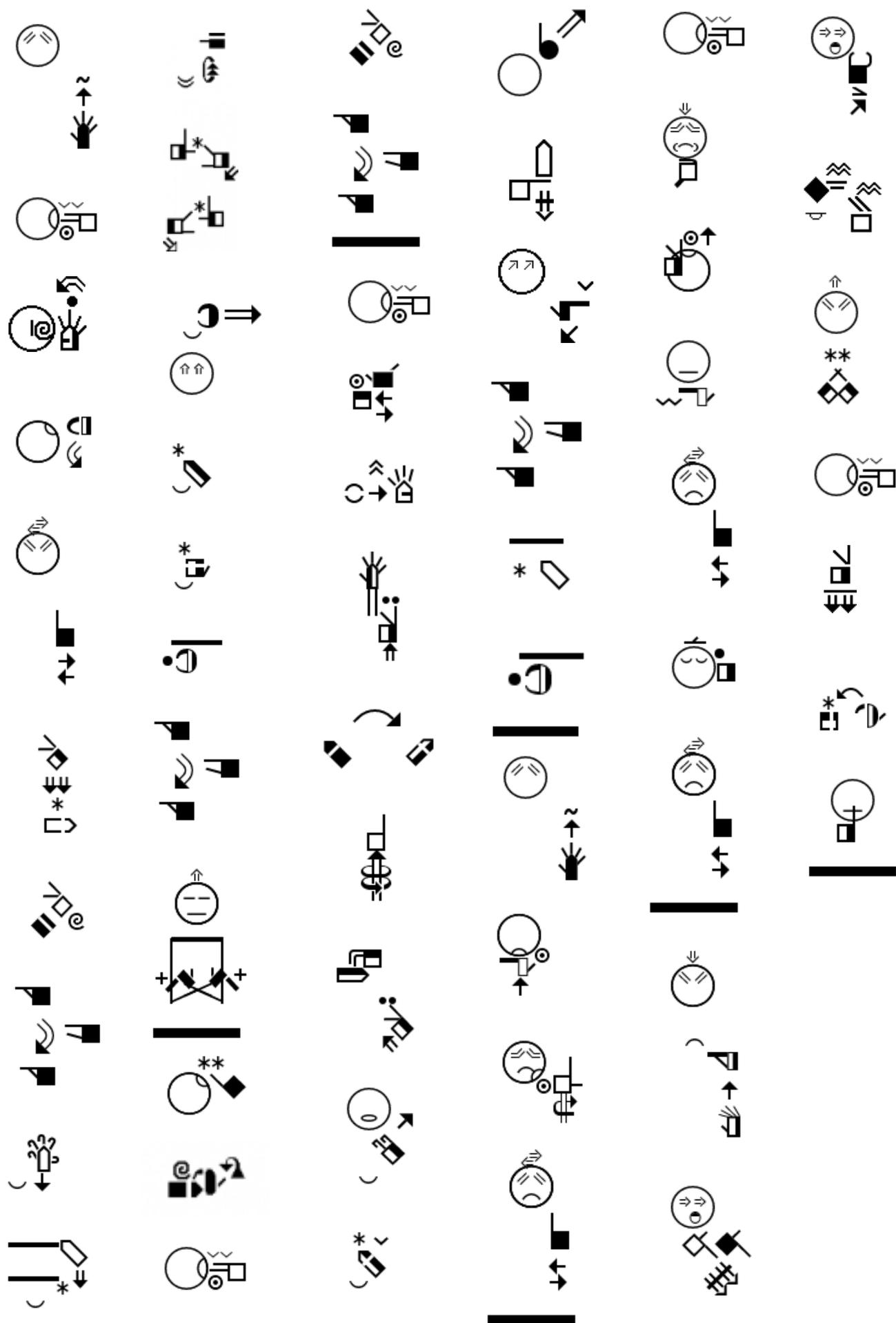






A jovem índia obstinada em transformar-se em estrela e viver junto ao seu guerreiro, passava todas as noites a perseguir a lua. Fazia de tudo para atrair a atenção de Jaci: subia nas árvores mais altas da floresta, escalava os morros mais altos, rogava a Tupã que trouxesse novamente seu amado. Mas nada adiantou. Naara já não comia e vivia em meio a tristeza. Todos já a chamavam de sombra, pois ela só se movimentava na penumbra e no silêncio.



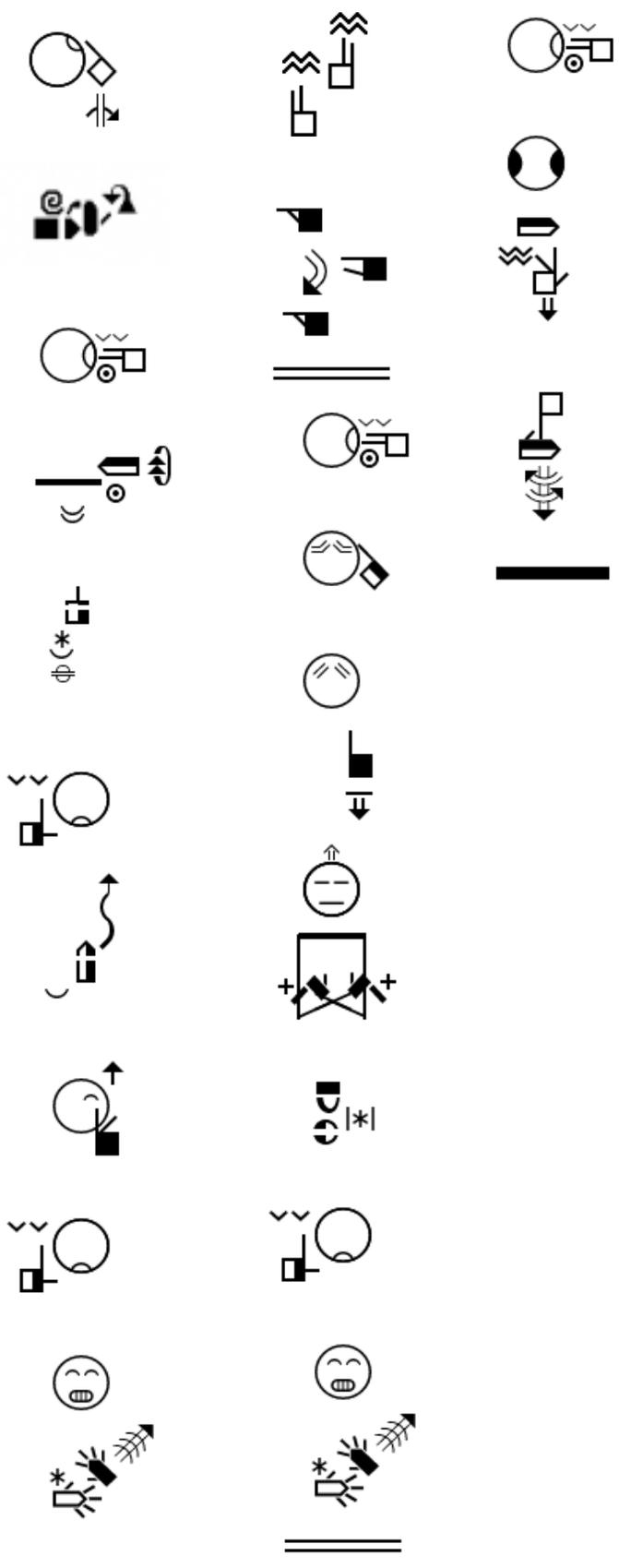


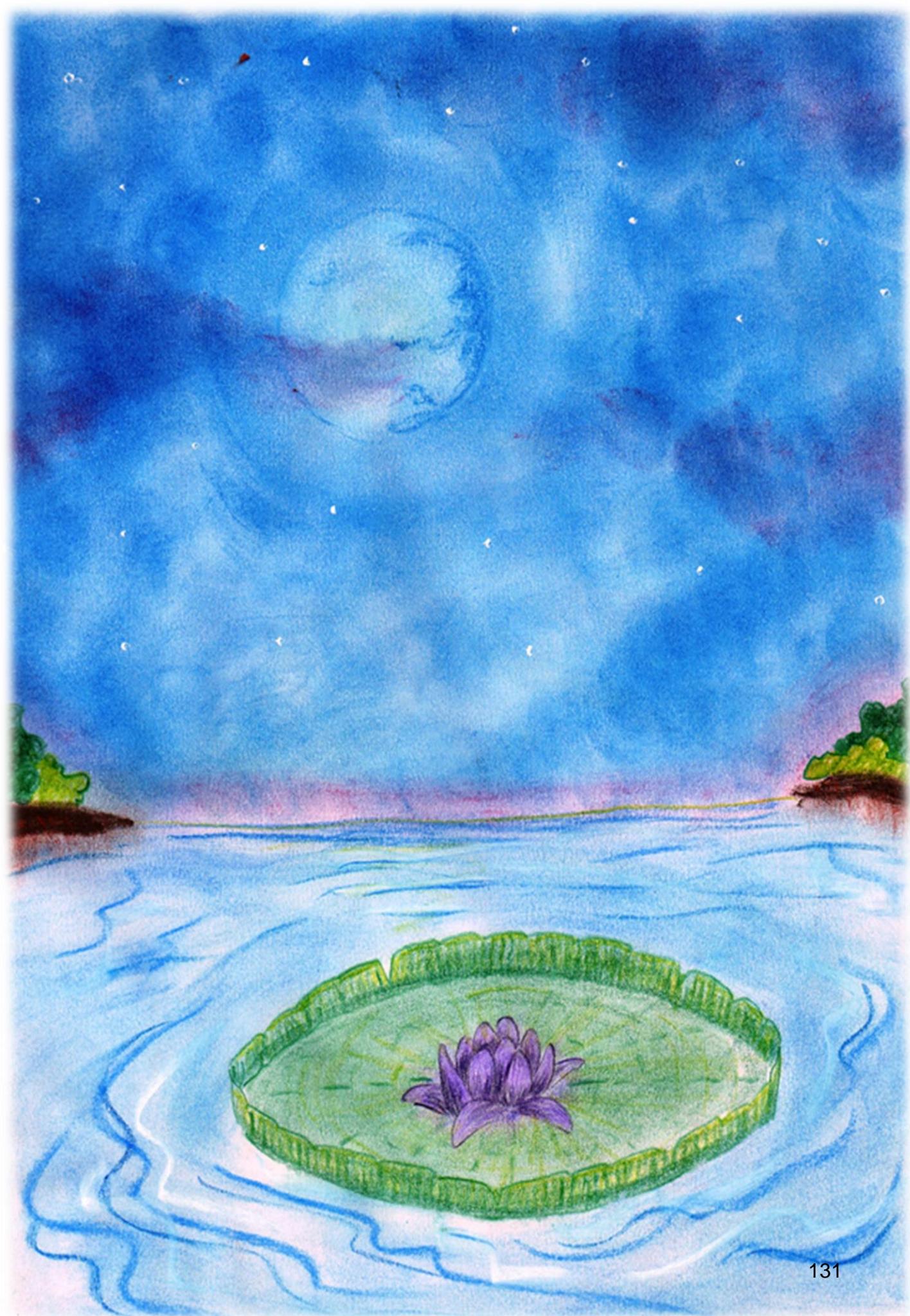




E por mais uma noite foi vagar pela beira do rio. Já cansada olhou para a água que refletia toda luminosidade e resplendor da lua. Naquele instante acreditou que Jaci viera buscá-la e jogou-se nas águas profundas acreditando ir ao encontro do ser amado.



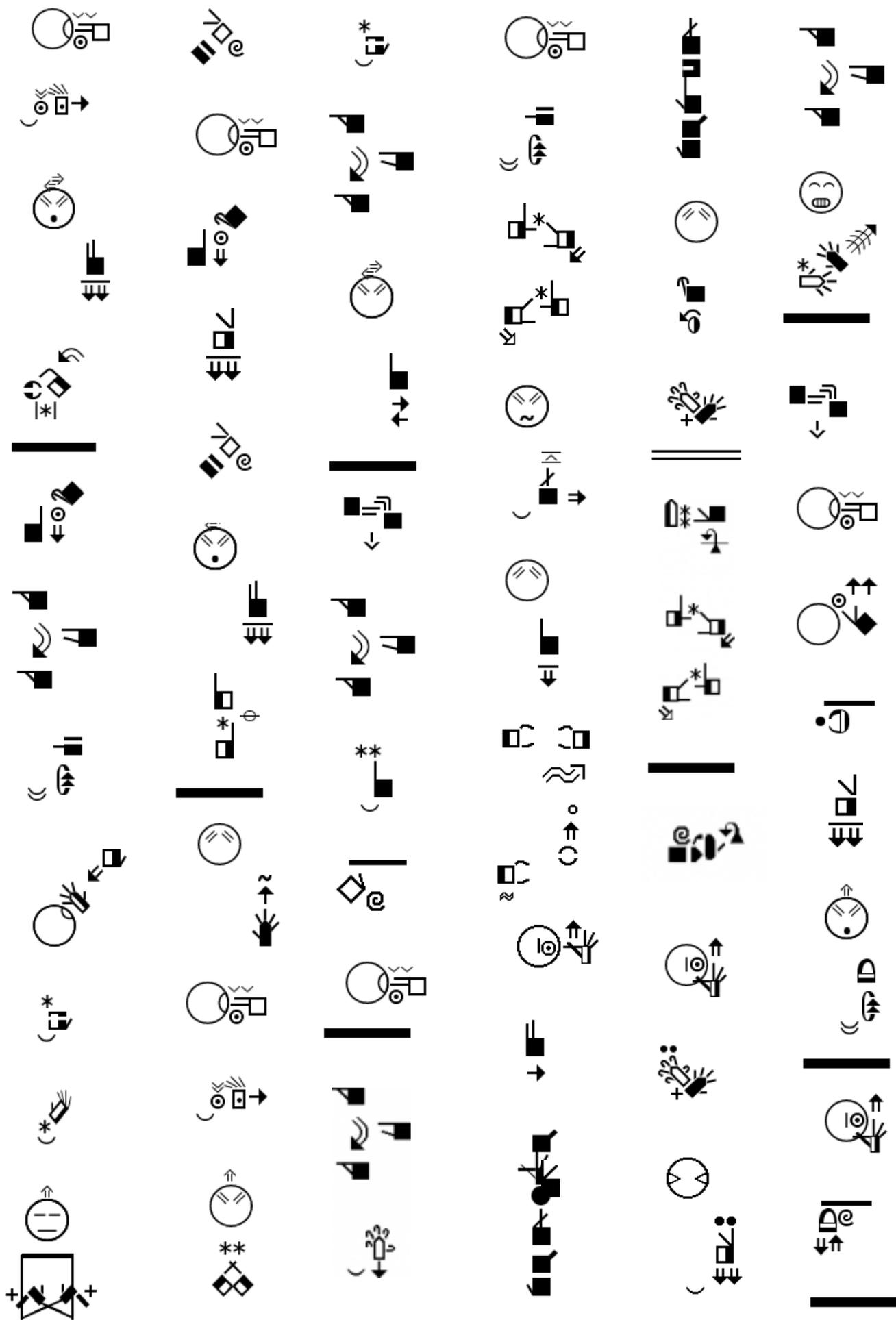






Naara nunca mais foi vista. O pajé e todos os guerreiros a buscaram por luas e luas, mas não adiantou. Jaci, que era um guerreiro vaidoso, sentiu falta da índia que vivia a contemplá-lo. Compadecido com a devoção da índia, resolveu transformá-la em uma estrela diferente. Seria a grande estrela das águas amazônicas: a vitória-régia. A vitória-régia abre-se durante a noite para receber os raios de luar e, assim, viver sua história de amor.





A LENDA DA MANDIOCA

Tereza de Jesus Albuquerque Moreira

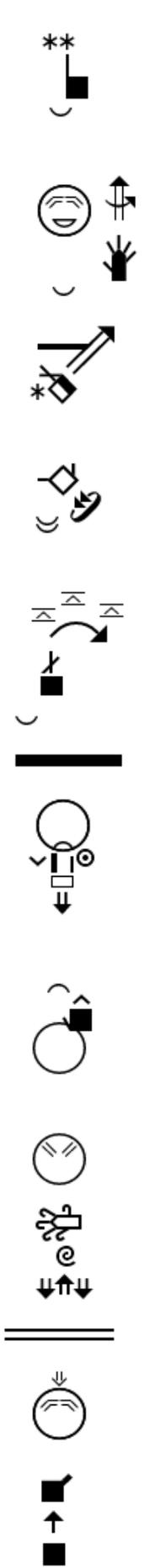
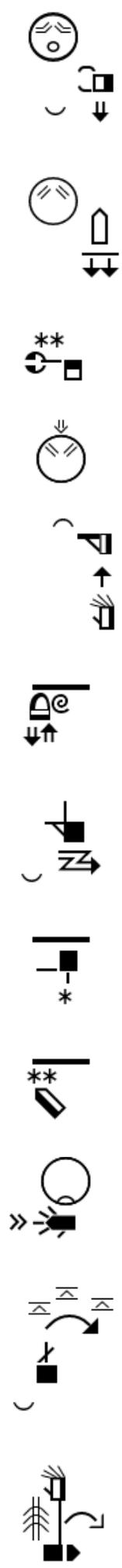


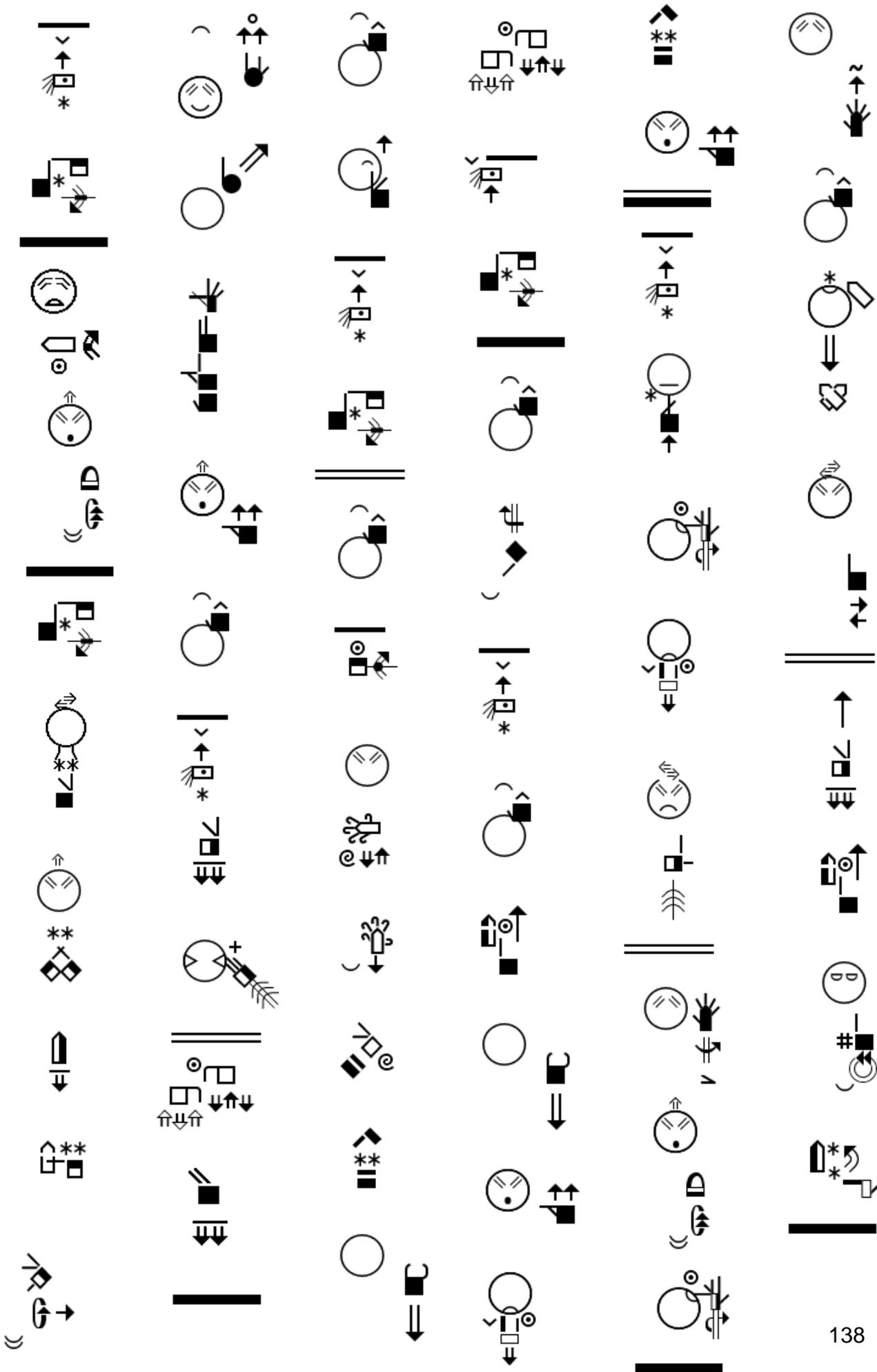


Em um tempo muito distante... uma tribo habitava onde, possivelmente, hoje é a cidade de Santarém no Estado do Pará. Todos viviam em harmonia, conviviam com animais da floresta, pescavam, caçavam, tinham seus rituais, crenças e brincadeiras . O cacique era respeitado por todos. Era um homem muito severo, não aceitava que ninguém fizesse coisas erradas. Toda essa tranquilidade foi abalada pela notícia de que a filha do cacique, uma bela jovem estaria grávida.

A jovem havia sido prometida a Tupã, por isso era intocável. Seu pai ficou enfurecido, queria castigar aquele que possivelmente teria traído sua confiança. Por mais que o cacique perguntasse, insistisse, ameaçasse querendo saber quem era o pai da criança, a jovem sempre dizia que não estava mentindo, que não havia homem algum e não sabia explicar o que havia acontecido.





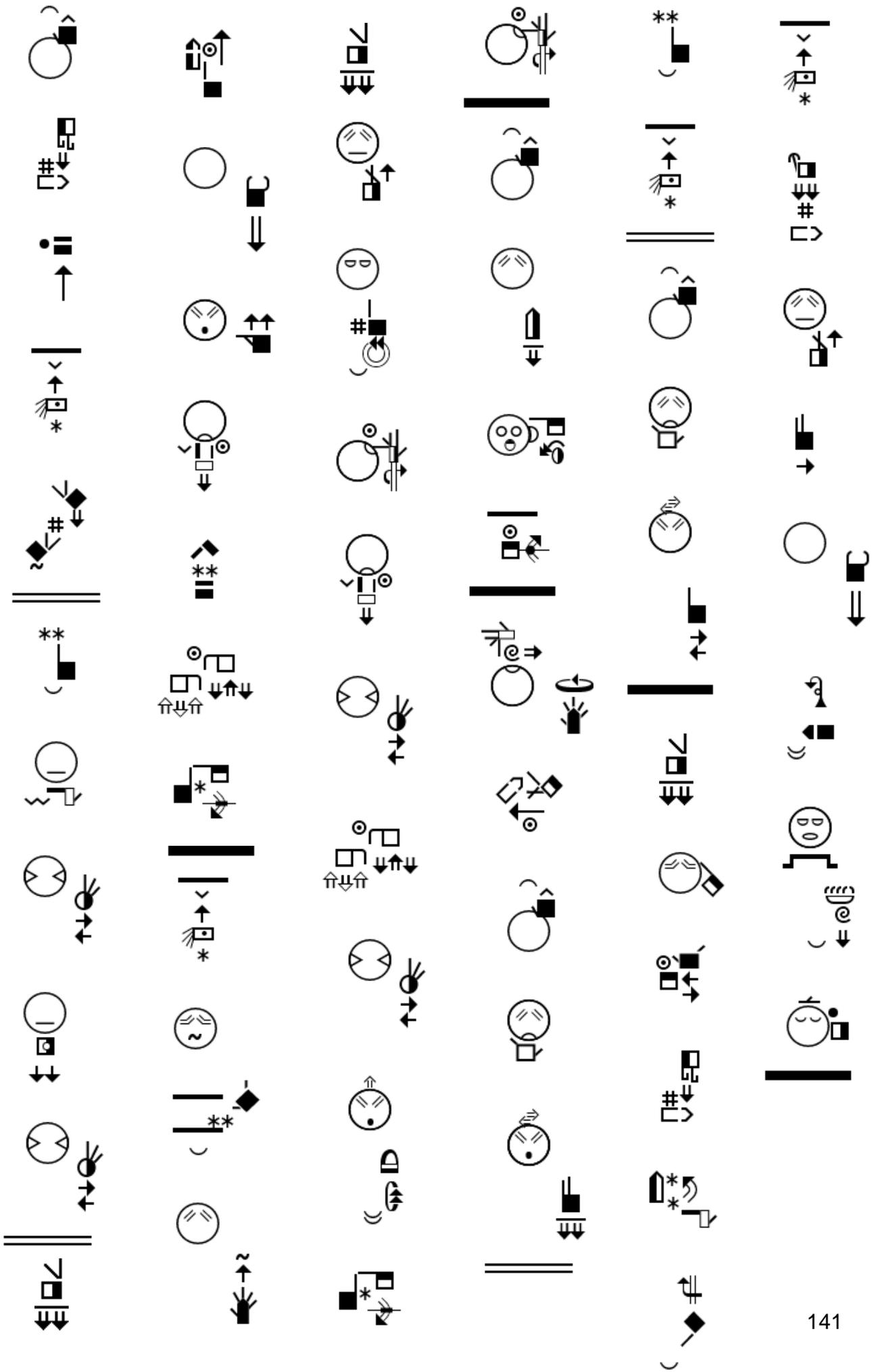






O pai aplicou severos castigos à filha. Ficou amarrada, sem comer, sem beber para que contasse a história que o cacique achava que existia. Apesar de todo sofrimento, ela sempre falava que não tinha nada mais a dizer, também estava triste e sem entender. O cacique já estava dominado pelo ódio, não perdoava ninguém, nem mesmo sua única filha. Estava pensando em fazer algo mais cruel com a jovem, quando, já cansado, adormeceu.







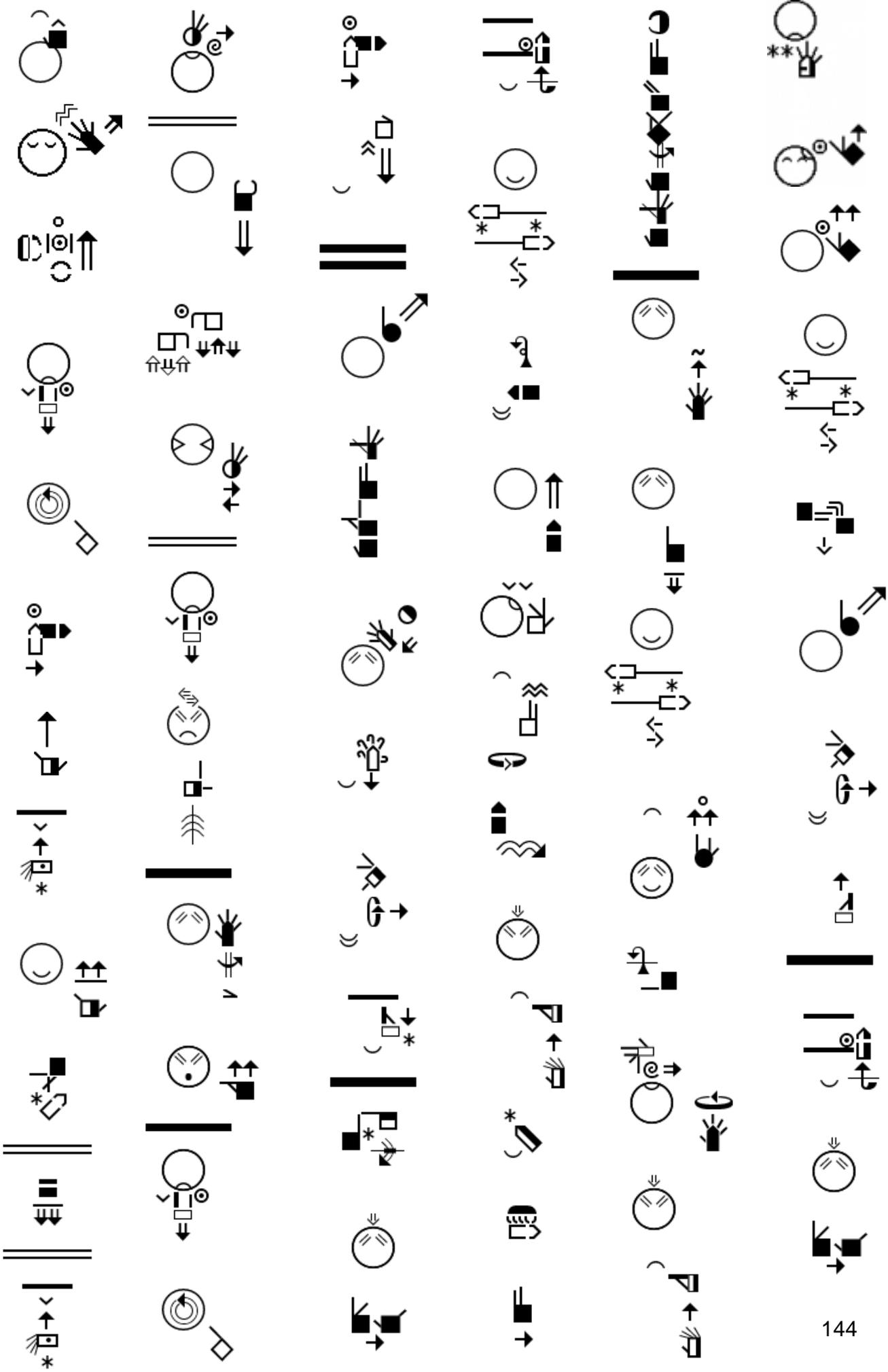


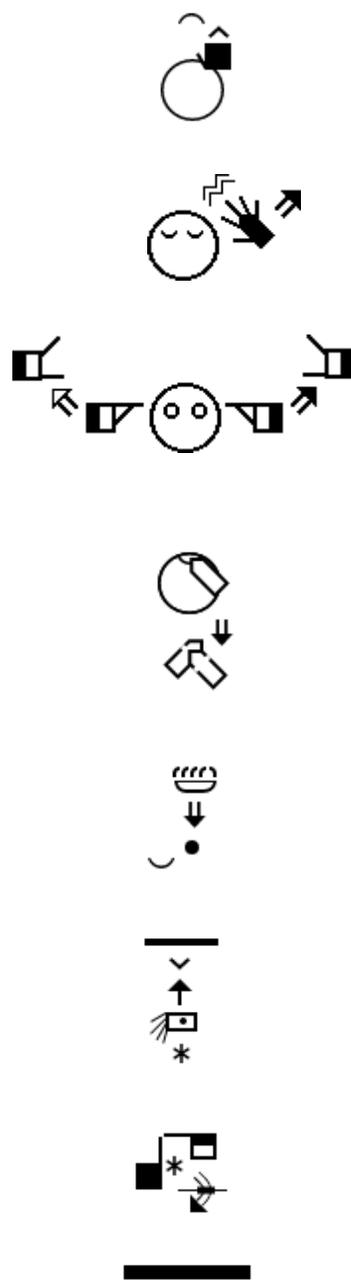
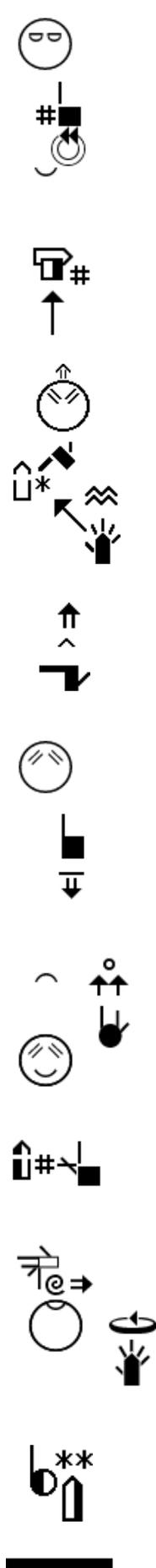
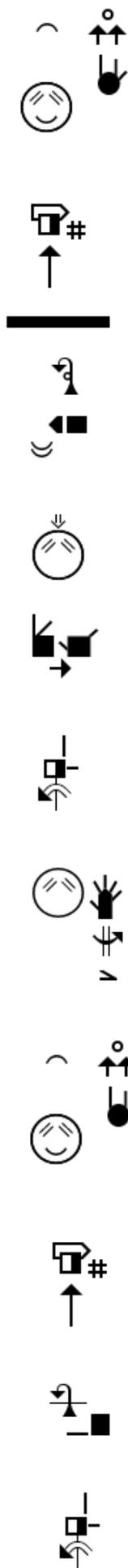
No meio da noite, o cacique acordou assustado, não sabia se estava vivendo um sonho ou se era realidade. Diante dele, apareceu um homem branco que pedia para acreditar na jovem índia, pois ela era inocente. E afirmou ao cacique:

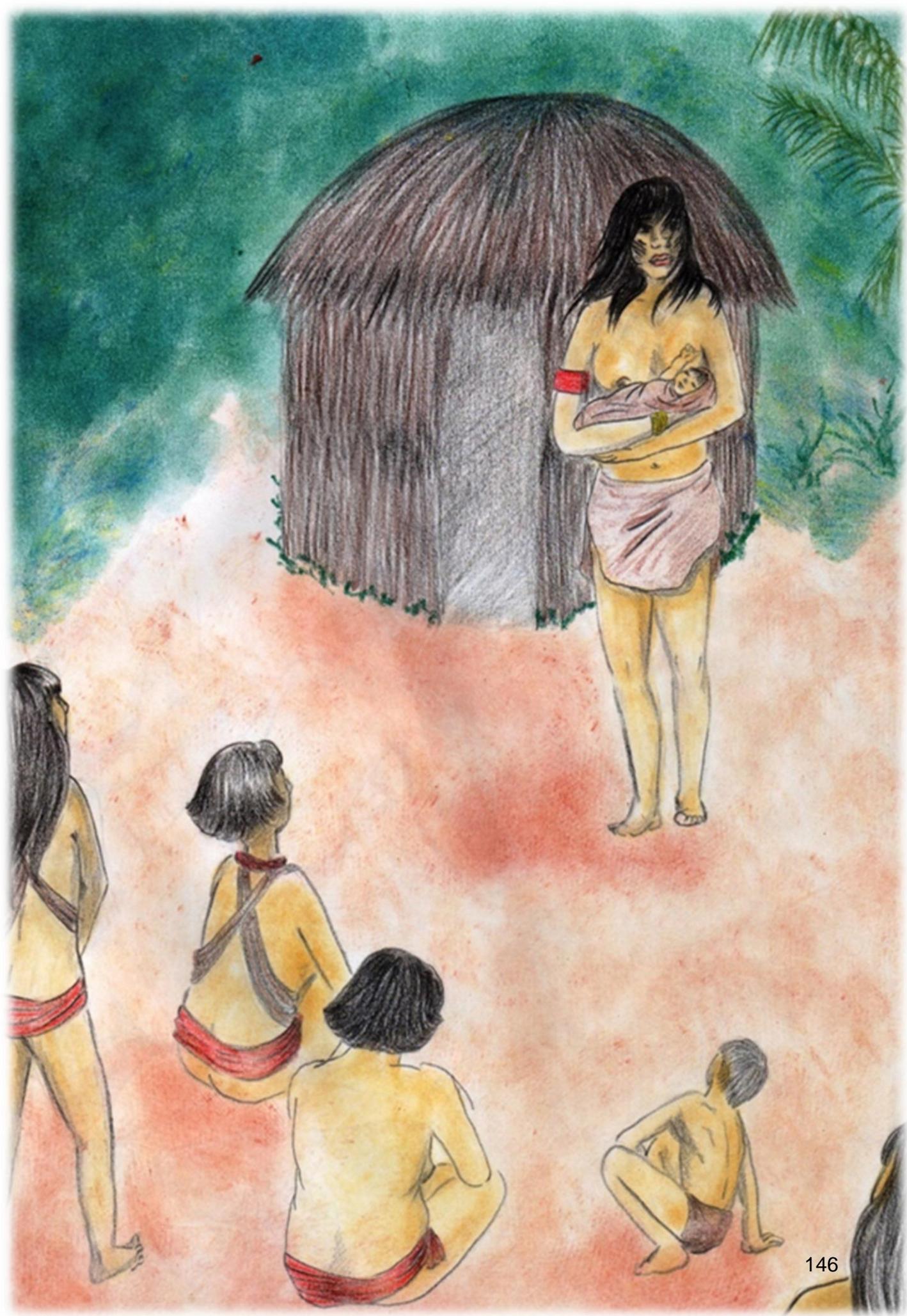
- Tenho um recado de Tupã. Essa criança que sua filha traz no ventre é um presente de Tupã. Nascerá e crescerá como as outras cunhantãs, porém sua existência será sempre lembrada por todos os povos. Ao nascer será dado o primeiro sinal, com o passar do tempo outros sinais serão notados. Haverá o último sinal que marcará a existência de todos os povos indígenas.

Após a aparição, o cacique aceitou a filha novamente.









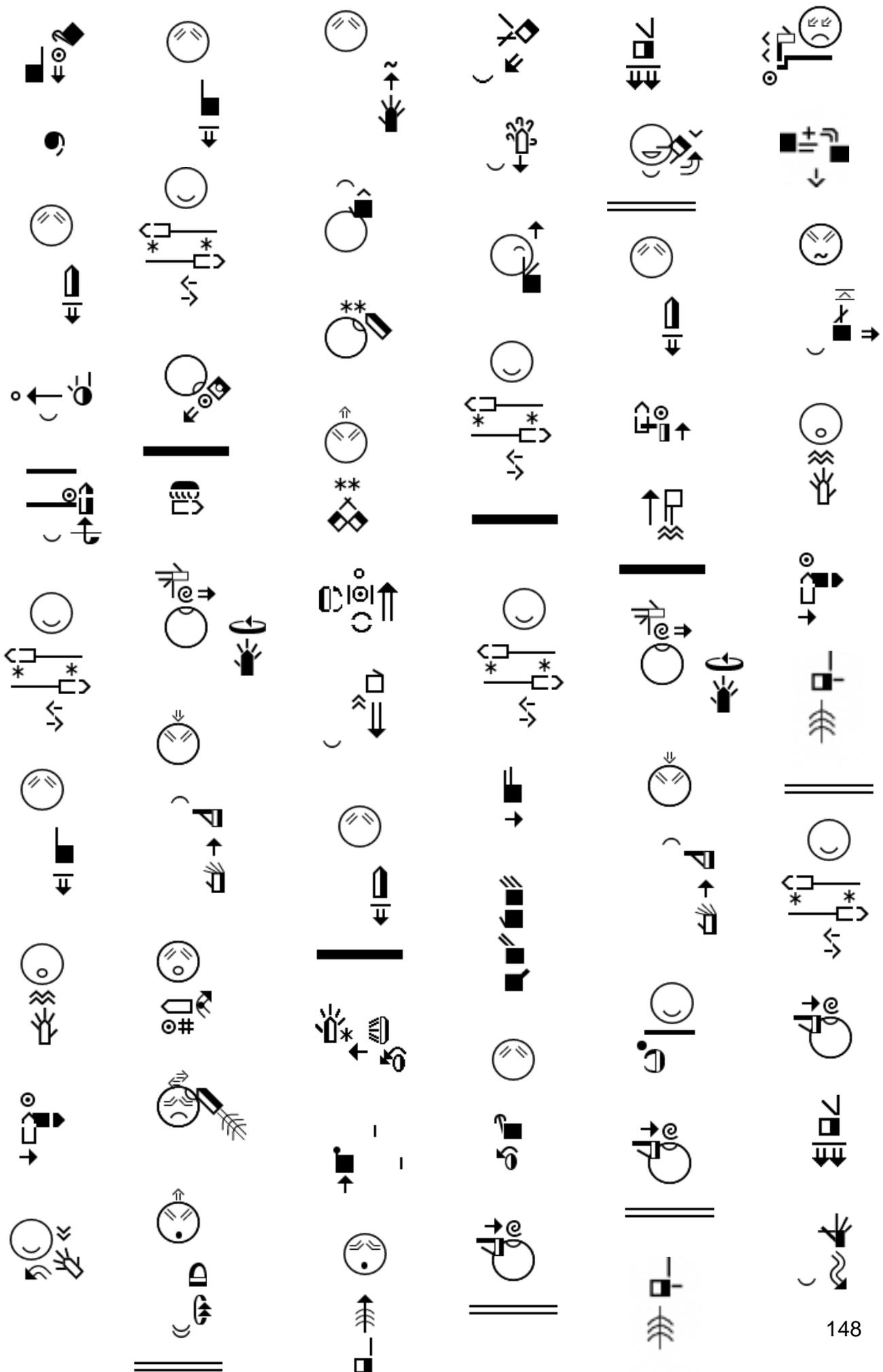


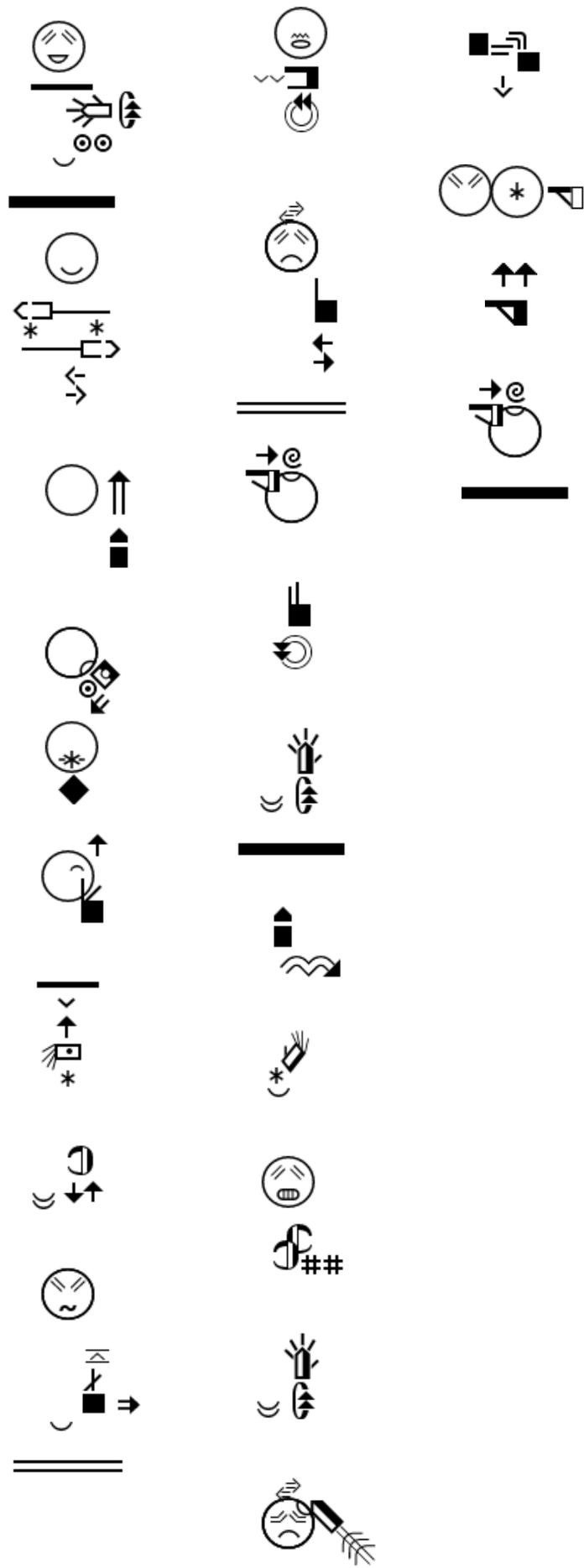
Nove meses passaram-se, e a jovem índia deu à luz a uma linda e branca menina. O acontecimento causou surpresa a todos, somente o cacique sabia o que estava acontecendo. Vinha gente de toda a Amazônia para ver a criança.

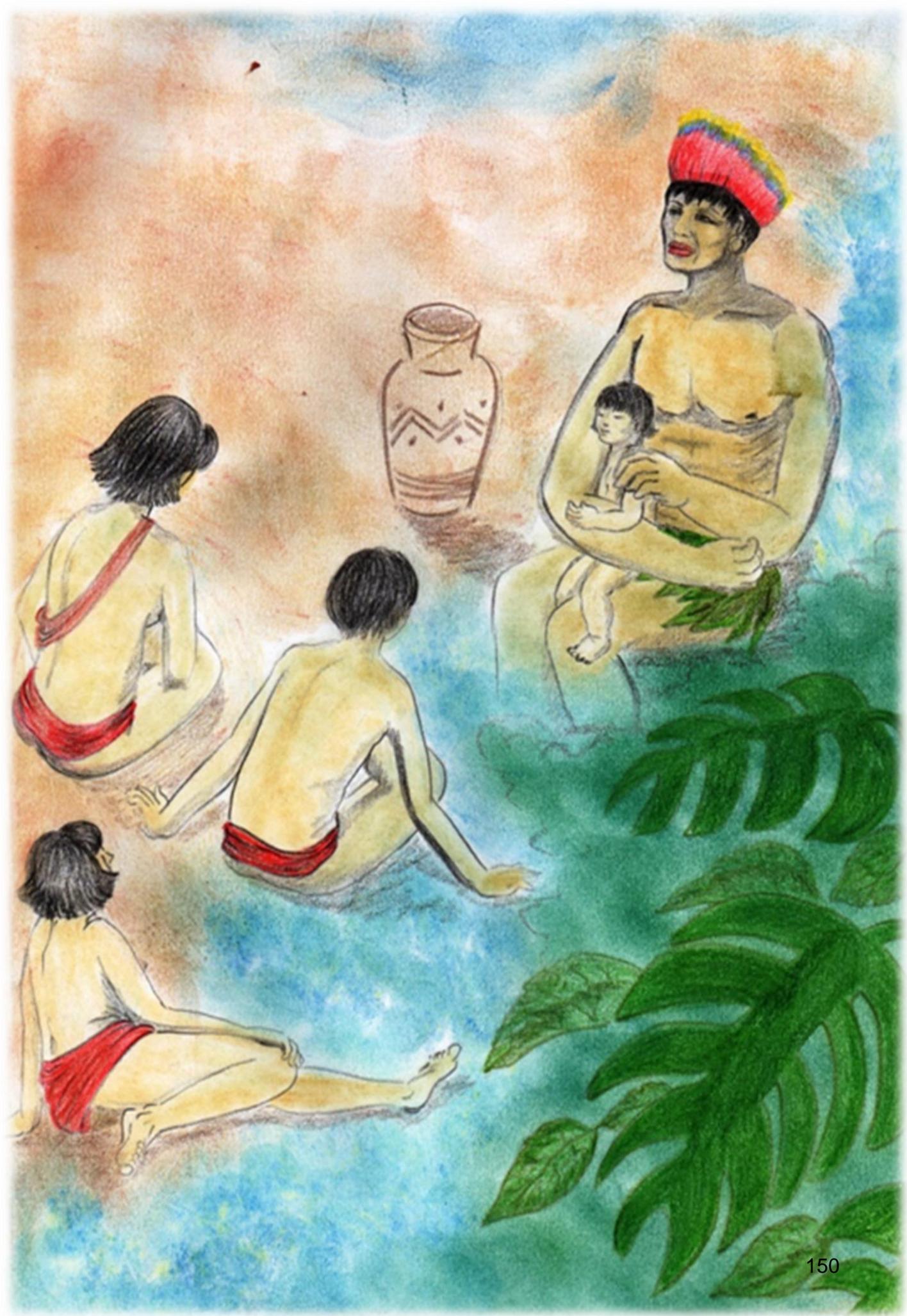
A criança ganhou o nome de Mani. Era muito sorridente, começou a andar precocemente, era querida por todos, não havia diferença pelo fato de ser branca, tinha uma alegria constante.

Com o passar do tempo, a mãe observou que a criança não falava como deveria, mas tentava se comunicar através de gestos ou sinais. Então foi falar com o cacique sobre esse assunto, pois algumas crianças começaram a desprezar Mani, pois não entendiam seu modo de se expressar.









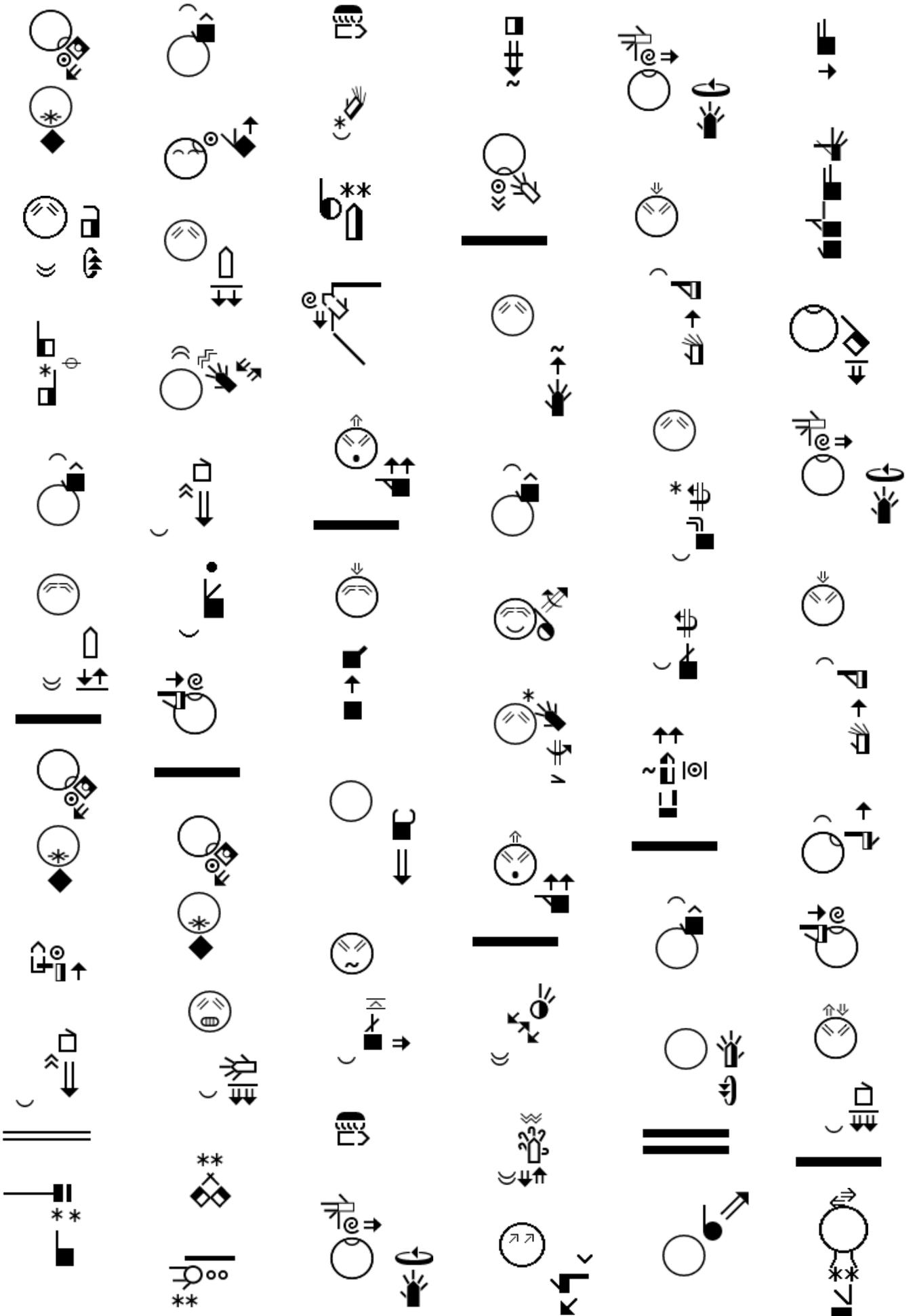


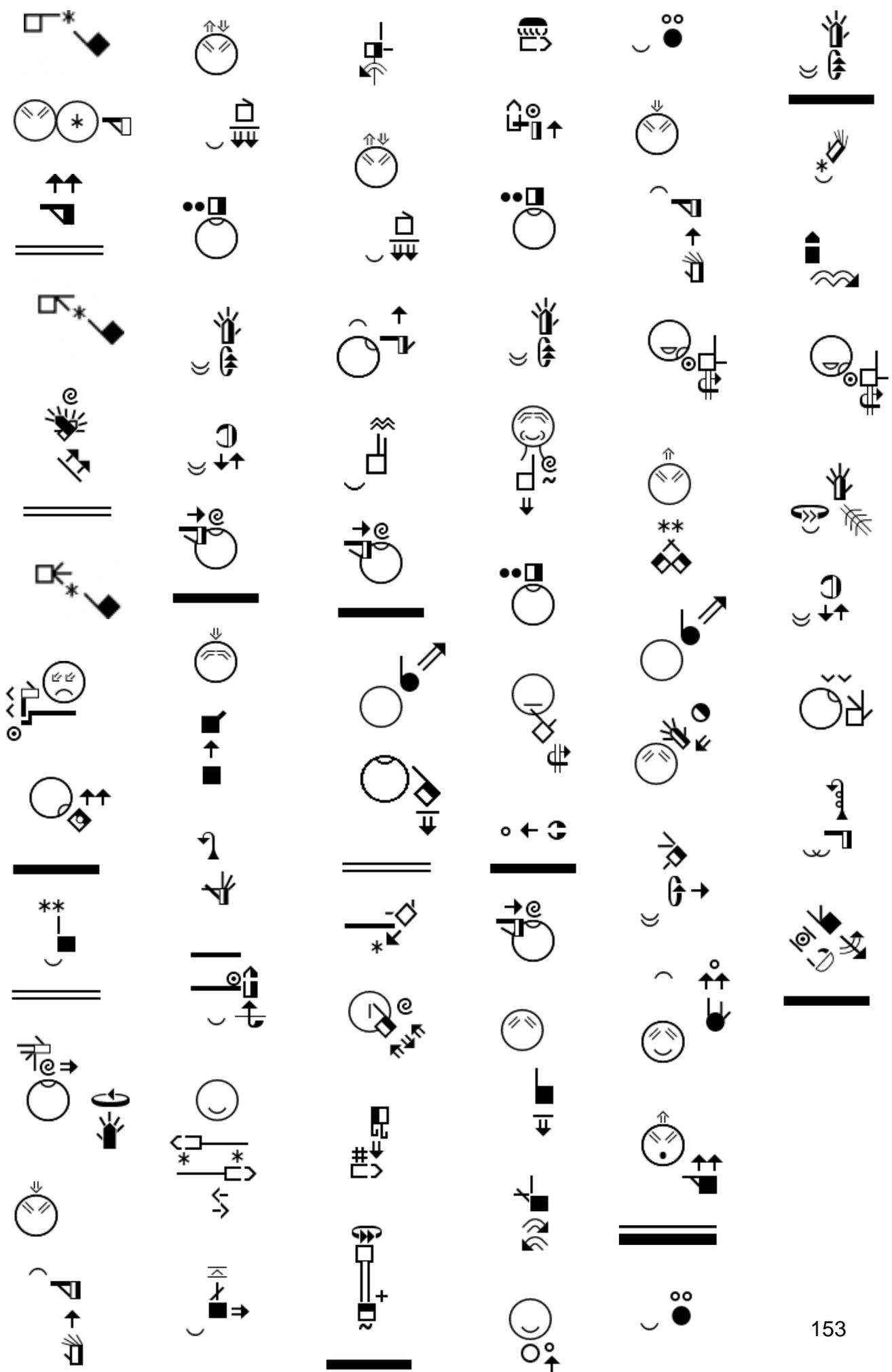
Nem bem a índia começou a falar, o cacique lembrou das palavras que o homem branco havia dito em sonho. A mãe estava apavorada, muito preocupada, pois pela diferença, poderiam querer matar Mani, conforme a tradição da tribo. Então o cacique reuniu todos em volta fogueira para aconselhar:

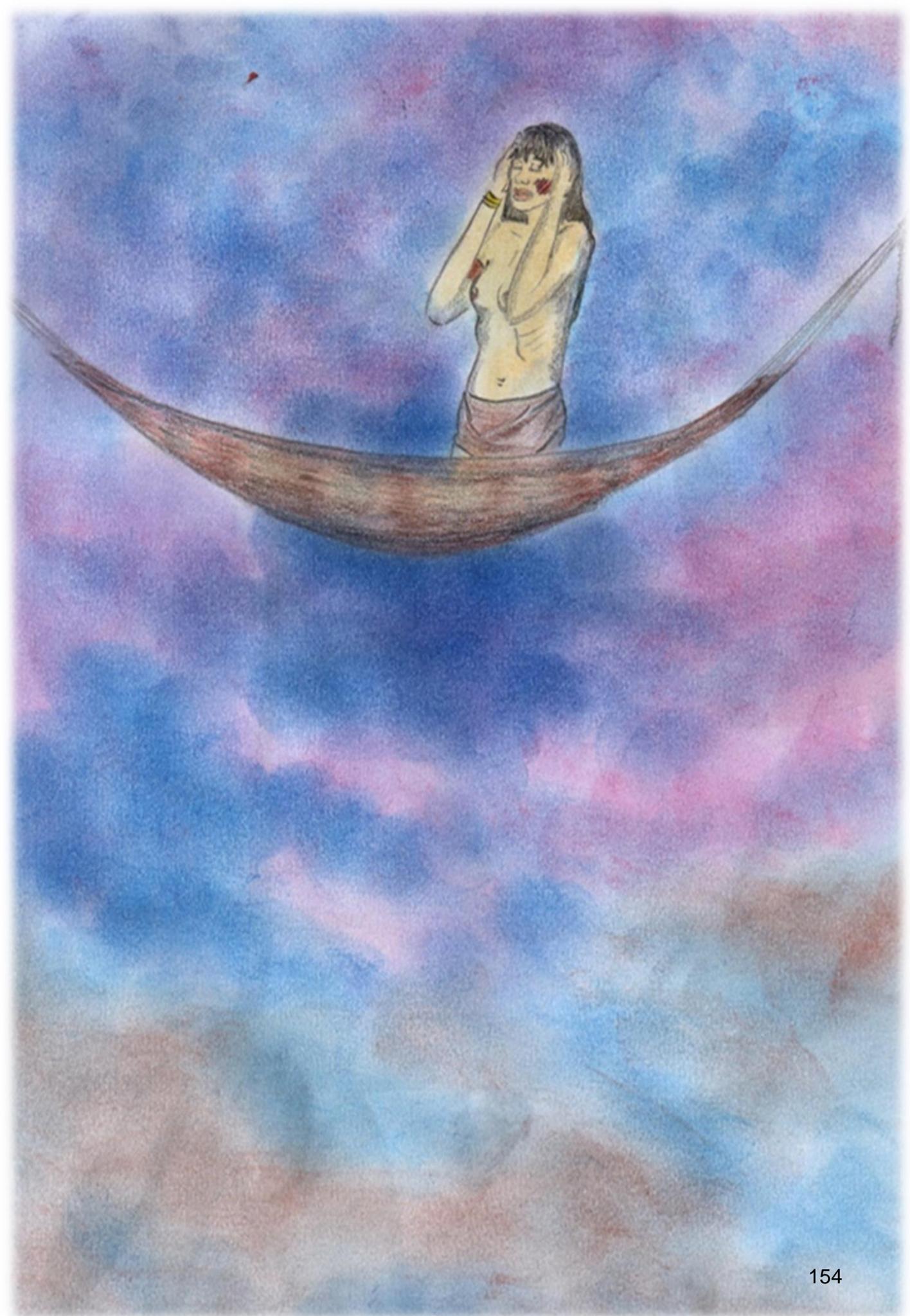
- Foi Tupã que ordenou que todos devem tratar Mani com respeito. Estão proibidos de desprezar, maltratar ou excluir a menina. Vamos aprender a nos comunicar com ela. E, no futuro, se acaso outras crianças nascerem com alguma diferença, devemos respeitá-las, caso contrário seremos severamente castigados.

A partir de então, a tribo foi despertando a vontade de aprender essa nova língua, que utilizava sinais. Mani ensinava a todos, pois Tupã havia presenteado a menina como dom da Língua de Sinais. As outras crianças se comunicavam com Mani com muita naturalidade. A tribo havia se tornado uma comunidade bilíngue.









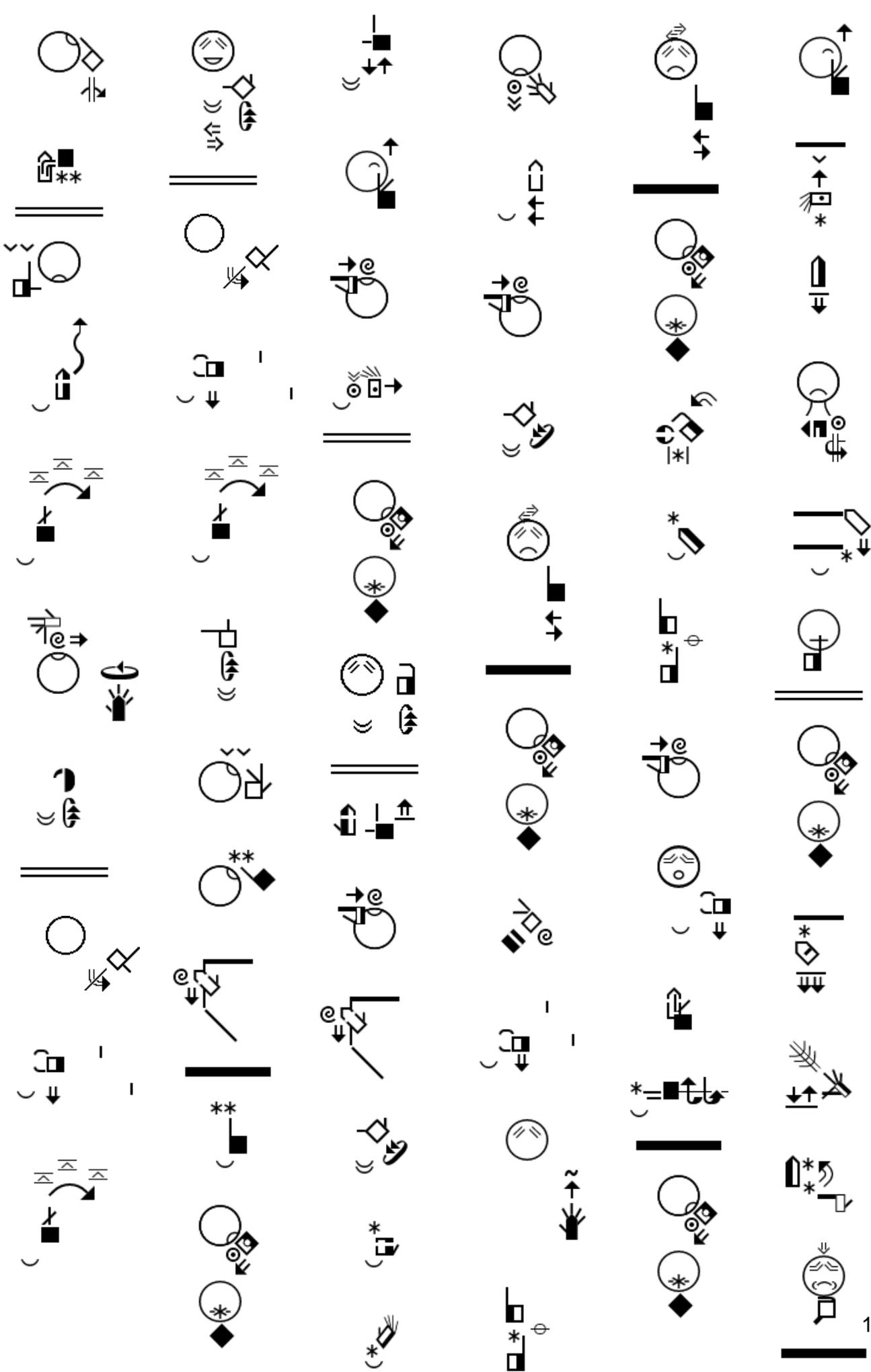


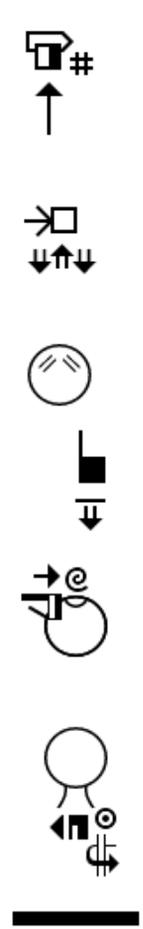
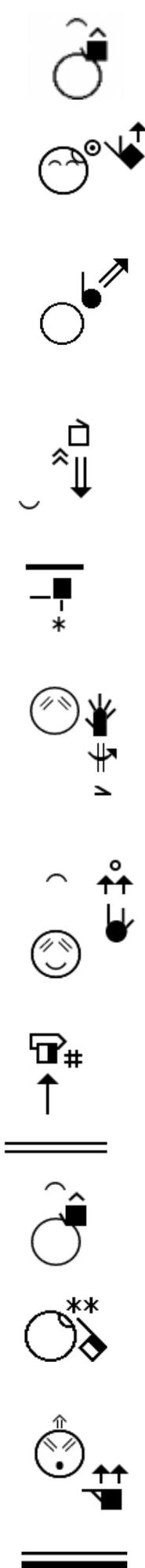
Em uma manhã todos já estavam acordados, alguns banhavam-se no rio, outros brincavam e faziam suas atividades conforme as tradições. Quando, de repente, a mãe de Mani percebeu que ela não estava com as outras crianças da tribo.

Procurou a menina por todos os lugares. Ao voltar para oca, percebeu que Mani não havia levantado da rede. Ao aproximar-se, o coração da mãe foi invadido por uma grande tristeza. Viu a filha já sem vida, mas seu semblante era de paz e esboçava um leve sorriso nos lábios.

Todos da tribo ficaram muito tristes, principalmente o cacique que pensou “seria a morte da menina o terceiro sinal?”.









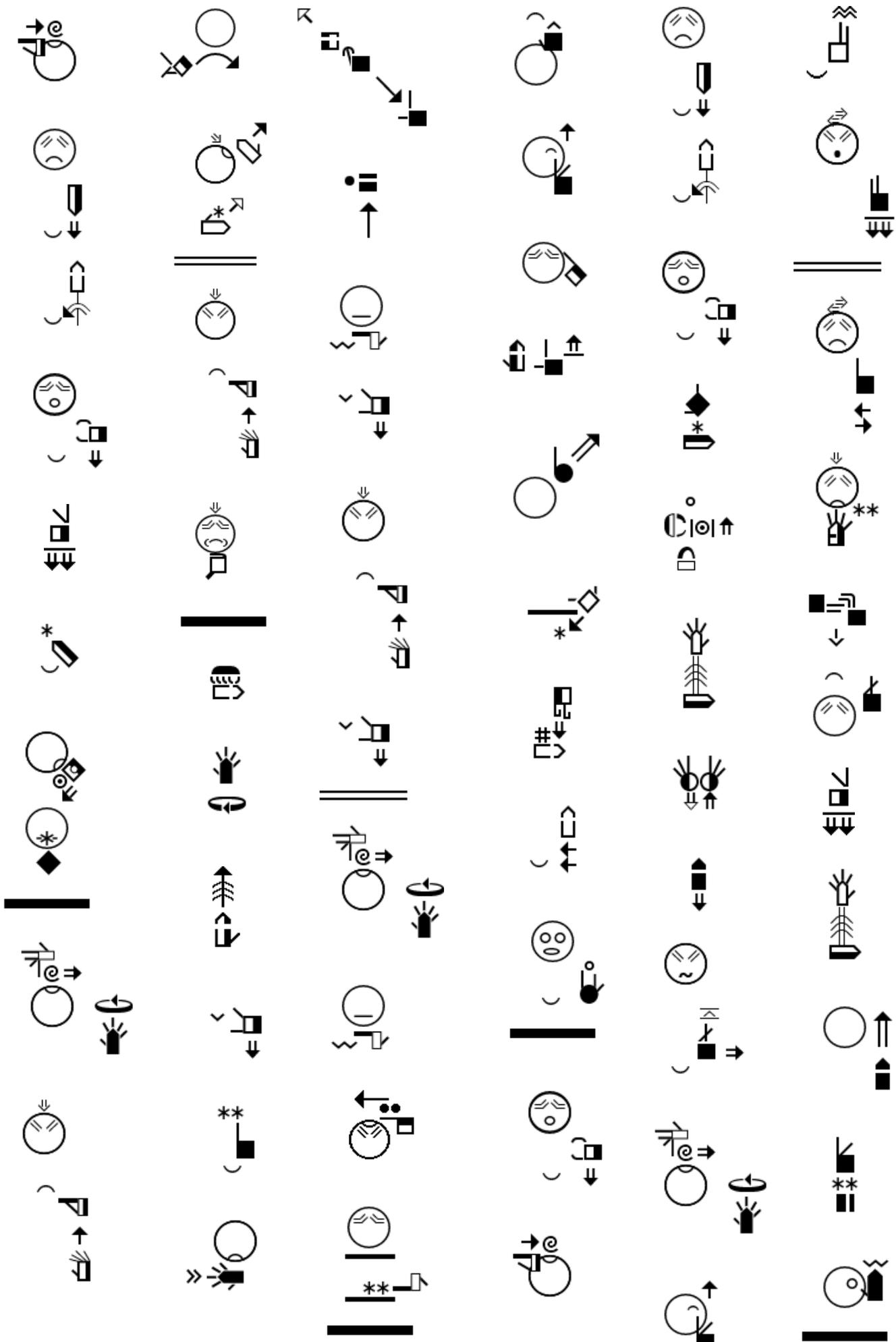


Em um dia de profunda tristeza, o corpo de Mani foi enterrado na oca onde vivia, recebendo todas as homenagens da tribo.

Tempos difíceis chegaram, a caça e a pesca foram diminuindo, e o povo passando dificuldades. O cacique via a profecia ser concretizada.

Enquanto isso, no local onde Mani foi enterrada, começou a brotar uma pequena planta. Era uma planta diferente, despertou muita curiosidade, por isso não a arrancaram, deixaram ir crescendo.









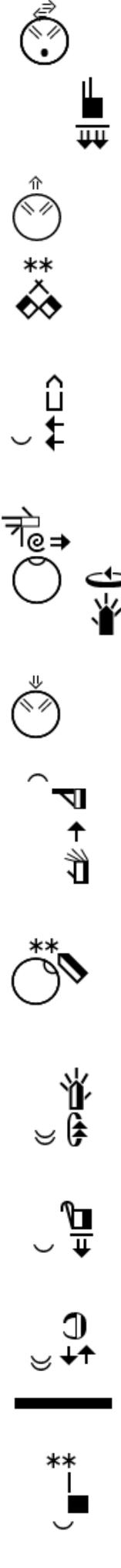
Outras crianças, assim como Mani, nasceram sem ouvir e foram acolhidas por todos da tribo. Mani havia ensinado ao seu povo que a comunicação por meio da Língua de Sinais era possível. Também havia deixado um importante legado de direito e igualdade. Aquela plantinha agora havia crescido, deu frutos, e alguns pássaros que a comiam se embriagavam. Isto criou uma tradição de utilizá-la para fazer bebidas.

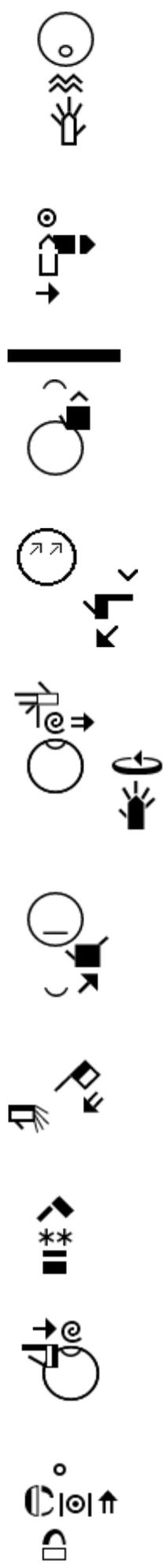
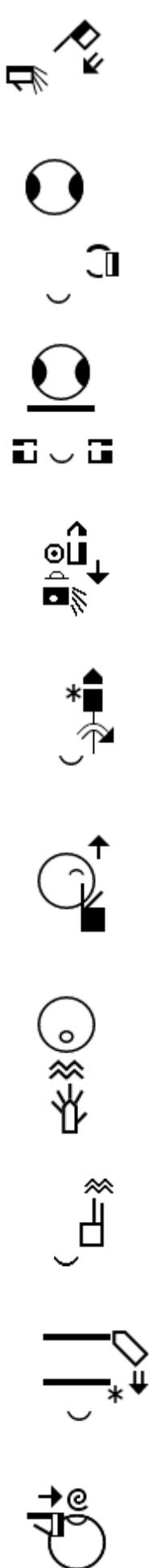
Certa manhã, a terra ao redor da planta entreabriu-se. Os índios resolveram cavar e depararam-se com uma grande raiz, nela reconheceram o corpo de Mani. Retiraram uma parte e viram que sob uma fina casca havia uma raiz branca. Foi quando o pajé disse:

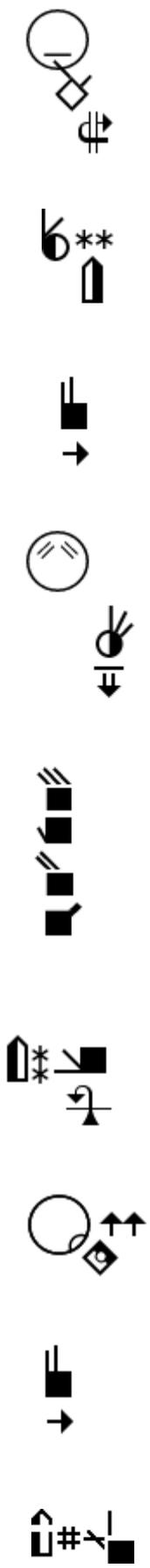
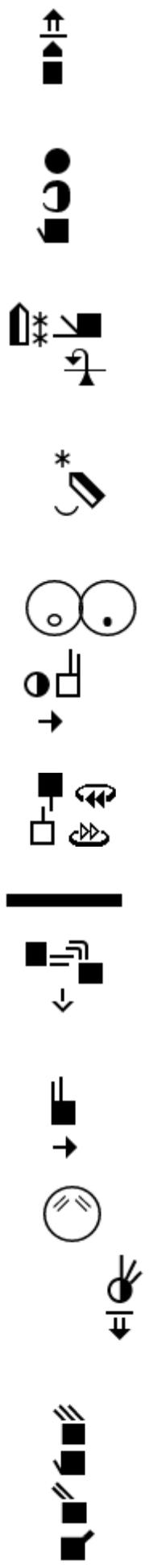
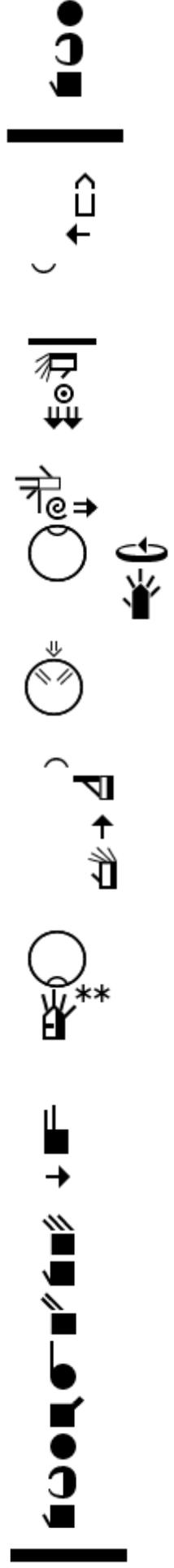
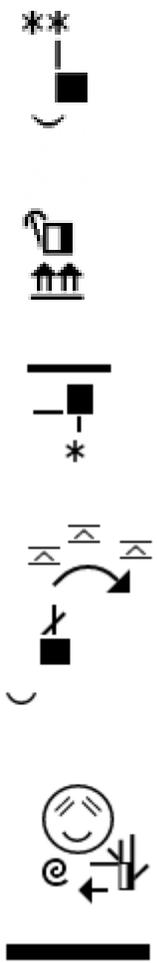
-Mani nos enviou essa planta para nos alimentar e não morrermos de fome.

Deram o nome à raiz de Mani oca, que significa casa ou transformação de Mani, na língua indígena. Hoje é chamada de mandioca. E desde então, os índios cultivam este alimento, símbolo da cultura indígena. Dele é feito a farinha, a tapioca e várias outras iguarias saboreadas por todo o povo brasileiro .









A LENDA DO GUARANÁ

Eduardo de Souza Melo

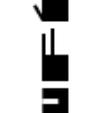
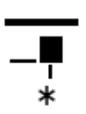
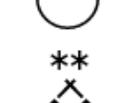
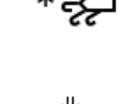
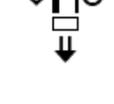
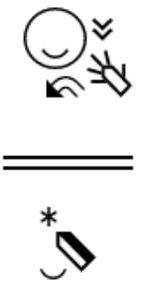
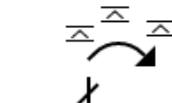
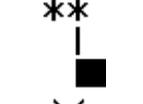
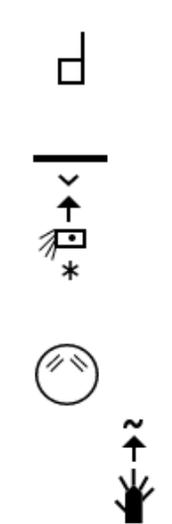
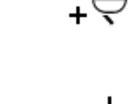
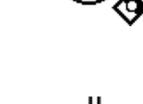
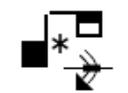
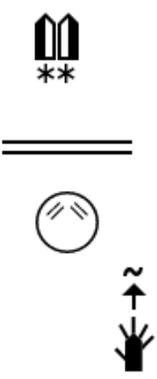
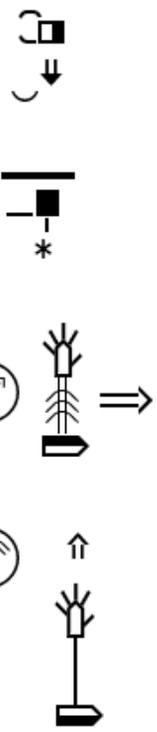


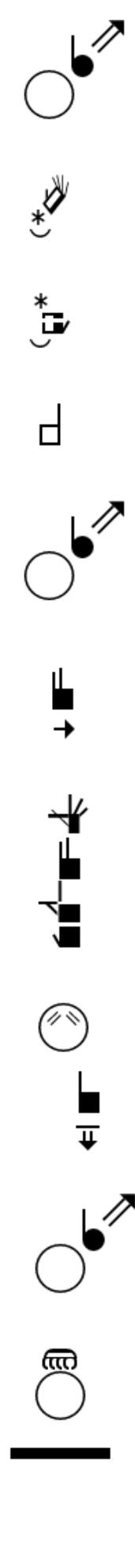
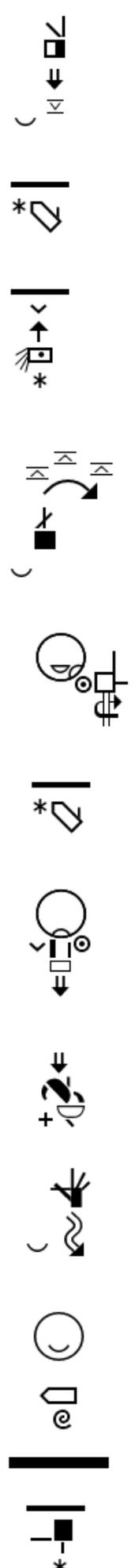
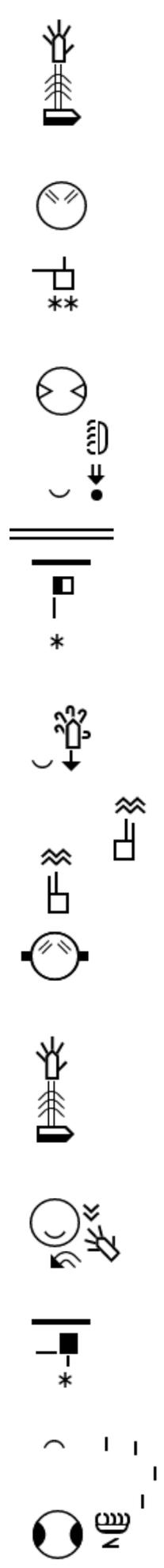
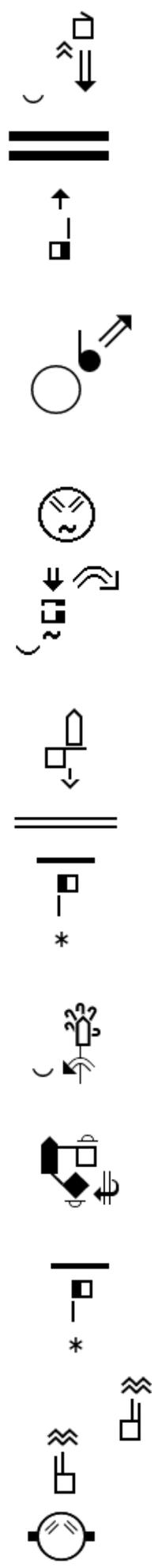


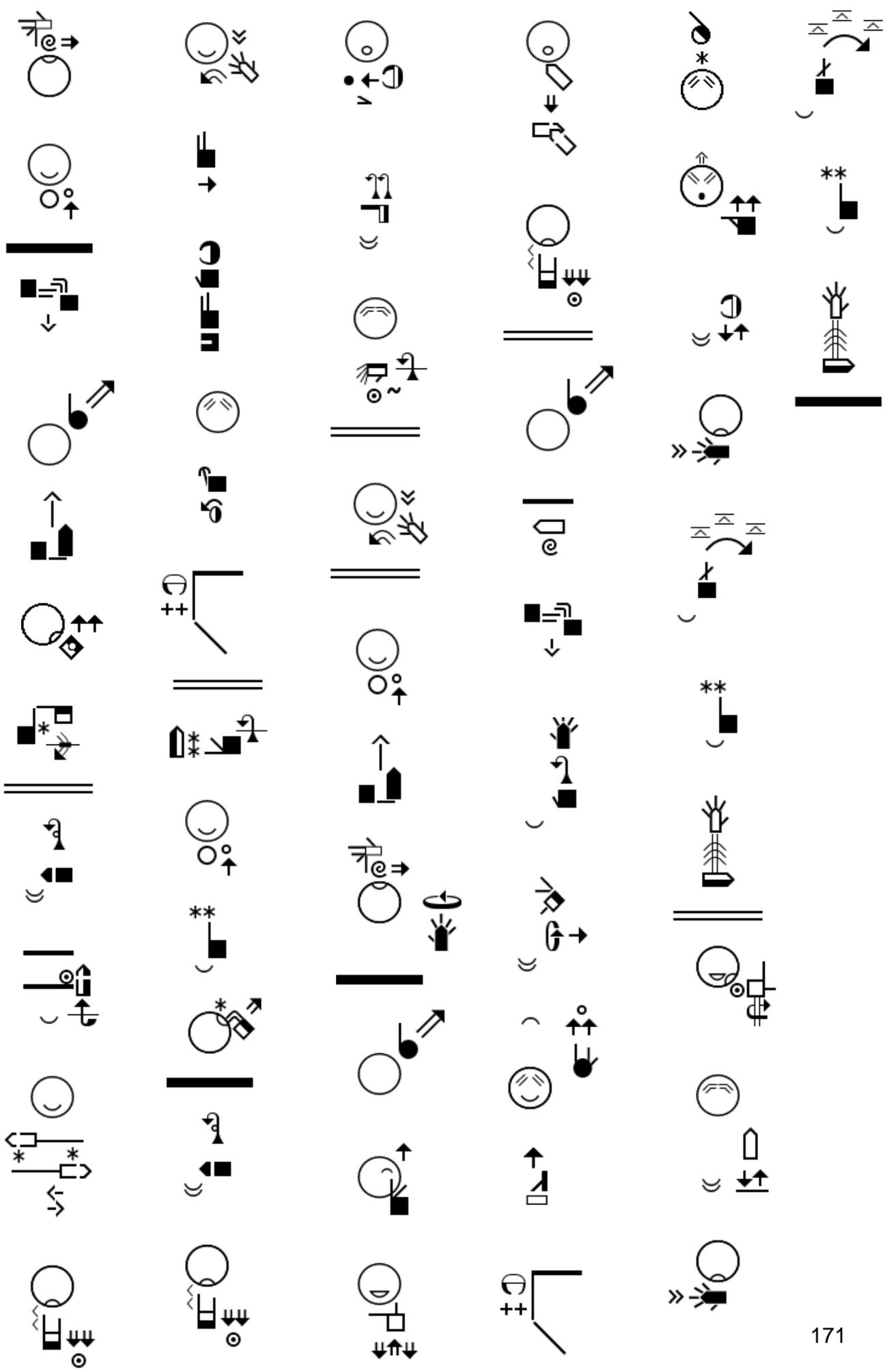
Um casal de índios da tribo Maués, uma das tribos mais bonitas da região amazônica, vivia muito triste, pois não conseguiam ter filhos. Eles desejavam muito ter pelo menos uma criança. Recorreram a muitos pajés e rituais, mas nada deu certo. Certa vez, aos pés da grande árvore mãe, a bela índia implorou a Tupã: - Ô grande Deus! Não quero ser árvore seca, quero dar bons frutos para semear a alegria com meu esposo.

Tupã, o rei dos deuses, sabendo que o casal era cheio de bondade, atendeu o desejo trazendo a eles um lindo menino, que foi chamado de Cauê, aquele que é bom e age com inteligência. O tempo passou rapidamente, e o menino cresceu valente, bonito, generoso e bondoso. Até mesmo Tupã vivia encantado pelo menino Cauê, tamanho sua admiração pelo menino que lhe deu o dom mais importante da natureza: conversar com os animais e com as plantas.











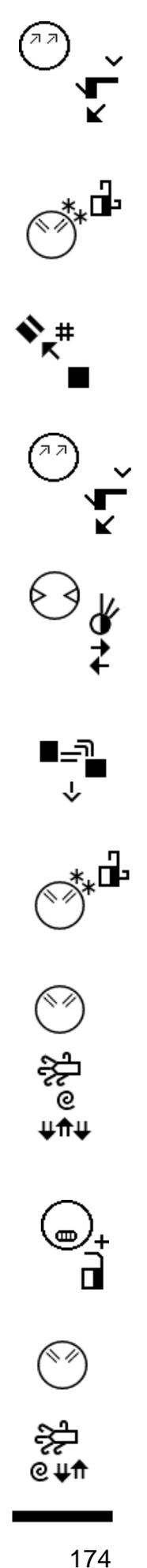
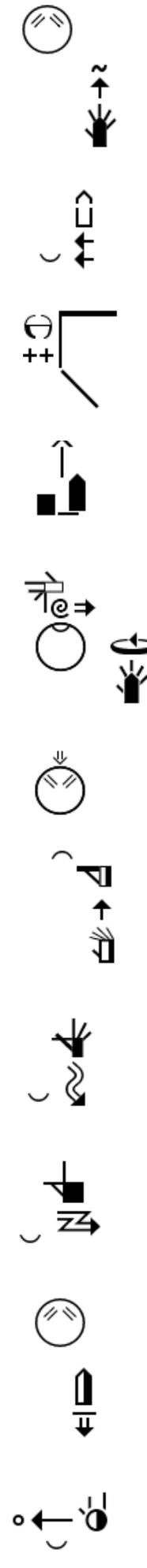
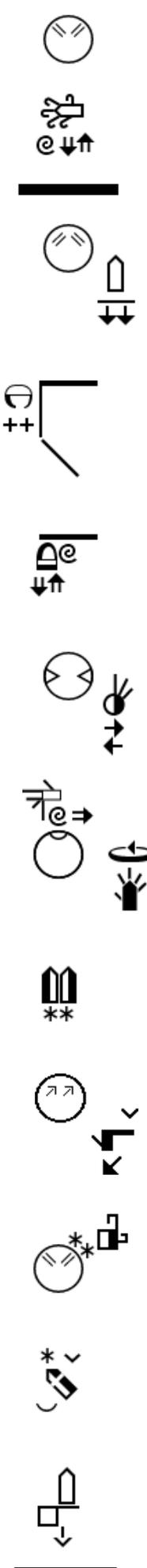
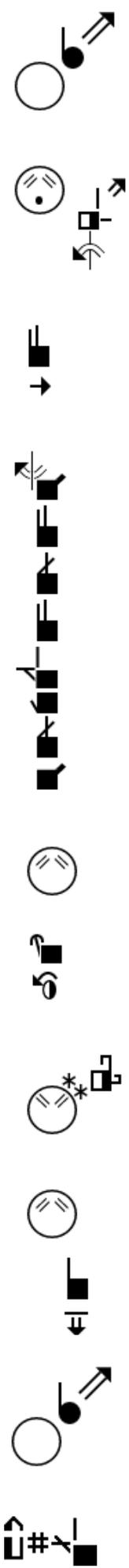


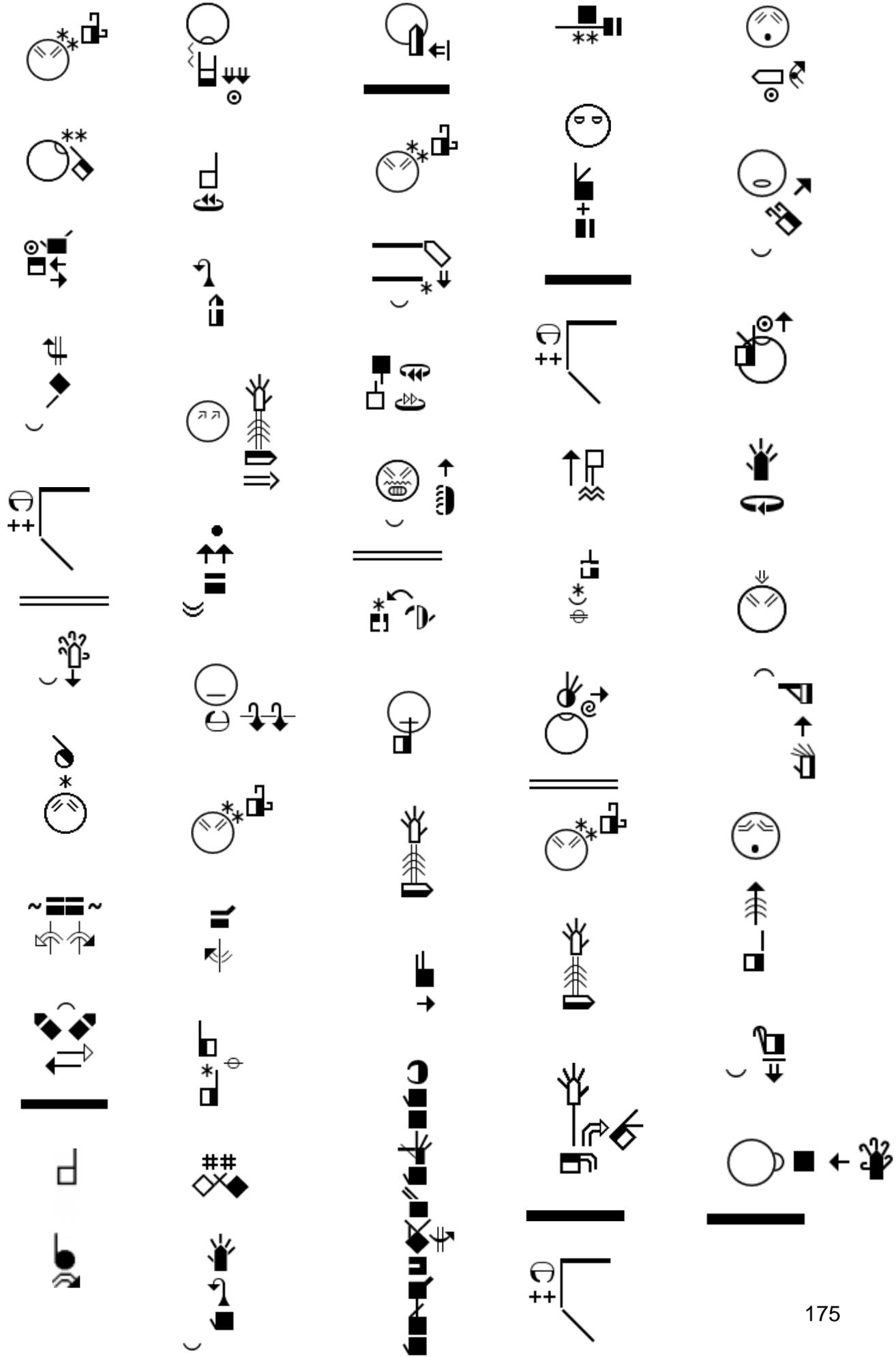
No entanto, Jurupari, o deus da escuridão, sentia uma extrema inveja do menino, da paz e da felicidade que ele transmitia. Pois depois que o menino nascera, nunca mais tinha sido chamado. Cheio de maldade no coração, elaborou um plano para acabar com aquele dom que tanto o incomodava.

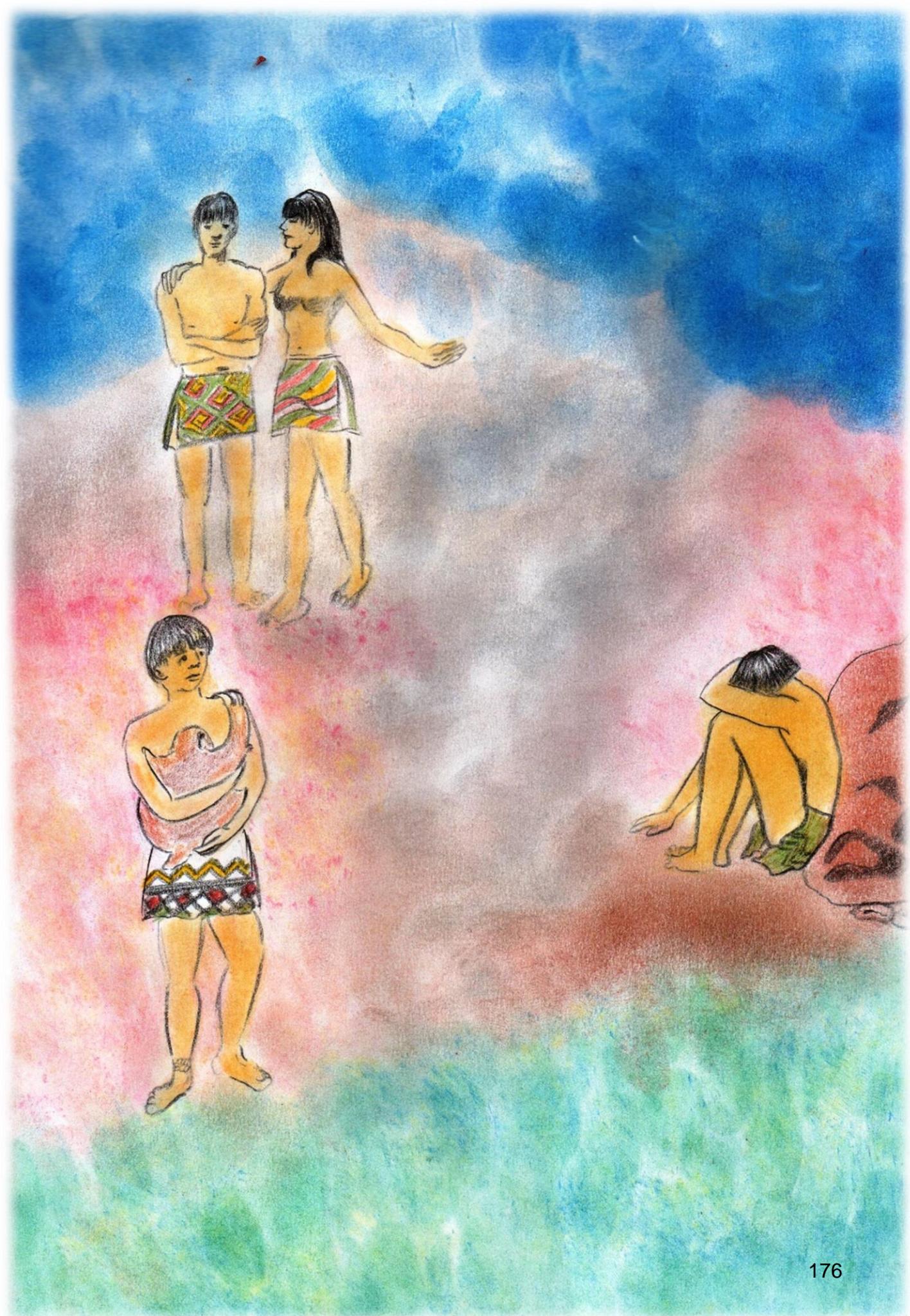
Um dia, o menino foi colher frutos na floresta e Jurupari se aproveitou da ocasião para lançar sua vingança.

Então começou a colocar o seu plano em prática. Transformou-se em um bicho horrível, escondeu-se atrás de uma castanheira e esperou que Cauê passasse. Quando o menino estava perto, jurupari saltou detrás da castanheira e deu-lhe um baita susto, seu berro estrondoso foi ouvido por toda a Terra.







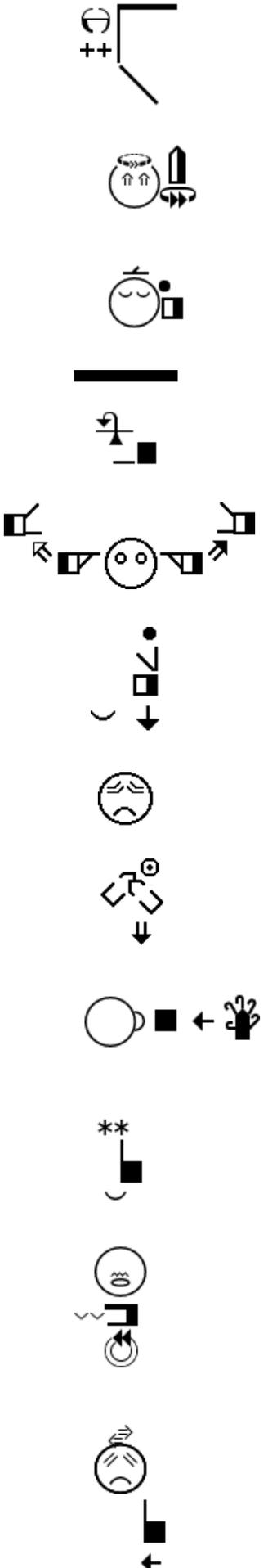
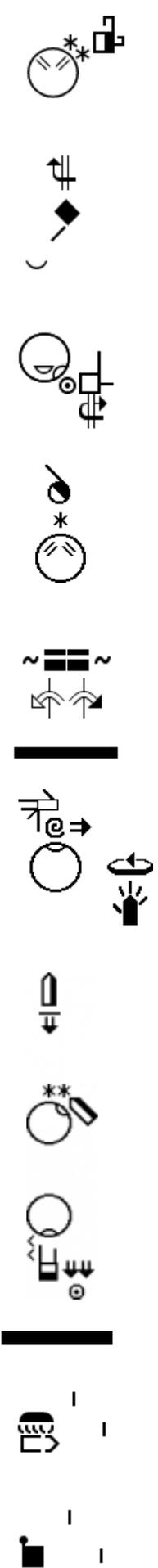
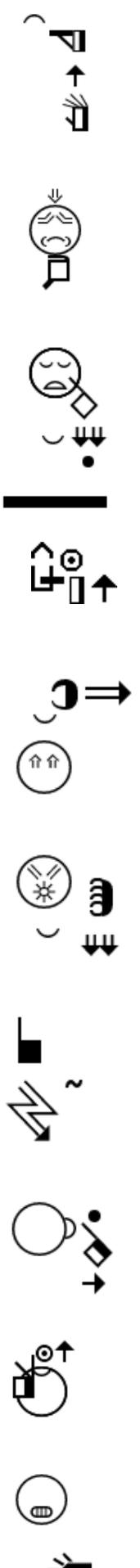


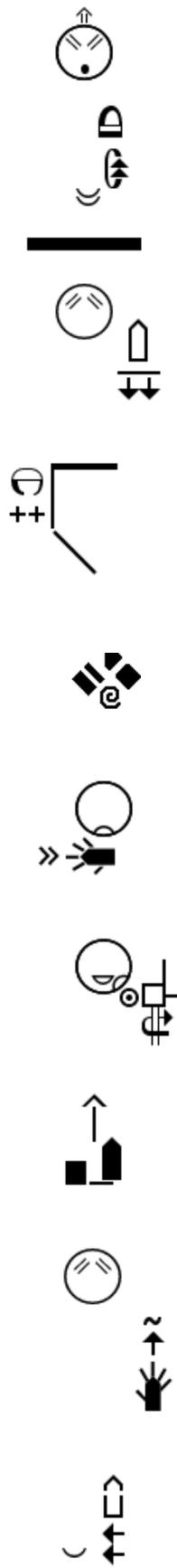


Cauê acabou desmaiando. Quando acordou, percebeu que já não podia escutar, nem mesmo falar. Jurupari havia conseguido o que queria. A triste notícia espalhou-se rapidamente pelas aldeias, todo o povo chorou a tristeza do menino.

Nesse momento, trovões ecoaram na floresta e fortes relâmpagos caíram pela aldeia, era a natureza revoltada com a maldade de Jurupari. Na aldeia todos começaram a ficar preocupados com Cauê e com o futuro dos animais, ele era o único índio com o dom de conversar com os animais e ajudá-los individualmente. E todos lamentaram, por dias, o ocorrido.





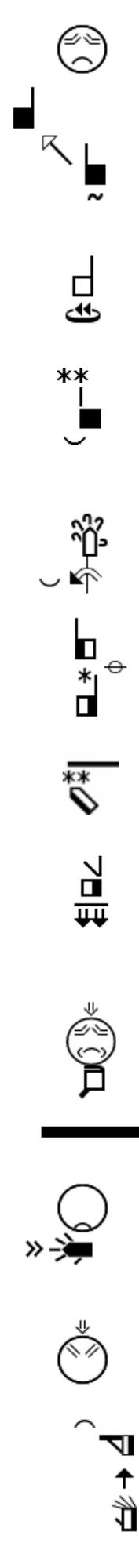
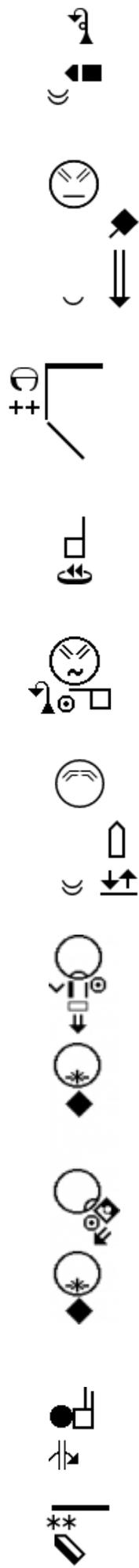






A cada dia, Cauê se isolava mais por não conseguir se comunicar com seus pais, com seus amigos e principalmente com os animais, sua grande paixão. Não se via mais como parte da tribo, sentia-se diferente, já não brincava mais, nem sentia vontade de encontrar com os amigos, sua vida perdera o brilho. Logo os animais da sua aldeia começaram a adoecer, as plantas também começaram a murchar e a morrer, pois pensavam que o amigo índio havia esquecido delas.





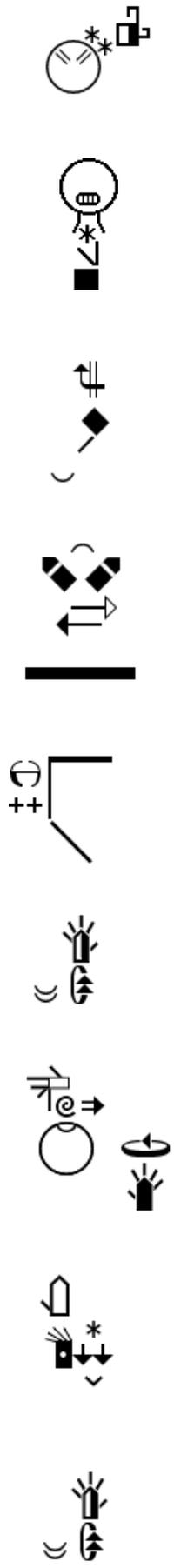




Tupã não aguentou ver toda a tristeza da aldeia, logo se propôs a ajudar. Pediu que Ihe trouxessem Cauê, para que pudesse examinar. Analisando o caso pensou em dar-Ihe novamente a audição e a fala para que pudesse voltar tudo a ser como era antes.

Mas logo pensou que Jurupari poderia tentar roubar novamente. E teve uma ótima ideia: “concederei a Cauê o dom de falar com as mãos assim nunca mais Jurupari poderá Ihe aborrecer”. E assim fez Tupã. Concedeu a Cauê o dom da língua de sinais. E logo o hábito de falar com as mãos virou costume na aldeia, todos queriam aprender a língua de sinais.





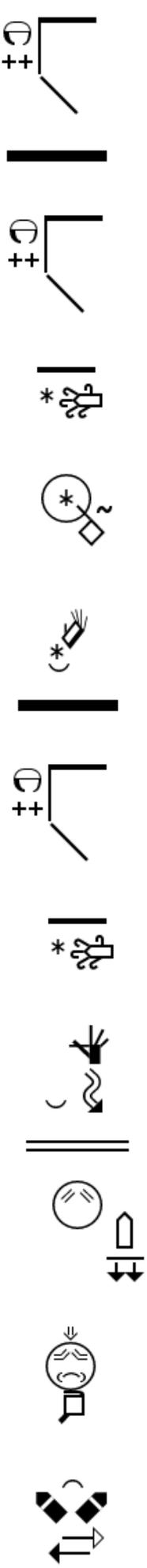
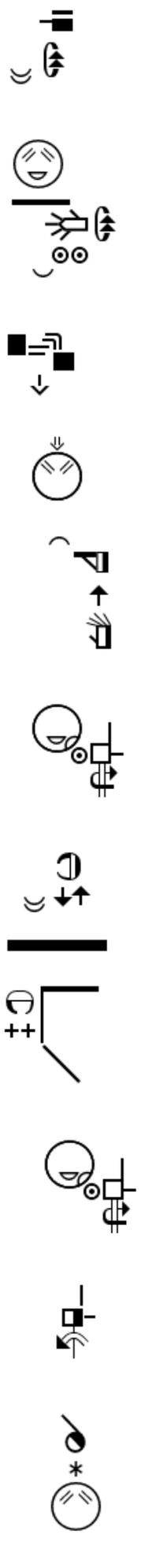




E, novamente, Cauê sentiu uma felicidade enorme florescer dentro dele. Ao perceber que toda a aldeia entendeu sua condição de comunicação e o ajudou a sentir-se parte da aldeia, como sempre foi. Aos poucos percebeu que toda a tristeza que outrora sentia, havia passado. Sentia-se feliz por saber que toda a aldeia já conseguia conversar com ele.

Cauê voltou a conversar com as plantas e com os animais, sua felicidade estava completa. E assim viveu por anos e anos, teve filhos, nasceram netos. E a língua de sinais foi passando de geração a geração.





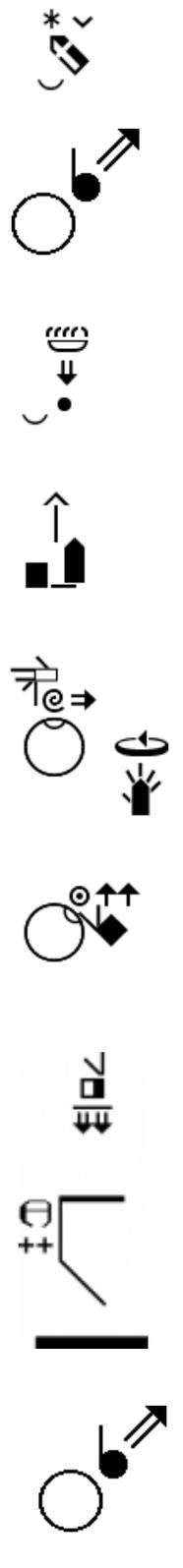
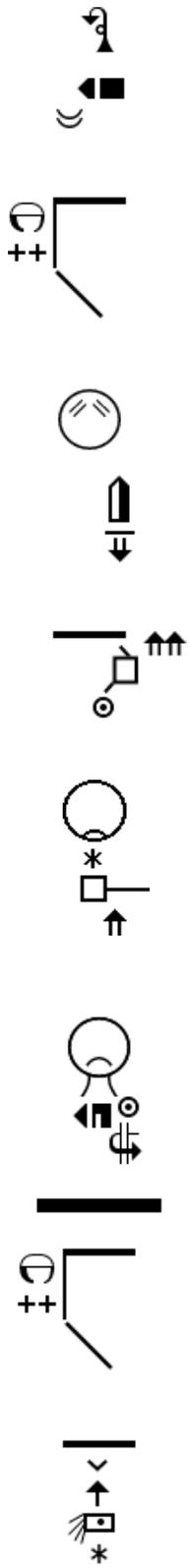




No dia em que Cauê morreu, seus filhos fizeram um último pedido a Tupã. Pediram para que seu pai jamais fosse esquecido.

Então Tupã fez brotar uma árvore jamais vista pelos moradores daquela aldeia, a árvore do guaraná, que era forte, majestosa e bela, assim como Cauê.





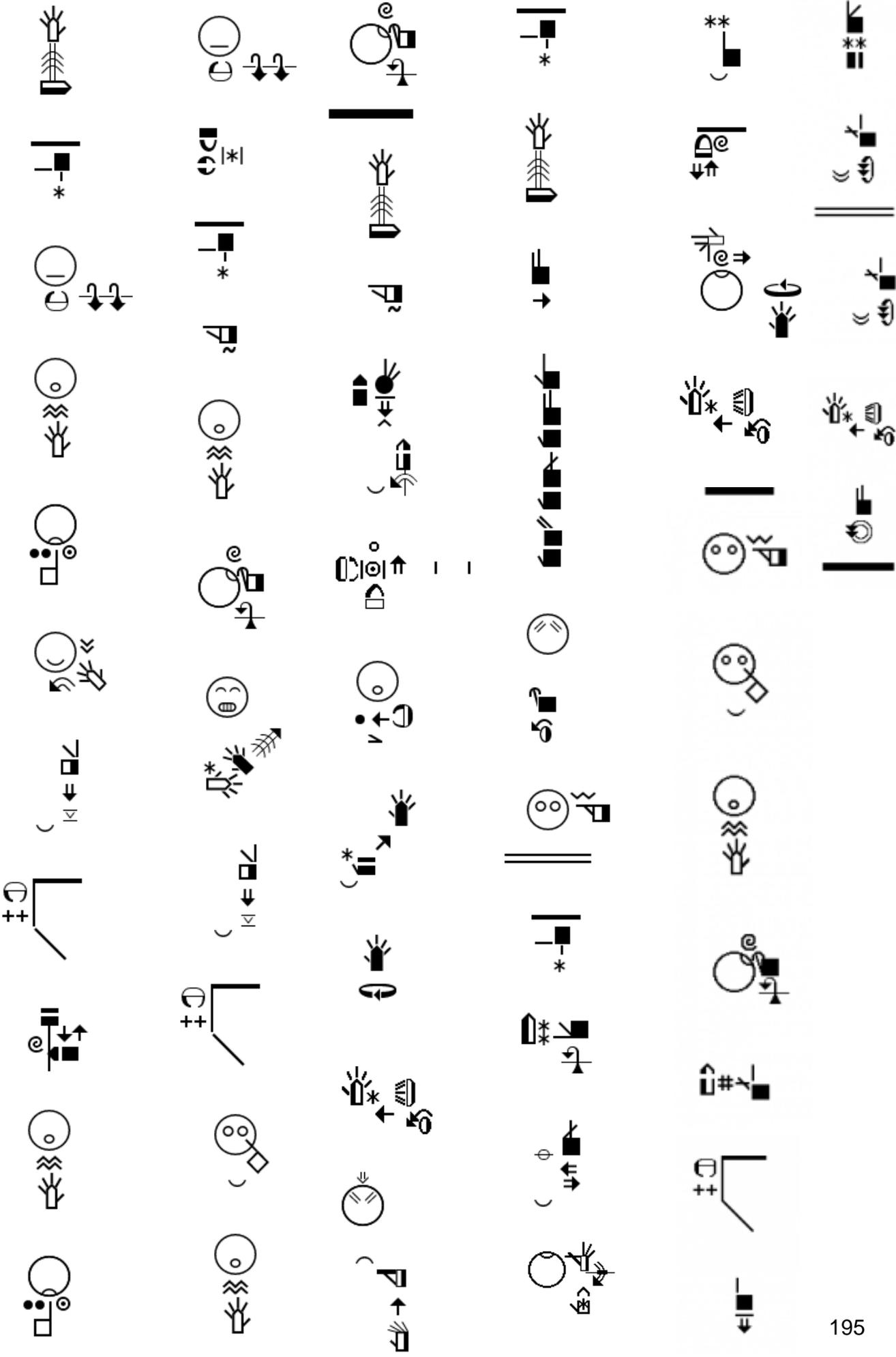




Quando a árvore do guaraná colocou os primeiros frutos, todos ficaram maravilhados. O fruto tinha a cor e a beleza vermelha da pele de Cauê de onde brotavam pequenas sementes negras e muito vivas como os olhos do índio.

Aquela árvore era fértil e rapidamente se espalhou pela Amazônia. Sempre levando toda a simbologia e a fé de um povo. E assim, até hoje, todo o povo amazônico é protegido pelos negros olhos de Cauê.





LENDA DO PIRARUCU

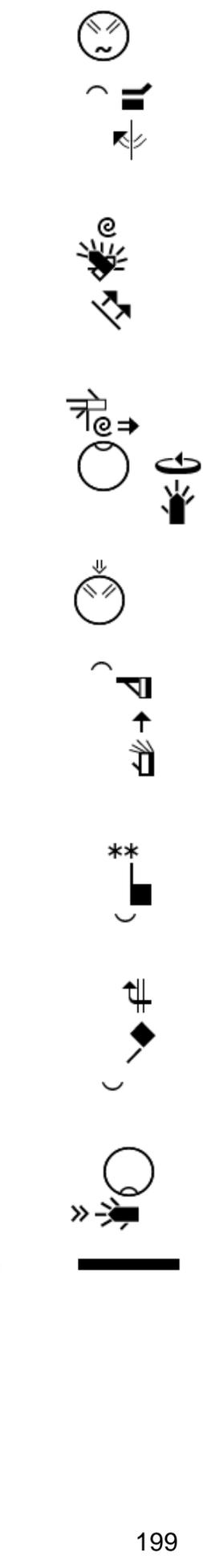
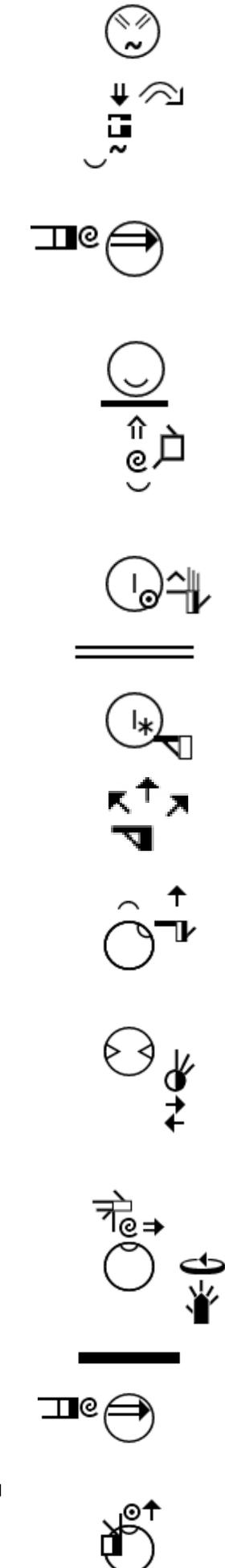
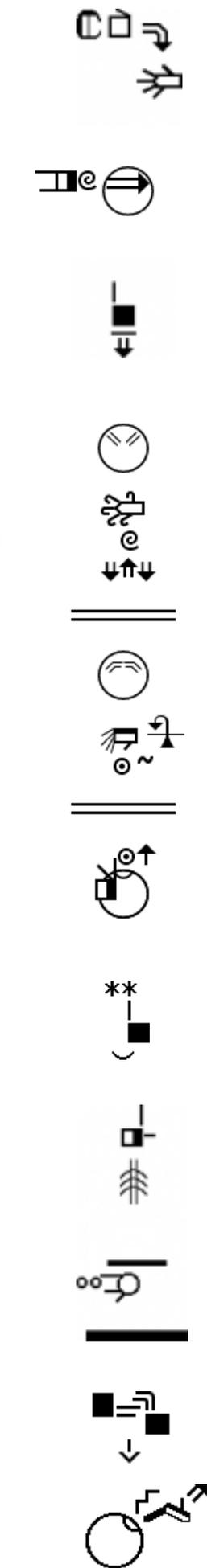
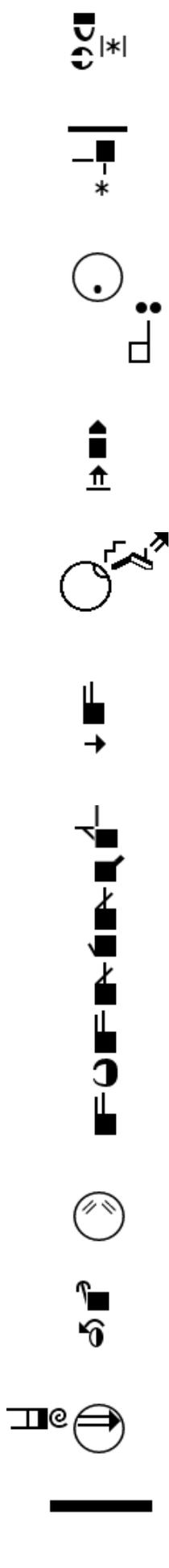
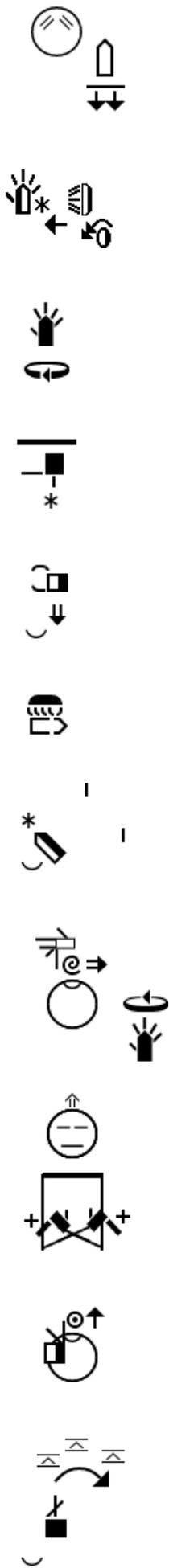
Francisco Pereira de Amorim





Em algum lugar da Amazônia existia uma tribo de grandes guerreiros. Entre esses guerreiros destacava-se um, seu nome era Pirarucu. Ele era bravo, corajoso, forte e destemido. Mas toda a sua fama e o poder havia o transformado em um homem orgulhoso e vaidoso, já não respeitava ninguém. Usava sua força para o mal, maltratava a todos, inclusive os animais.



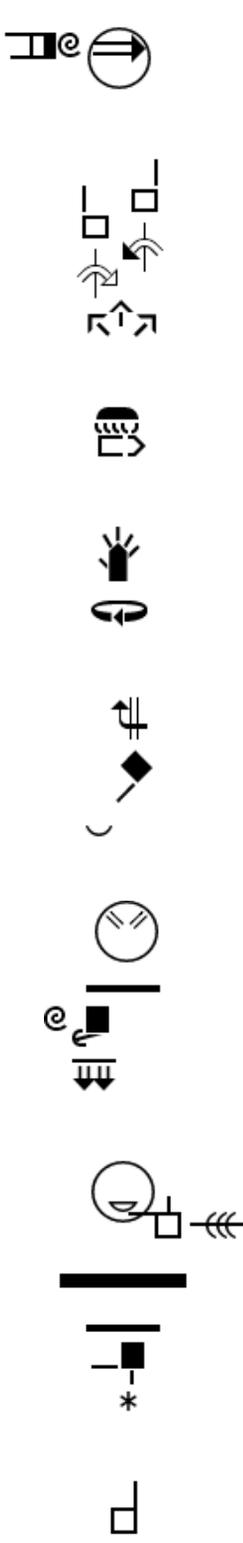






Pirarucu se divertia zombando e praticando o mal contra os outros índios, já não respeitava ninguém da própria tribo. Seu alvo favorito era Iberê, um jovem índio surdo.







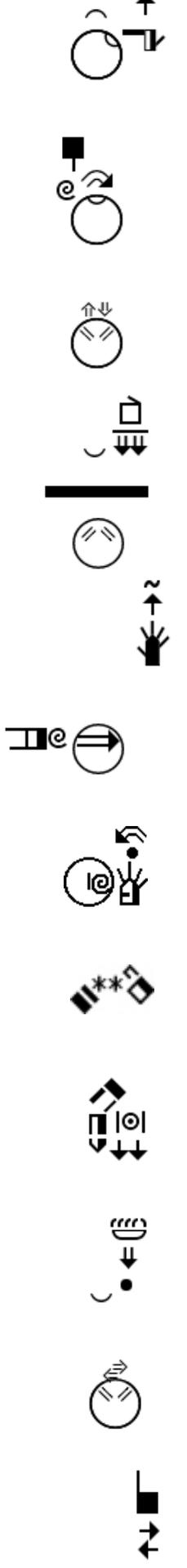
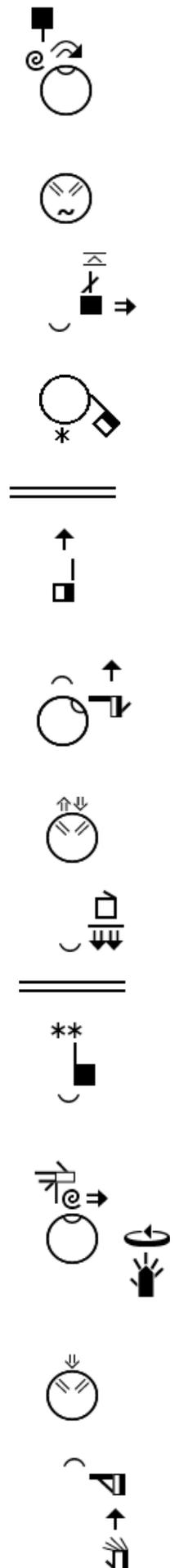
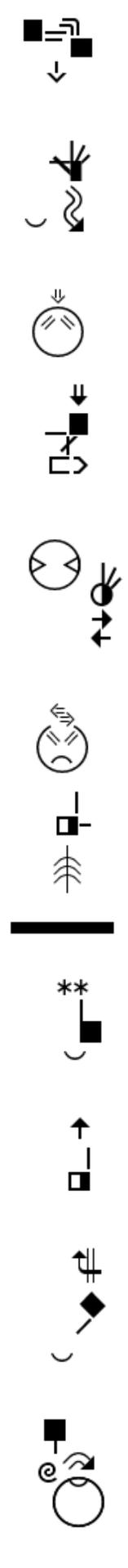
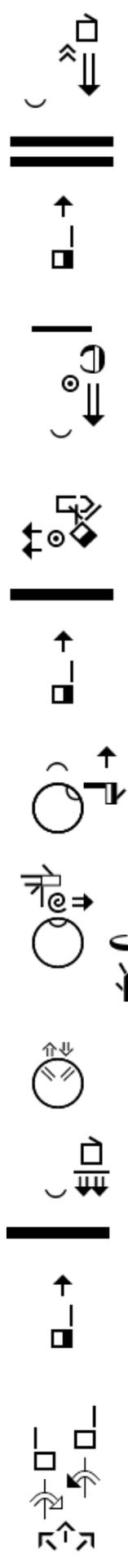
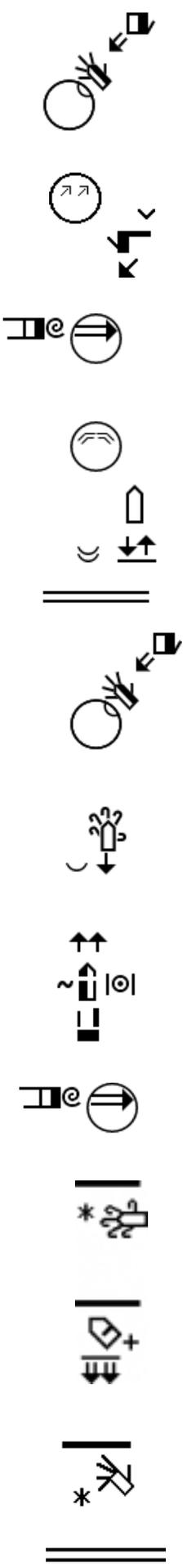


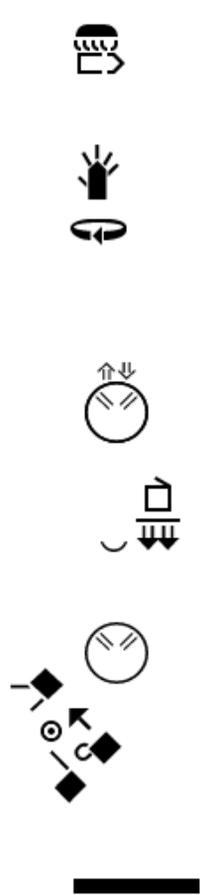
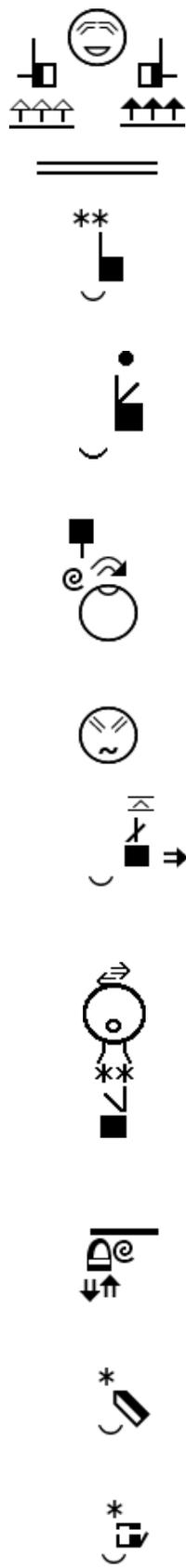
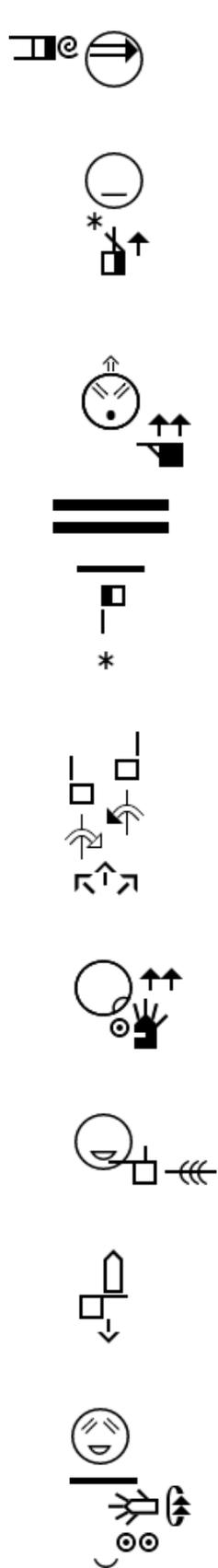
Certa vez, o Pajé chamou Pirarucu para tentar tocar o coração do algoz:

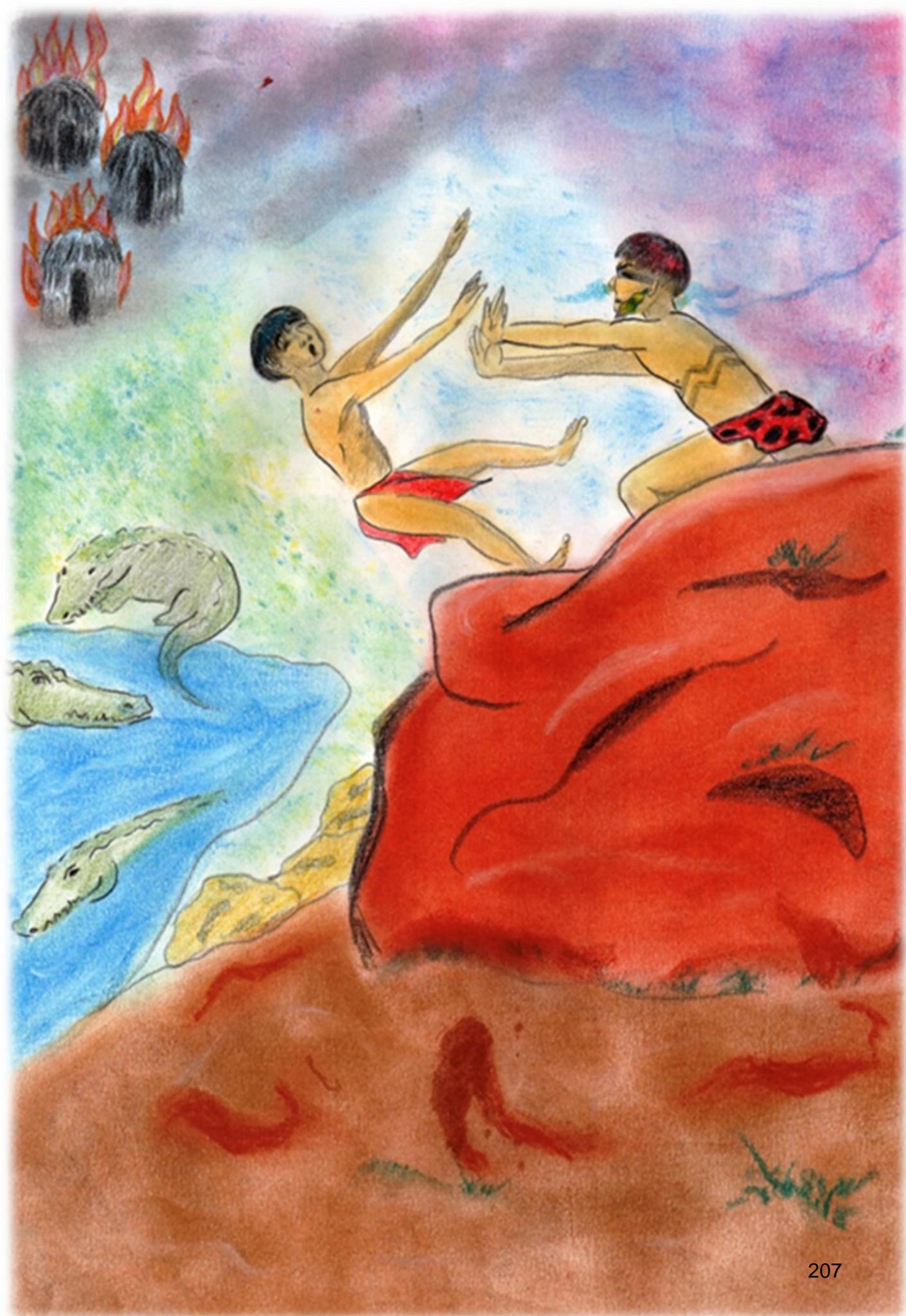
- Pirarucu, seu comportamento não está correto. Você não respeita ninguém, não há como ser feliz sem respeitar ao próximo. Respeite a condição de Iberê, ele é surdo e deve ser respeitado por todos.

Mas Pirarucu estava dominado pela arrogância, não ouvia ninguém. Dizia que fazer o mal era seu divertimento. Também afirmava que Iberê não era digno de viver na tribo, pois era diferente.











A única pessoa que Pirarucu ainda respeitava era seu pai Pindaro, que era um homem bom e não aceitava as atitudes do filho. Certa vez, Pirarucu aproveitou a ausência de seu pai para praticar grandes maldades. Colocou fogo nas ocas daqueles que não quiseram obedecer às suas ordens e jogou Iberê em um lago cheio de jacarés.



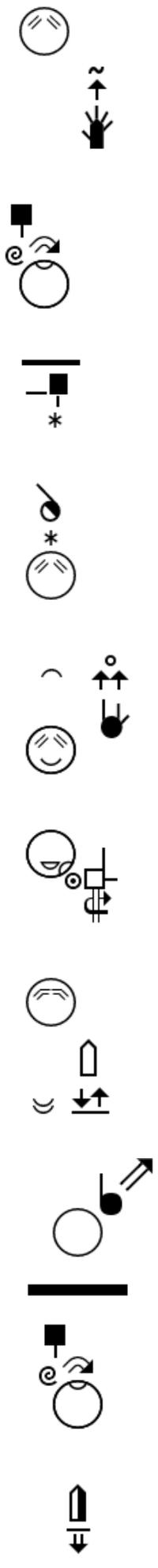
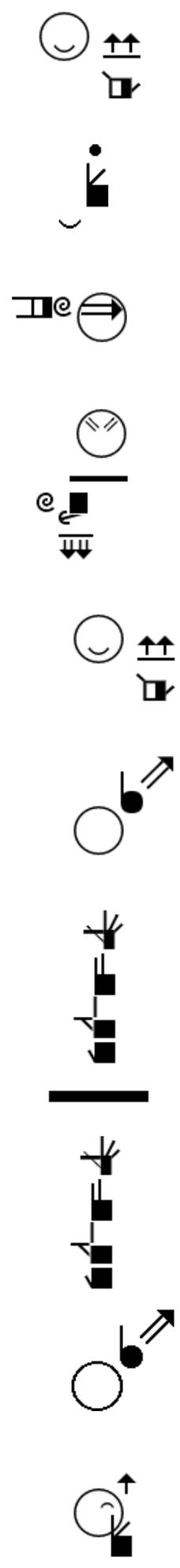
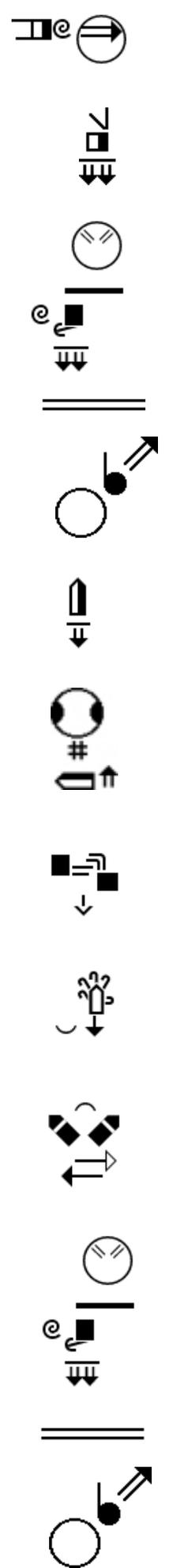
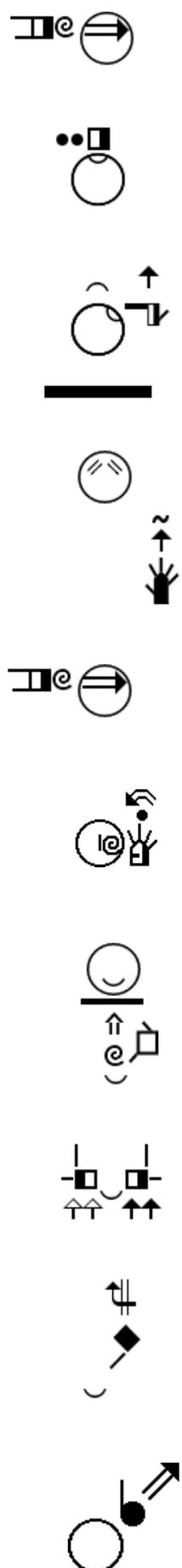


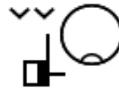
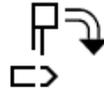


Iberê, ao nascer, tinha sido agraciado com o dom de comunicar-se com os deuses. Por vezes, havia se queixando a Tupã das maldades de Pirarucu.

Tupã estava cansado das maldades de Pirarucu e decidiu atender aos pedidos de justiça de Iberê. Enviou uma forte tempestade com chuvas, raios e trovões na floresta. Mas Pirarucu arrogante, zombou de Tupã e acabou sendo atingido por uma árvore.





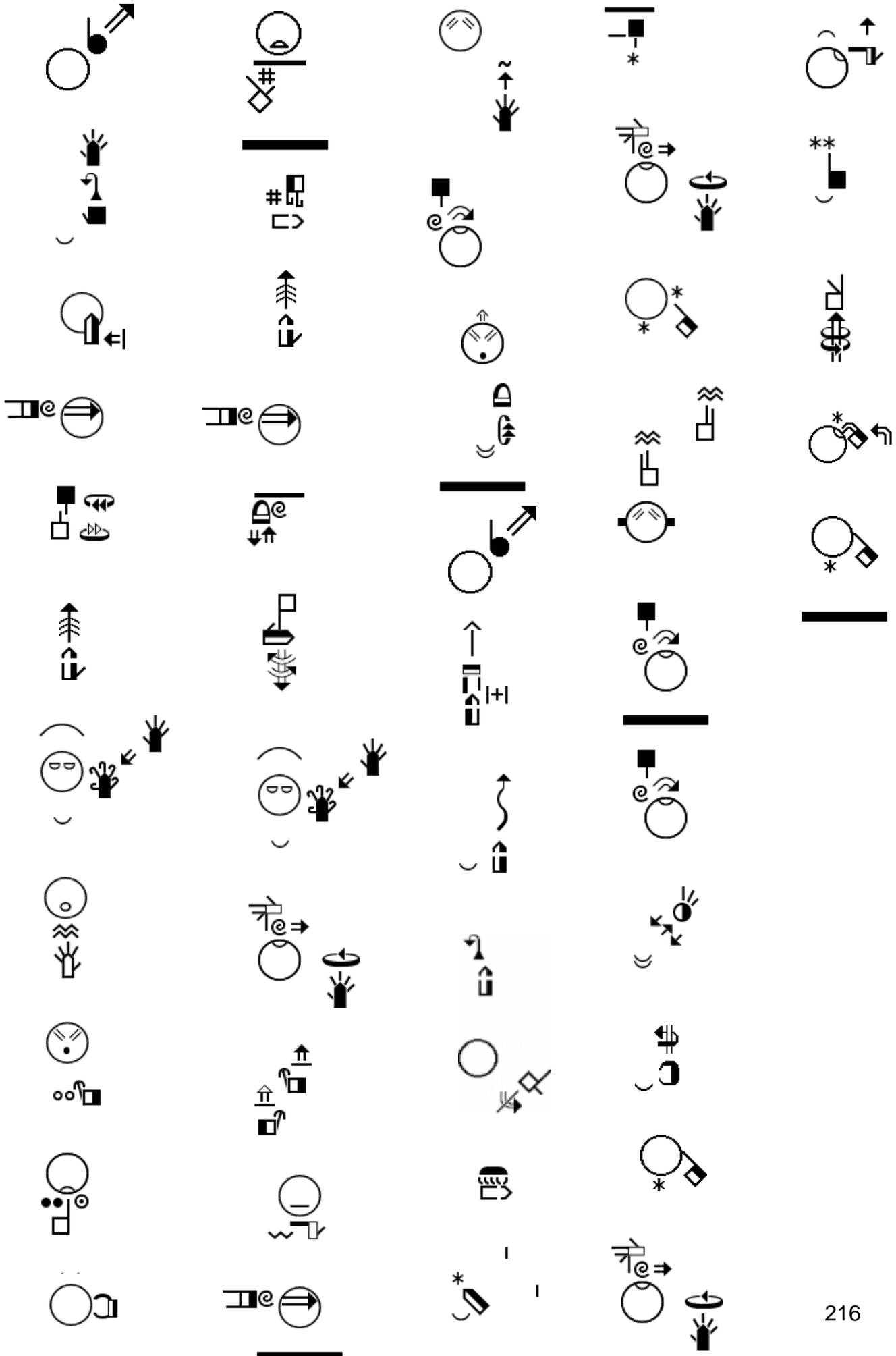






O corpo de Pirarucu foi arrastado pelas enxurradas até as águas profundas do rio. Tupã o transformou em um peixe escuro, grande de escamas largas e avermelhadas e cabeça chata. Condenado a viver na escuridão e a servir de alimento. Tupã guiou Iberê até outra tribo onde havia outros surdos. Lá foi fundada uma comunidade que valorizava e respeitava a cultura surda.





A LENDA DA IARA

Jéssica Amaral Morais



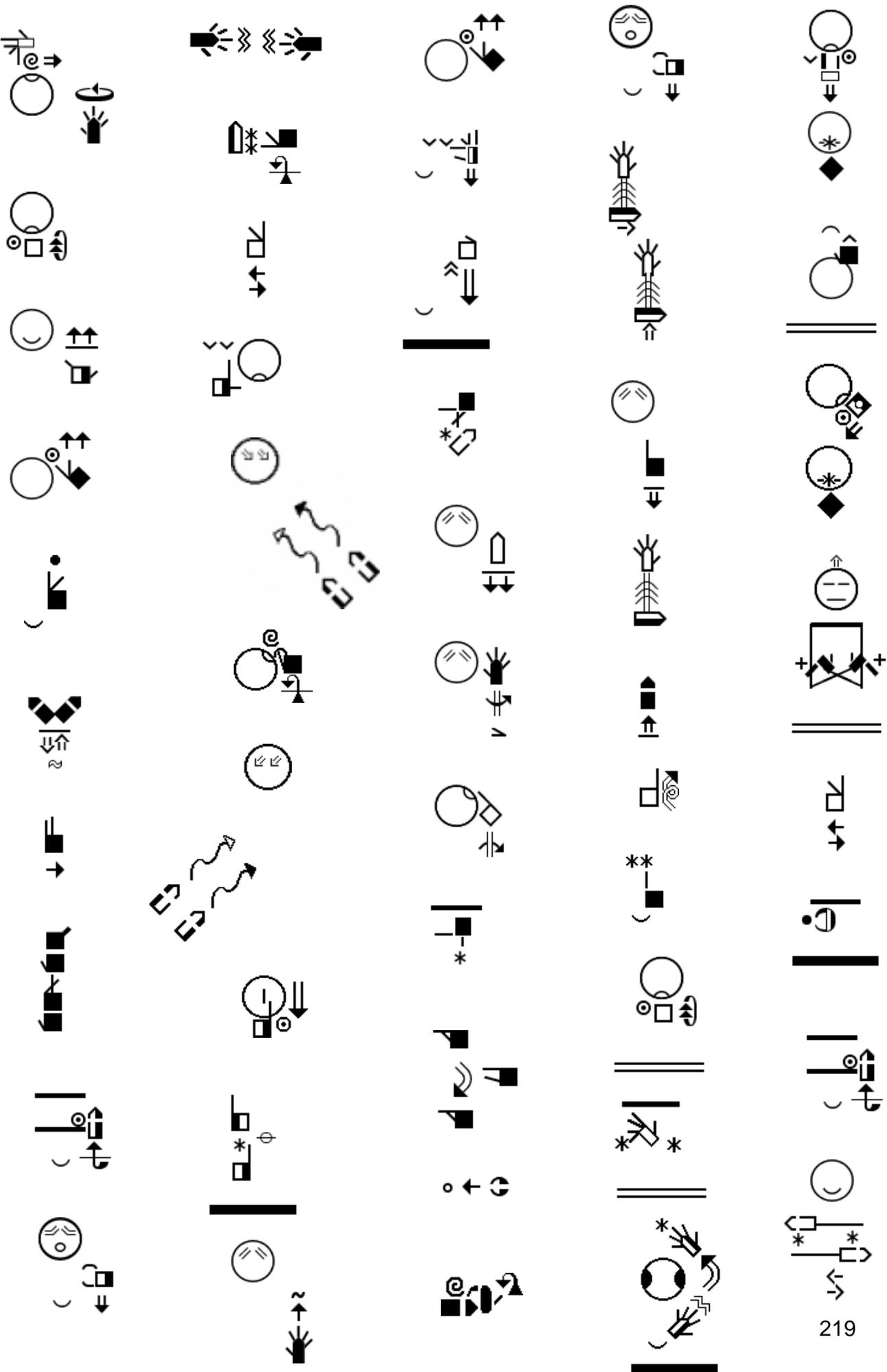


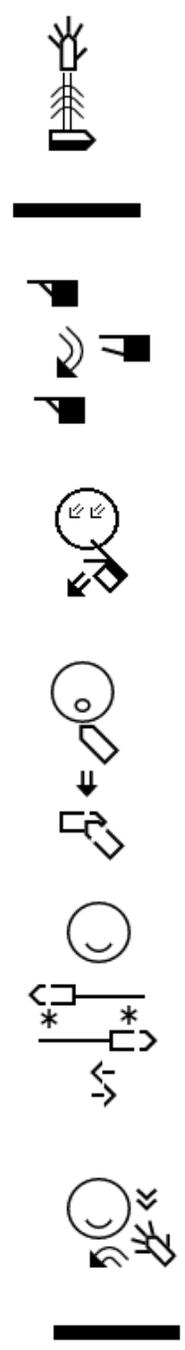
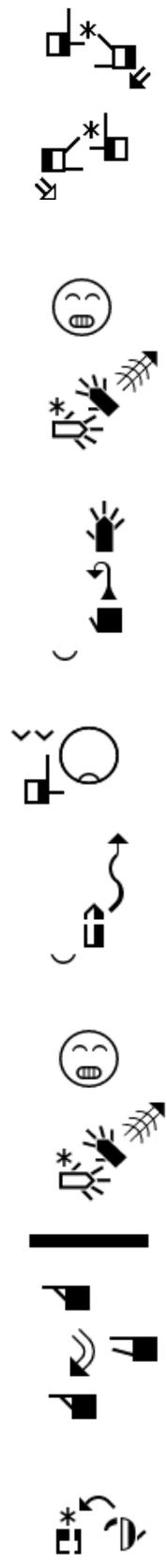
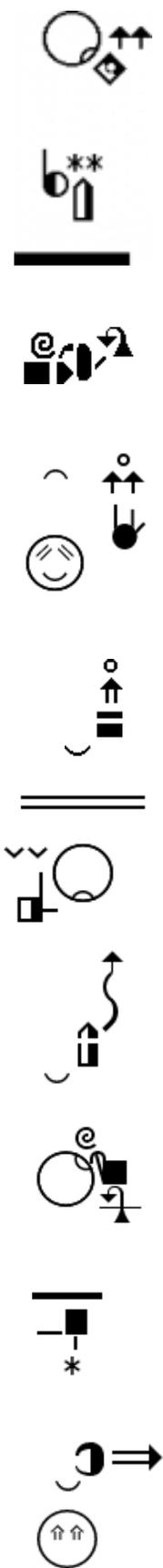
Contam os mais antigos que no encontro das águas nasceu uma sereia, seu nome era Iara. Mas espera aí... A história não é bem assim.

Em noite de lua nova, debaixo da árvore-mãe, a mais alta, antiga e frondosa de toda floresta, nasceu uma bela indiazinha. A menina era fruto do amor do cacique da tribo com sua amada índia guerreira.

Era uma noite mágica, em que as estrelas refletiam seu brilho nas águas turvas do Rio Negro. E a lua se escondia por detrás da frondosa árvore para espiar a criança, maravilhada com a beleza da indiazinha.









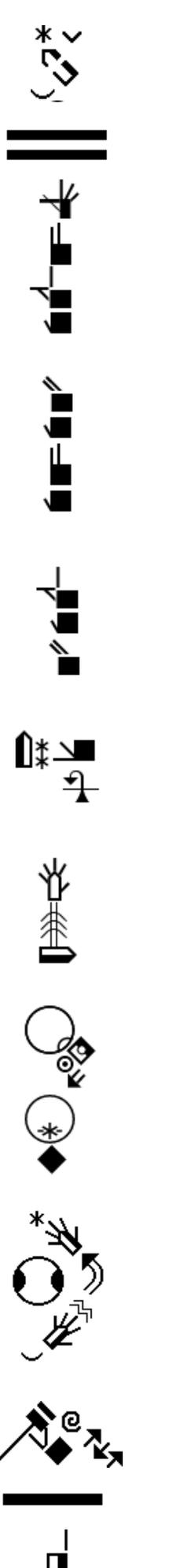
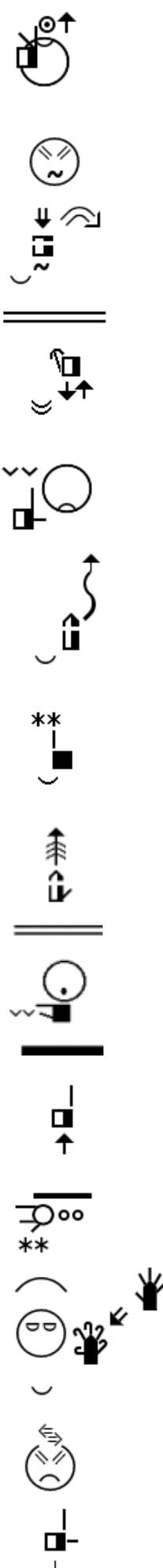
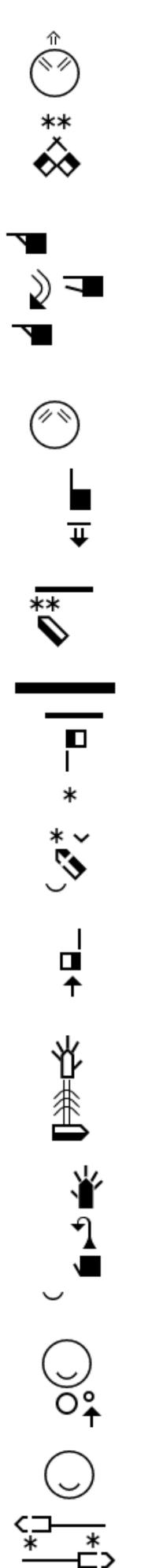
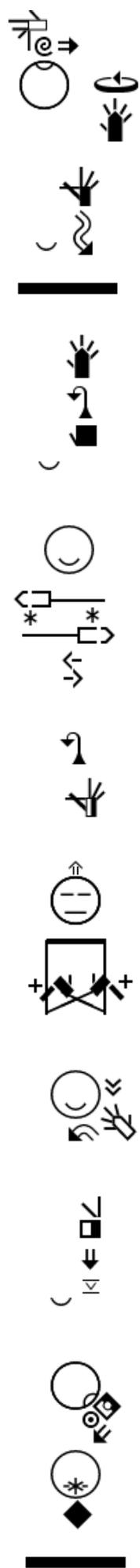


O cacique tomado de alegria teve uma ideia e, rapidamente, aos pés da árvore-mãe, ergueu a menina índia dizendo:

-Tupã naua pan! Mãe verde e frondosa! És forte e poderosa! Dominas os rios, os peixes e as aves! Da noite não tens medo, pois és amiga da lua. Peço agora, a essa que tem pele lisa e nua, um dom nunca visto nesta tribo e para a felicidade de todos. Que a índia seja guerreira e bela igual à mãe dela.

Os três filhos do cacique também estavam ali e foram tomados por um muito sentimento ruim: a inveja!





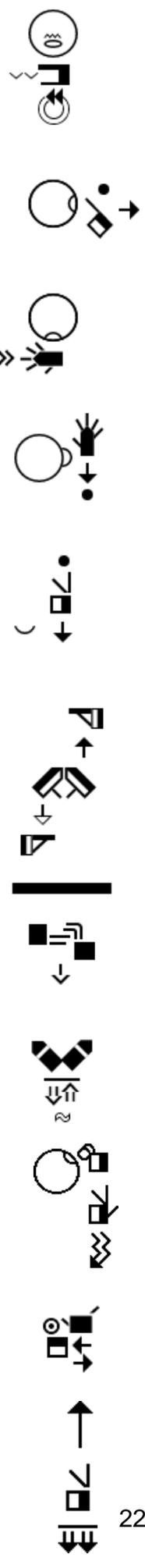
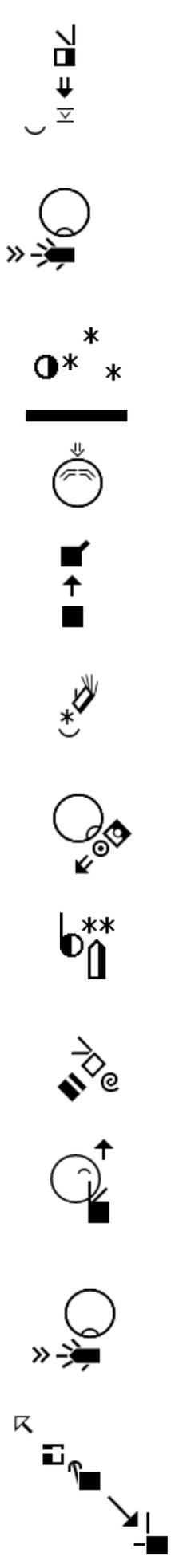
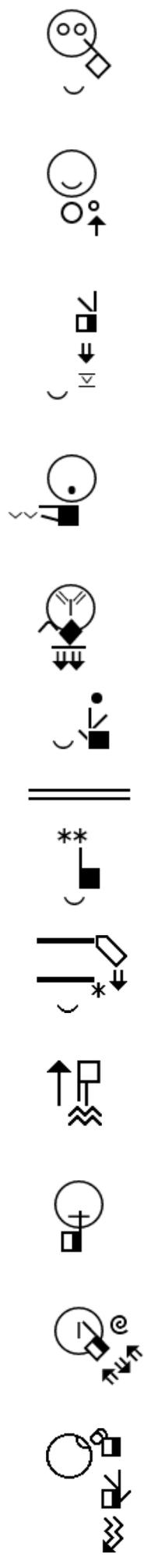
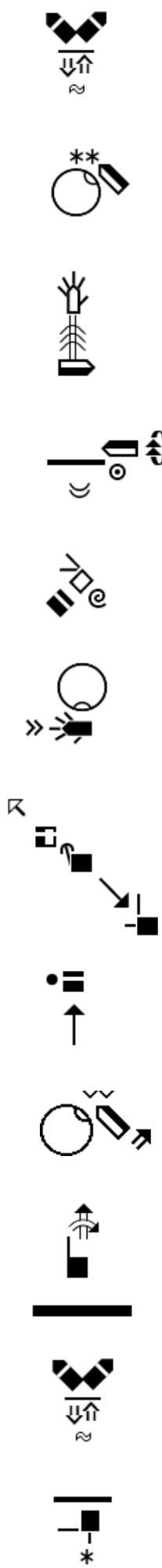
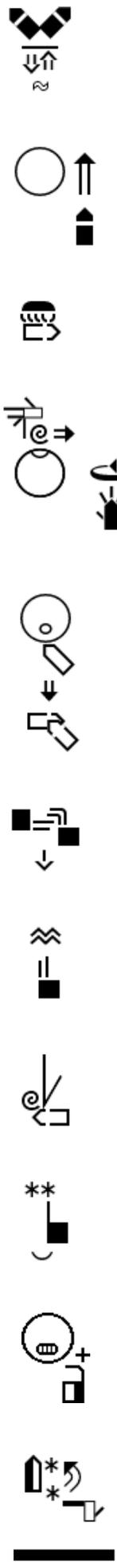


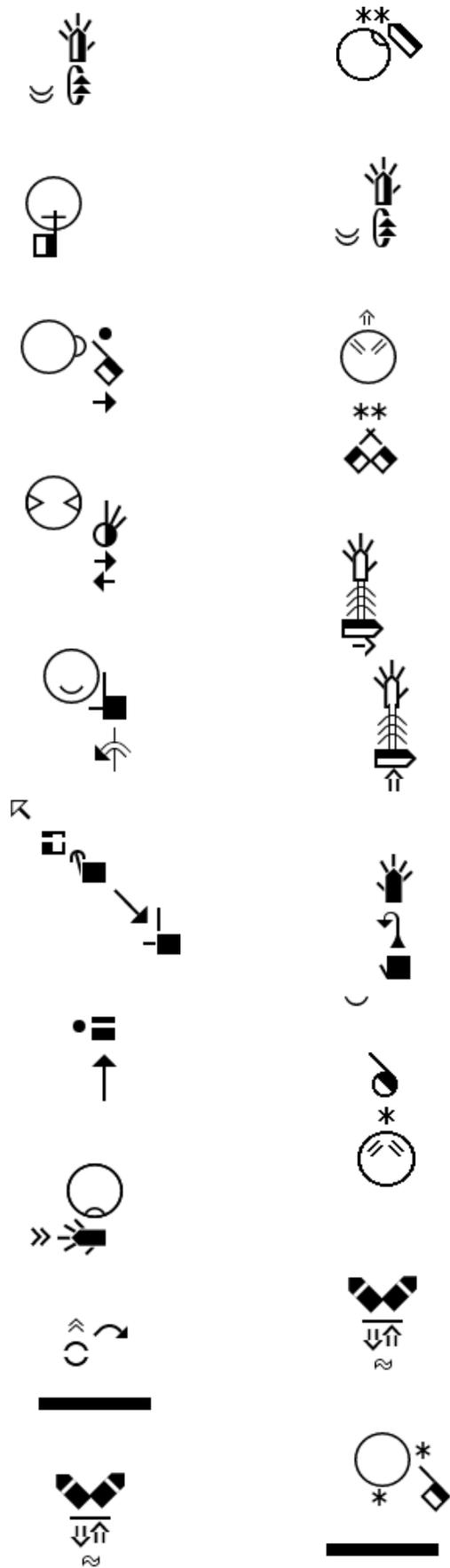


Iara foi crescendo e, dentre todas as índias da tribo destacava-se. Fez crescer, no coração de seus irmãos, o ciúme e a inveja. E os dias iam passando... Iara caminhava pela mata, amava a natureza, caçava, como ela não havia igual. Possuía o olhar do gavião real, era silenciosa como a onça.

A menina índia sempre voltava com a caça, tinha uma grande vantagem, dava comando às outras índias usando apenas as mãos. Durante a caça, era silenciosa e nunca era percebida pelas presas. Depois de um tempo, percebeu-se que este era o dom especial dado pela árvore-mãe. Iara era surda!





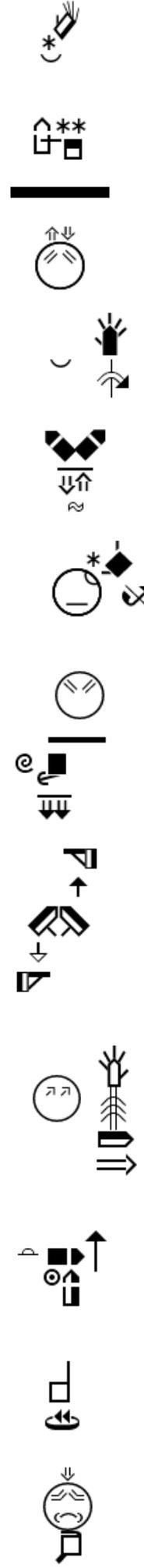
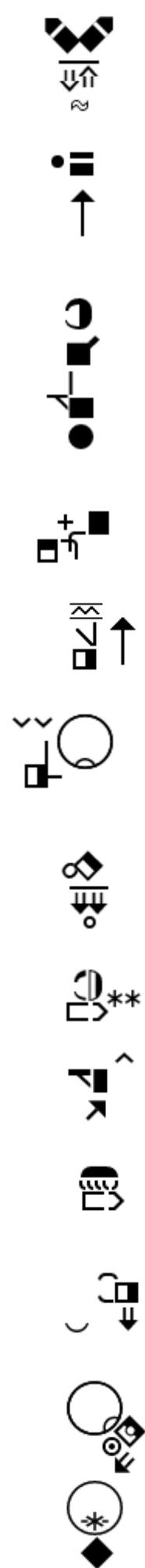






Certo dia, seus irmãos tramaram contra Iara, mas ela sabia ler os lábios e entendeu tudo que eles falaram. Triste, recolheu-se mata adentro, chorando desolada, só parou ao deparar-se com a árvore-mãe. Ali, decidiu ajudar seus irmãos a se livrar de tão destrutivo sentimento. Cortou um cipó que vinha do alto da copa até seu tronco, colheu gotas de sua água em uma folha e levou para a aldeia. Lá, colocou silenciosamente na comida que sua mãe havia feito para seus irmãos guerreiros.



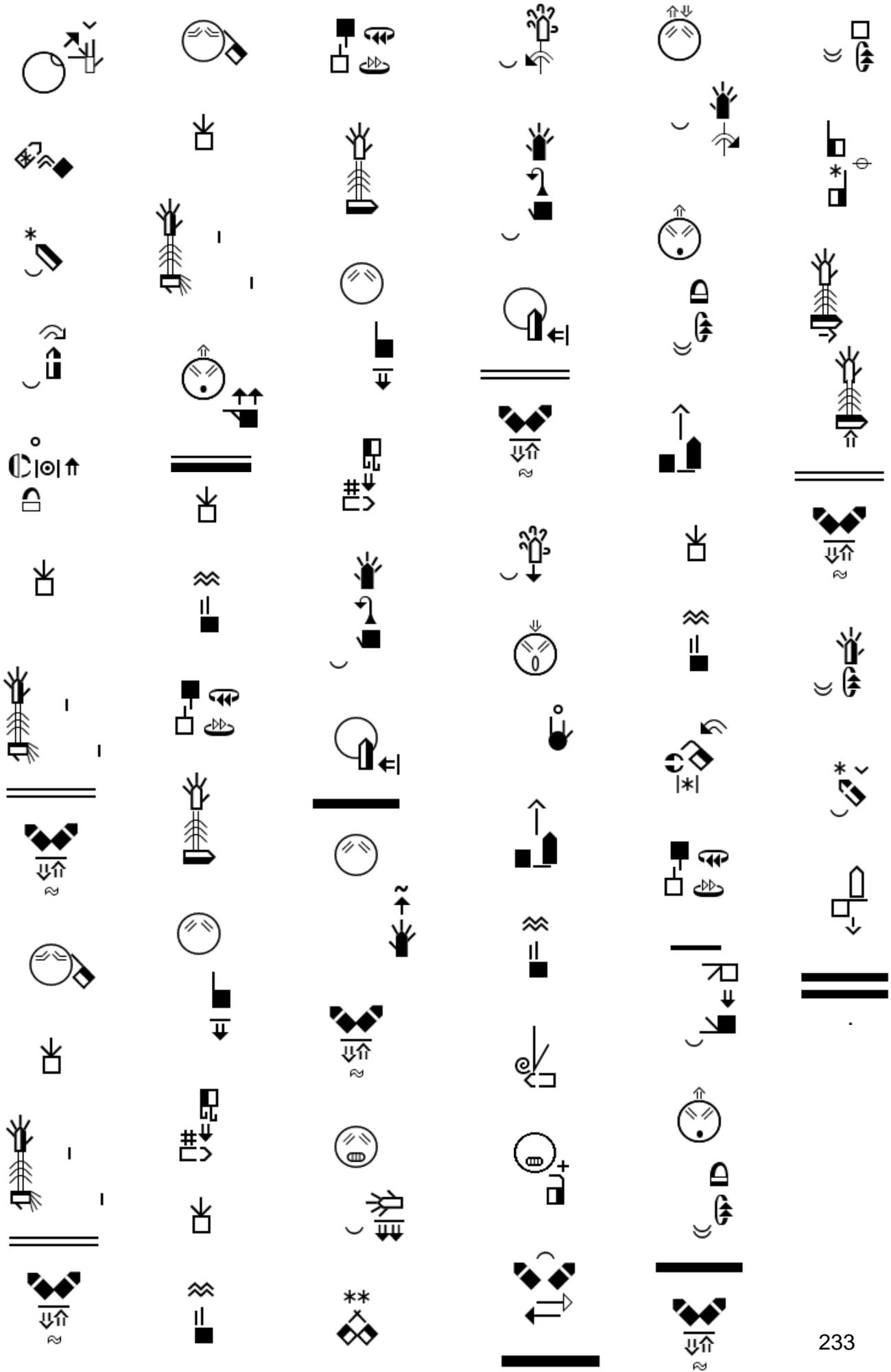






Pela manhã, Iara percebeu três novas árvores perto da oca e, naquele momento, entendeu que eram seus irmãos enfeitiçados. A índia se desesperou, afinal só queria ajudá-los a se livrar daquele sentimento ruim. Precisava fazer alguma coisa! Decidiu visitar a árvore e, sinalizando, fez-lhe um pedido.





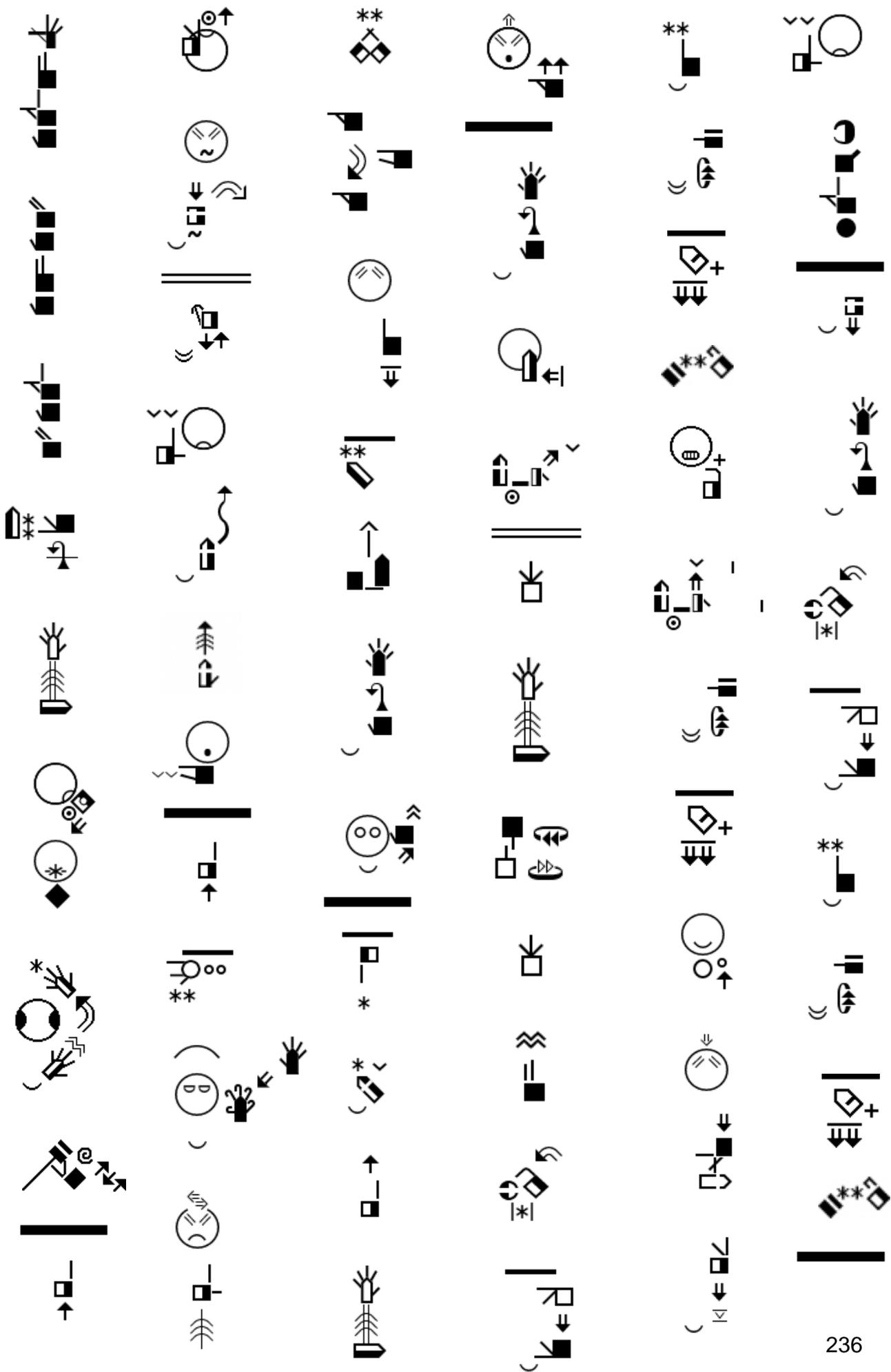


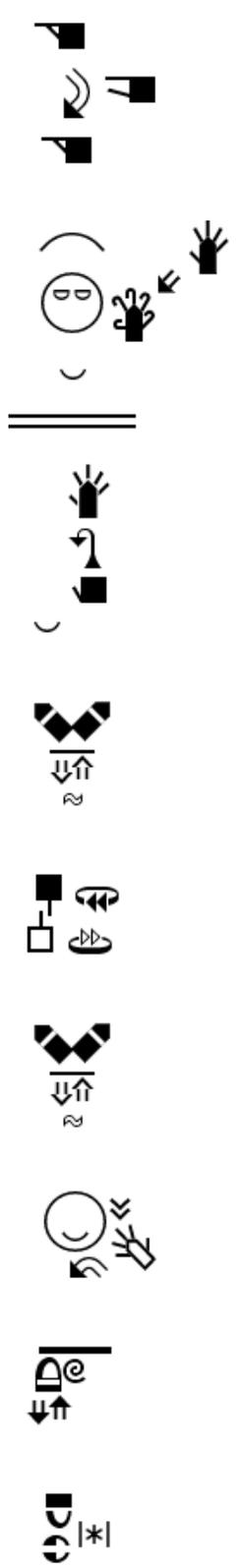
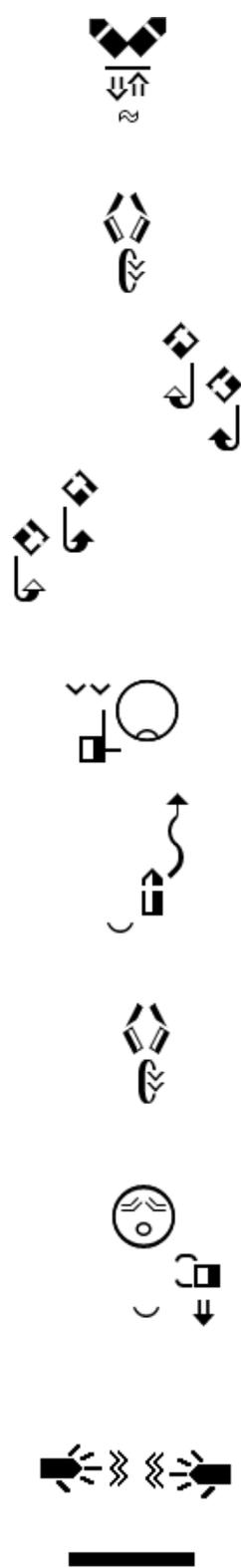


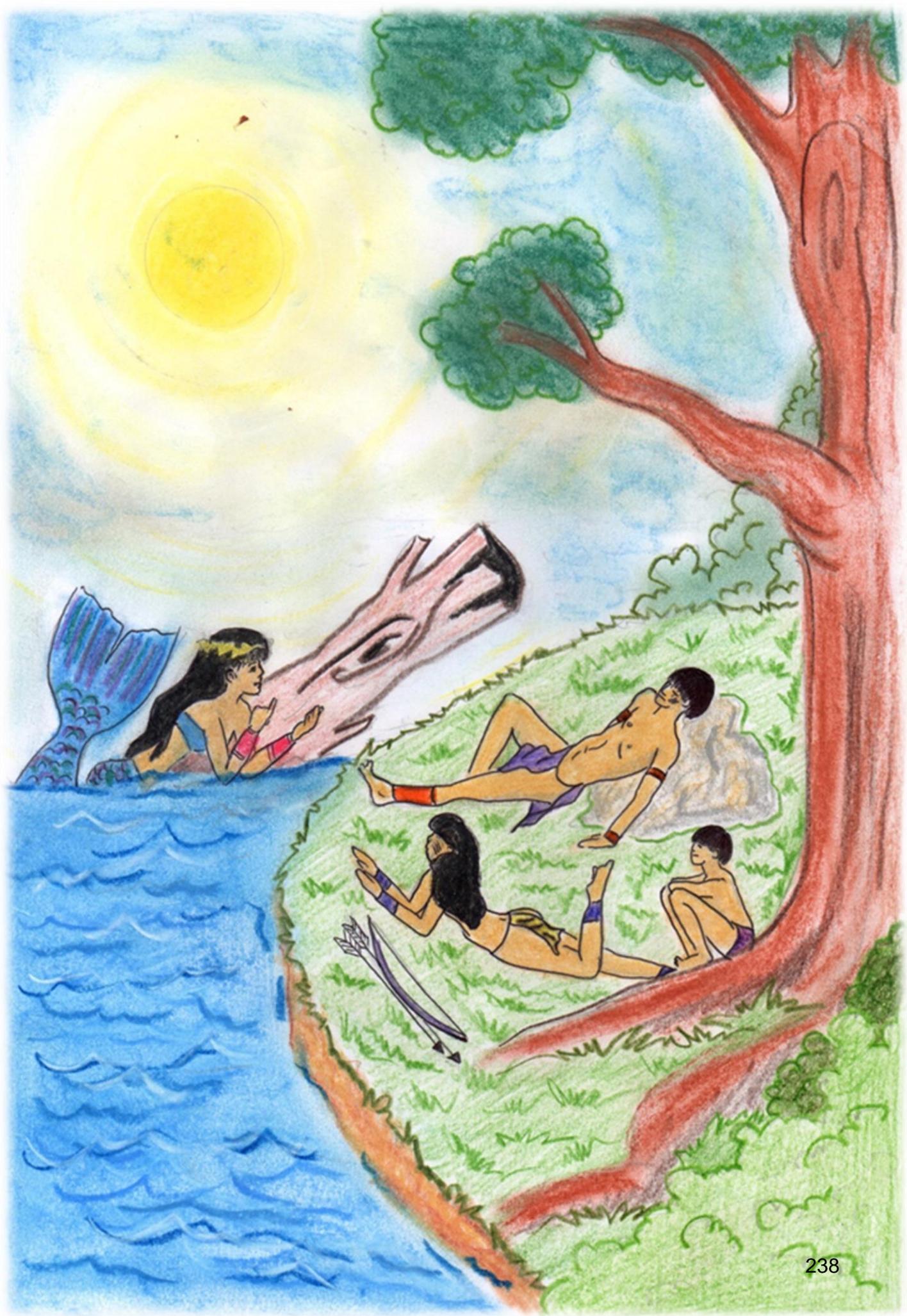
-Tupã naua pan! Mãe verde e frondosa! Forte e poderosa! Dominas os rios, os peixes e as aves! Da noite não tens medo, pois és amiga da lua. Peço agora que desfaças essa maldição! Se preciso for, põe em mim o teu feitiço! Das três árvores duras tragas de volta meus irmãos, com o coração amolecido e puro como a água que colhi de ti.

Depois dali, Iara tomou uma canoa e adentrou ao encontro das águas. Chorando e sob a luz da lua nova, Iara teve seu pedido atendido. Logo, seus irmãos voltaram a ser guerreiros.







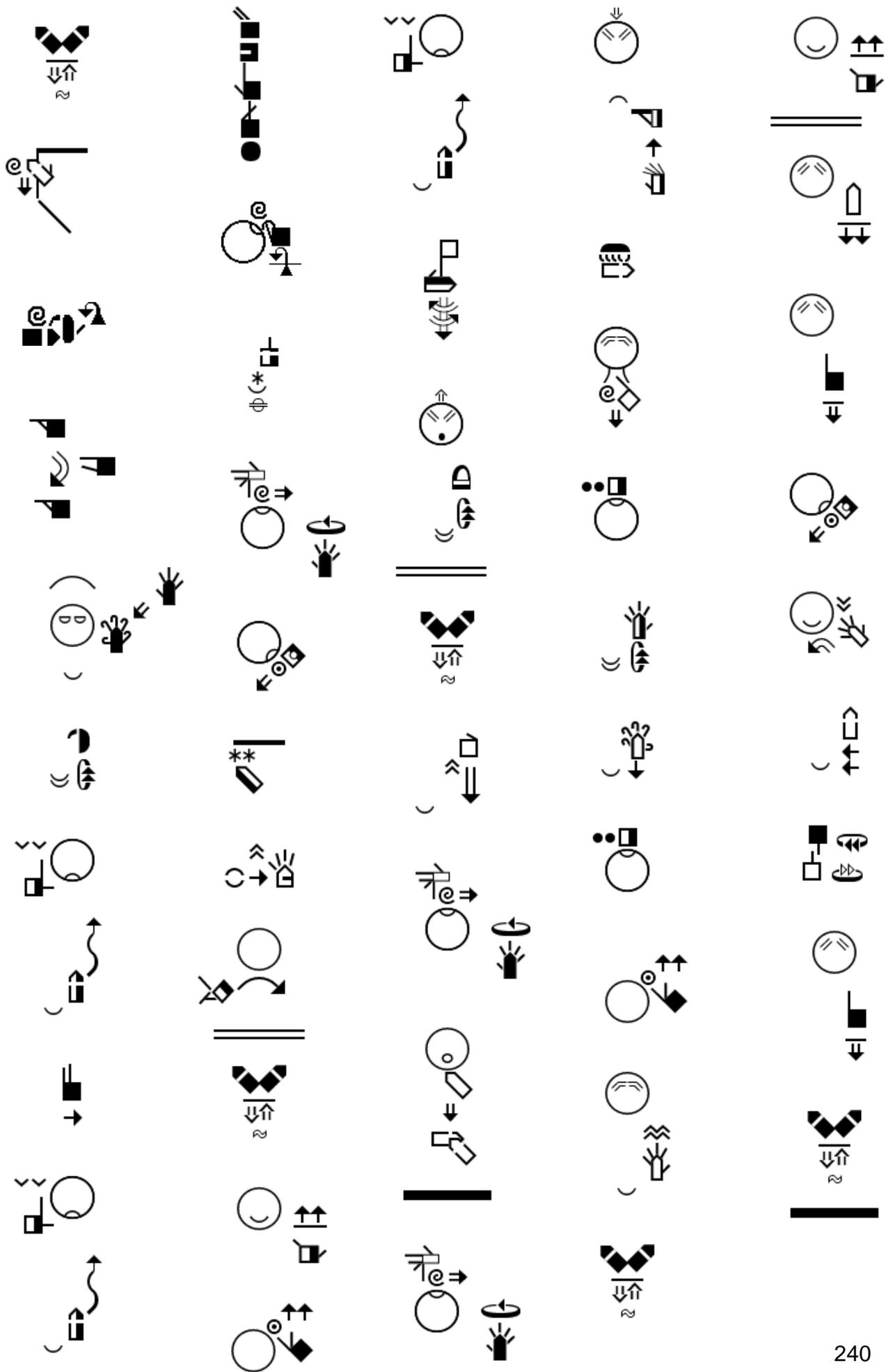




Iara tornou-se uma bela sereia que em noites de lua nova visitava as margens do Rio Negro à procura de suas amigas e encantava a todos com as histórias do fundo dos rios.

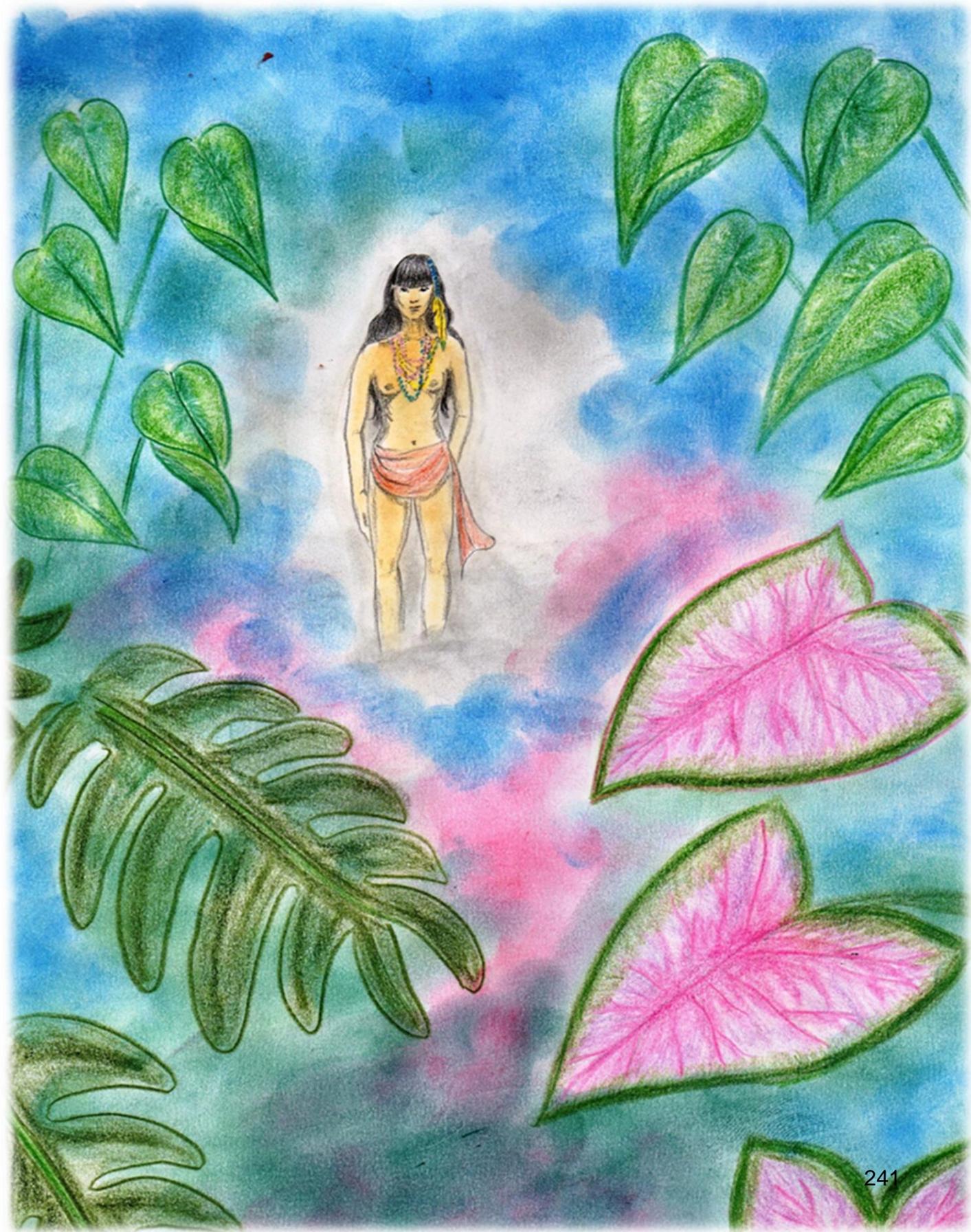
A alegria era tamanha que todos na tribo aprenderam a se comunicar em sinais para saber das histórias da bela índia que havia se transformado em sereia.





KAUANE, UMA GUERREIRA SURDA

Lilian Araújo Cerqueira

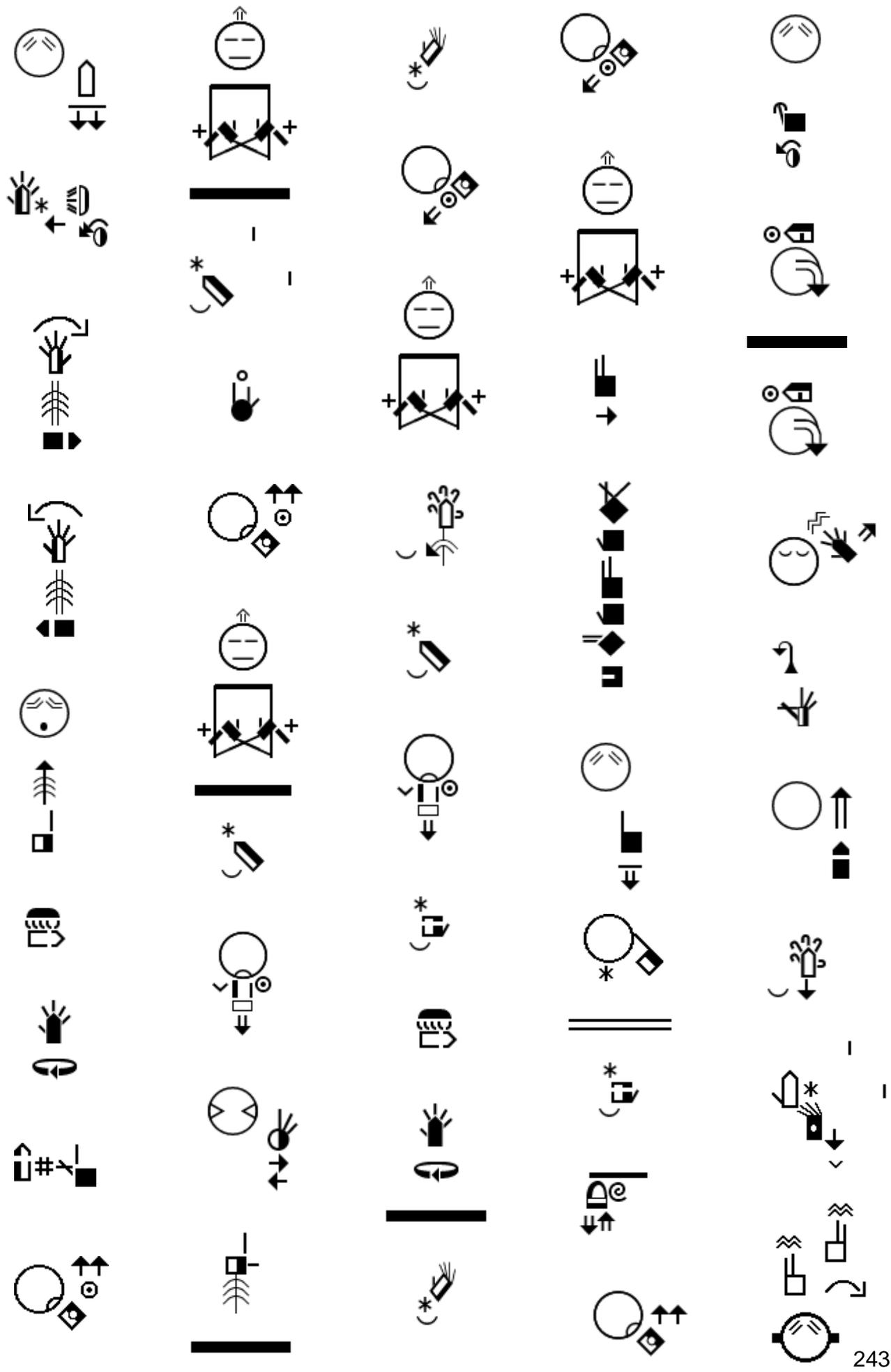


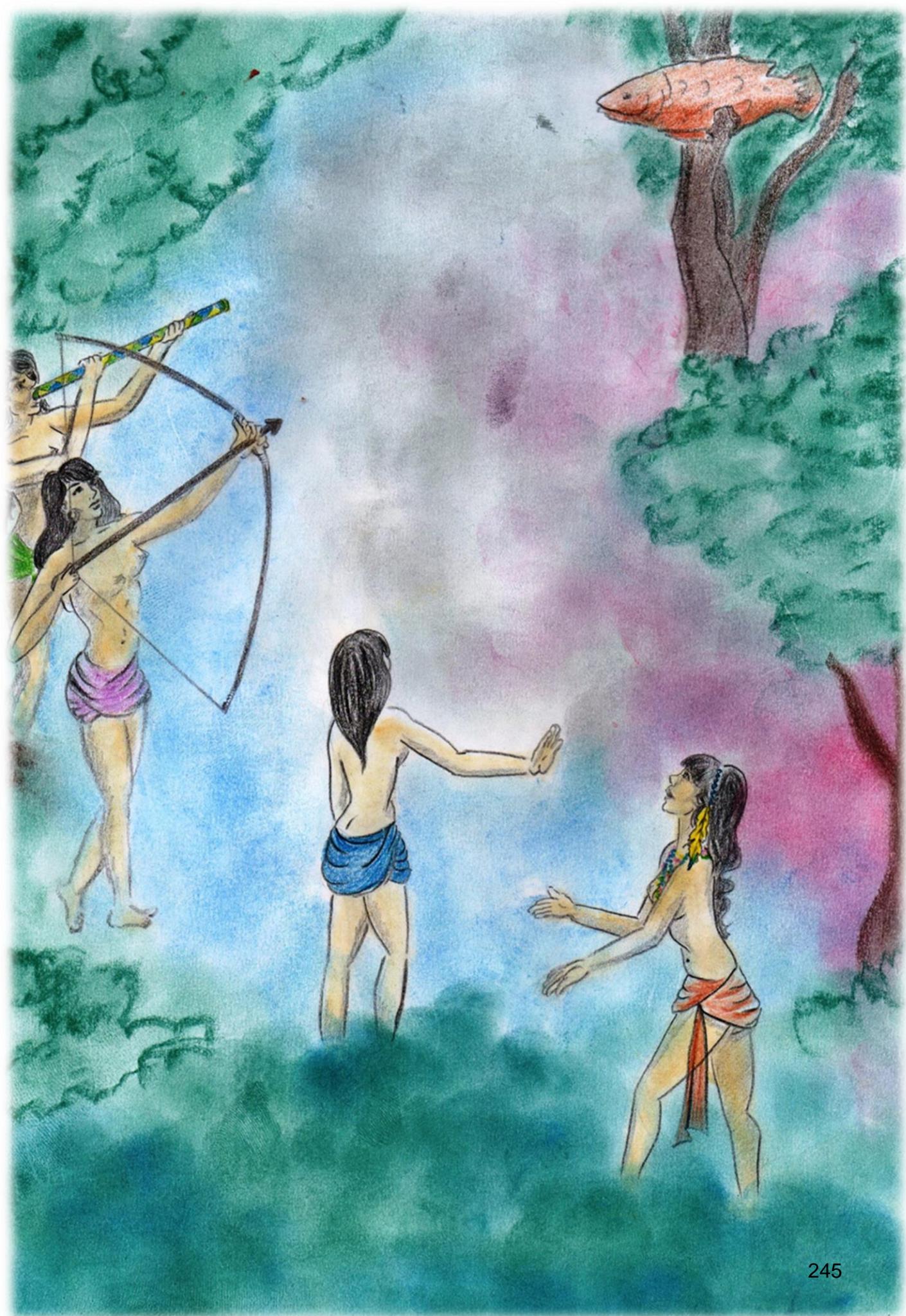


Num lugar distante da floresta Amazônica, existia uma tribo de mulheres guerreiras que não tinham maridos e nem permitiam que homens se aproximassem do lugar. Lá havia uma linda jovem surda, chamada Kauane. Ela queria muito ser uma guerreira e sonhava ser igual as outras mulheres de sua tribo, pois eram fortes e valentes. Sempre que podia ficava observando o treinamento delas, pensava como seria participar e treinar também, imaginava-se uma guerreira.

Queria muito fazer os treinamentos, mas nunca teve a oportunidade para tentar, pois era sempre excluída. Ninguém acreditava na capacidade de Kauane, pois achavam que a surdez a deixava incapaz, pensavam que não aprenderia nada e falavam que seria perigoso. Toda vez que Kauane se aproximava, faziam gestos proibindo a participação da menina surda.







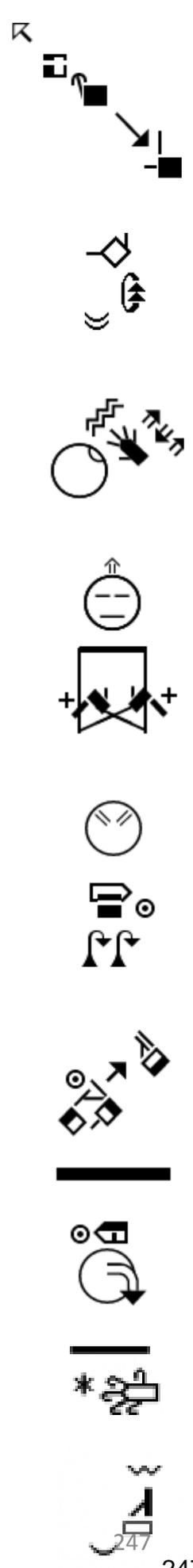
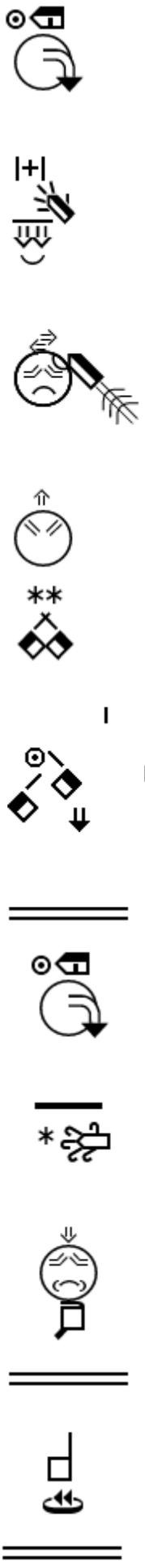


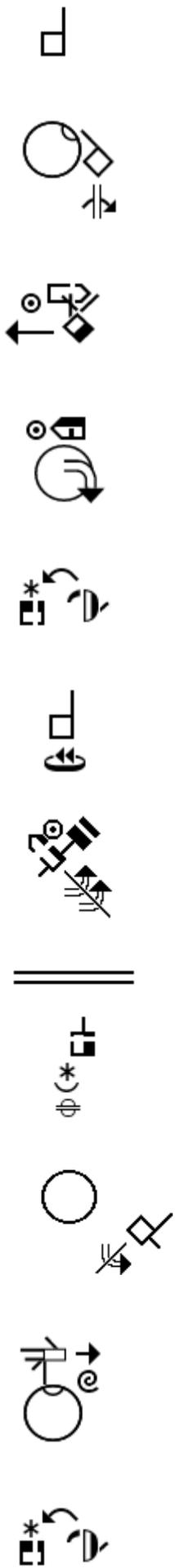
Kauane não entendia o porquê de tantas proibições, ficava muito triste, sentia-se rejeitada, sozinha, sempre foi assim, desde os tempos de criança. nos momentos de brincadeiras acabava ficando de fora. Era sempre “não pode” para tudo, parecia que todas só sabiam fazer esse gesto de “não pode”.

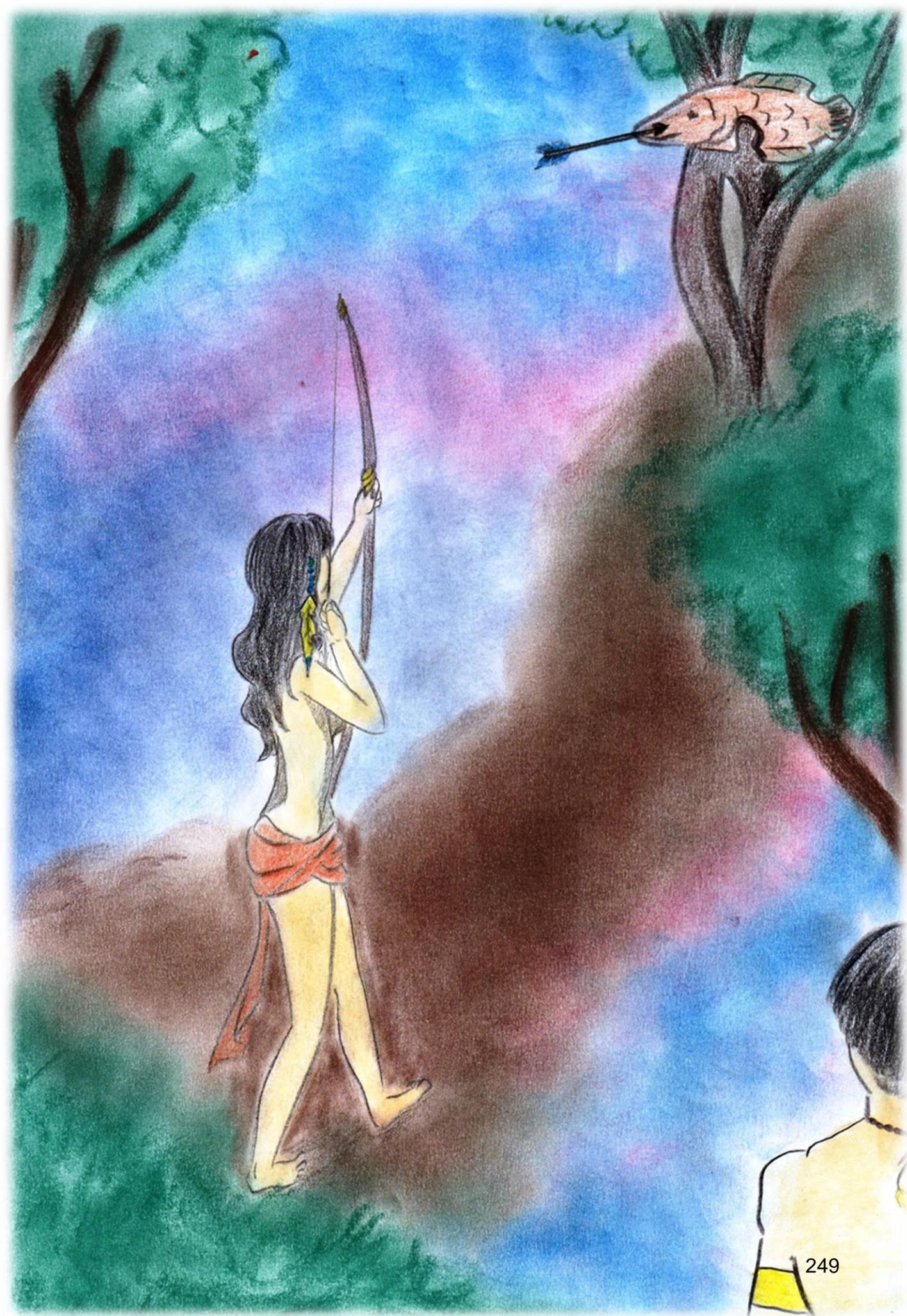
Porém, em momentos que ninguém estava por perto, Kauane gostava de pegar algumas armas de guerra e imaginar que estava lutando. Sentia-se muito feliz nesses momentos, podia “fazer de conta” que era uma grande guerreira combatendo os inimigos. Enquanto treinava sozinha, lembrava-se de como as guerreiras faziam e imitava.

Certa vez, enquanto Kauane treinava sozinha, algo diferente aconteceu, alguém a observou de longe . Era Acauã, um guerreiro que estava escondido. O índio não podia aproximar-se, pois homens não eram bem-vindos na tribo.







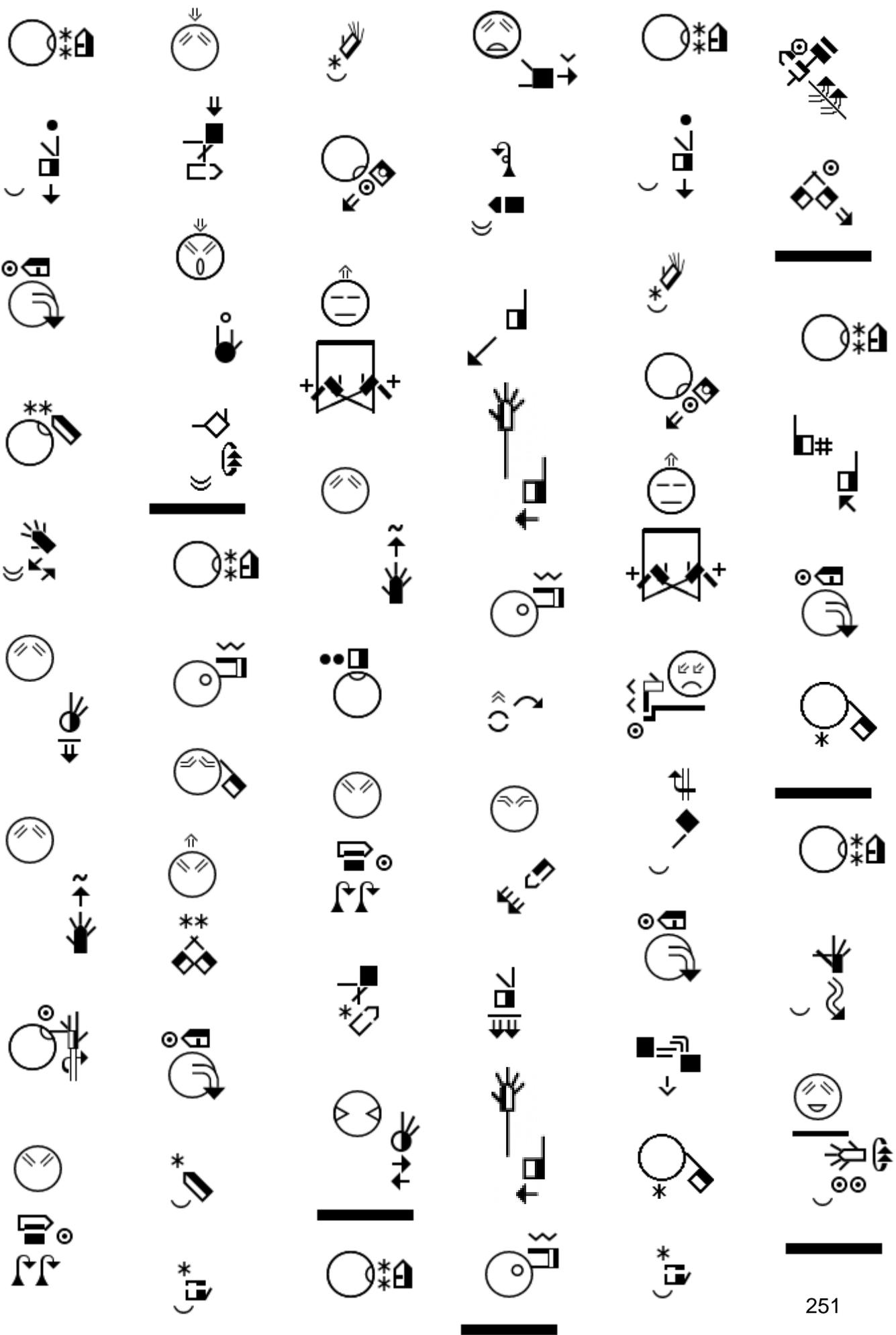


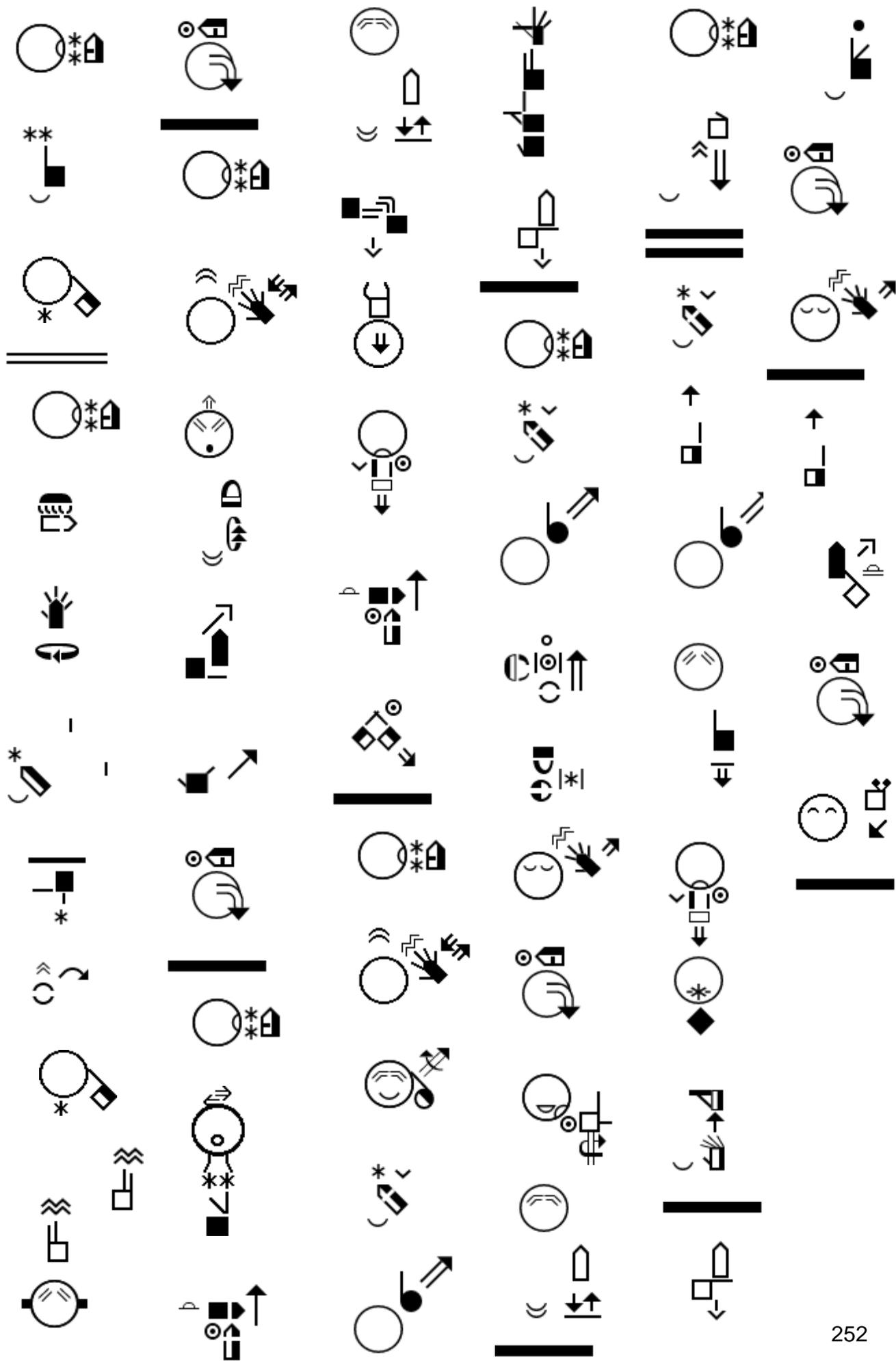


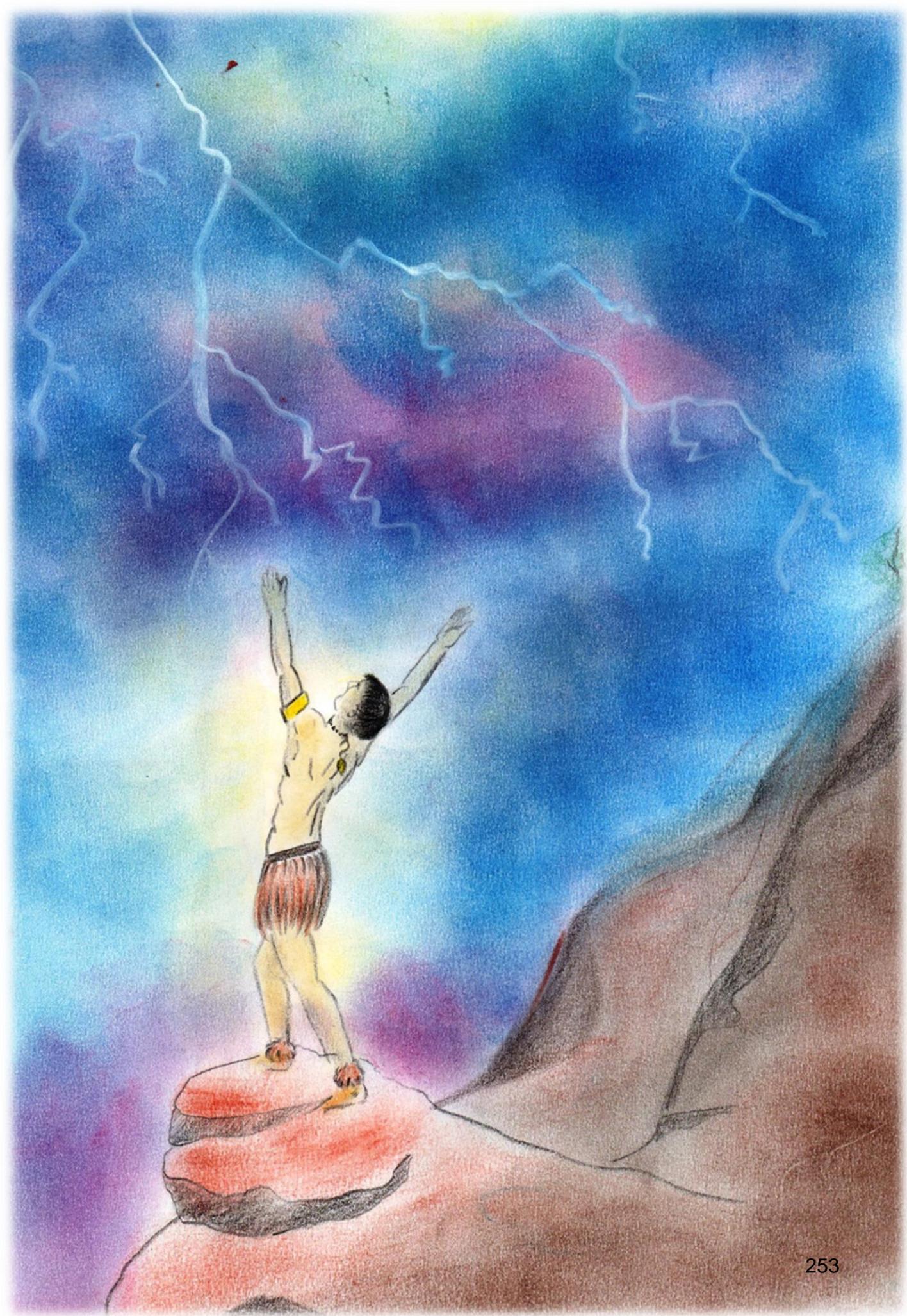
Acauã percebeu que Kauane sabia se movimentar ao utilizar as armas, mas não sabia lutar de verdade. O guerreiro ficou curioso para saber por que aquela bela jovem de uma tribo de mulheres guerreiras não sabia lutar. Decidiu observá-la outras vezes e, assim fez por alguns dias, percebeu que ela sempre era ignorada quando se aproximava do treino das guerreiras, pois era surda. Após perceber que Kauane era surda, o guerreiro ficou muito feliz, pois ele e muitos outros da sua tribo tinham a mesma condição.

Então, Acauã ficou pensando “tenho de ajudá-la... mas como farei se não posso me aproximar?” Logo lembrou-se de a pedir a Tupã para aparecer no sonho de Kauane, assim o fez. - Tupã, oh Tupã! Pai de tudo! Preciso ajudar Kauane! Mostre minha imagem em sonho a ela.







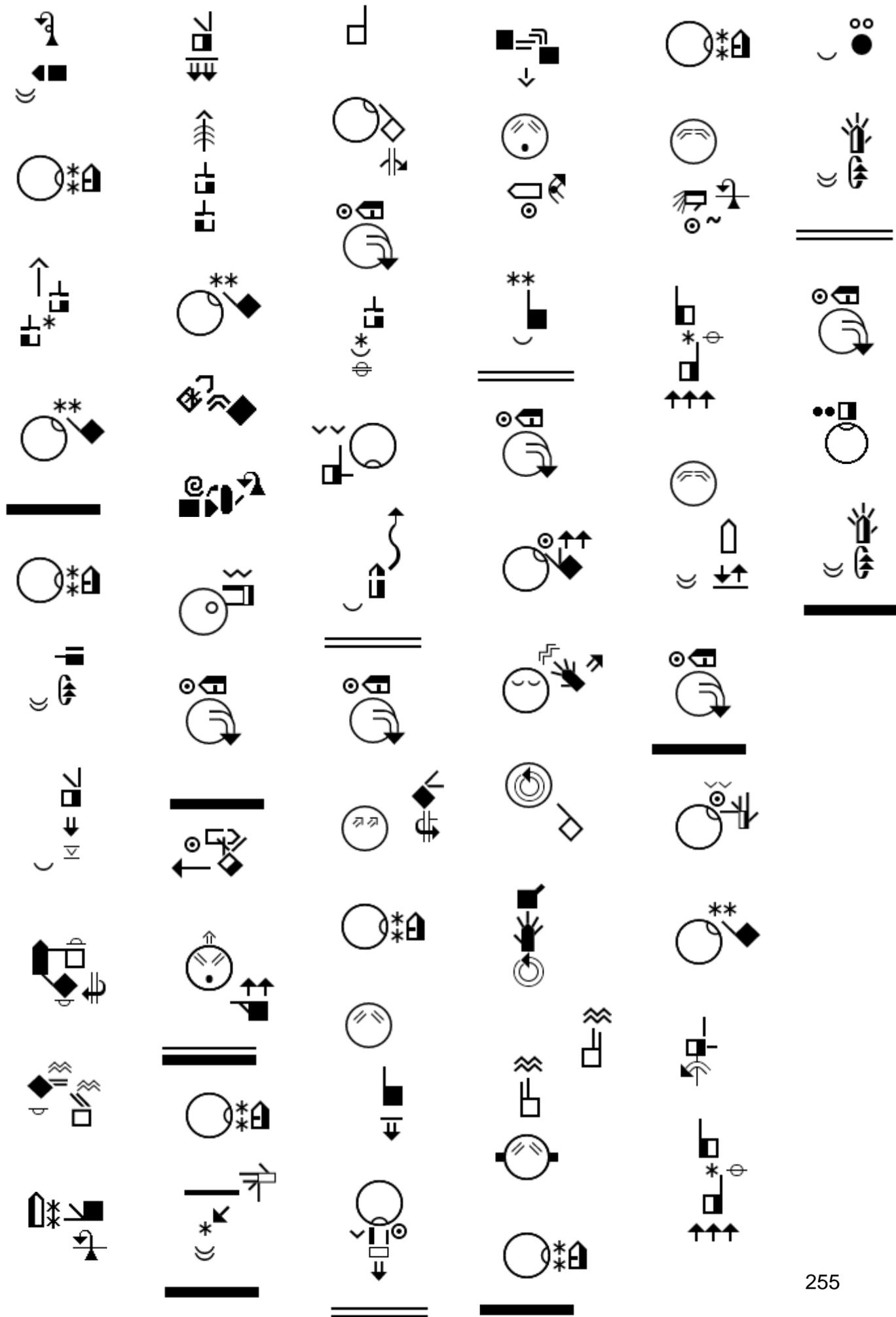


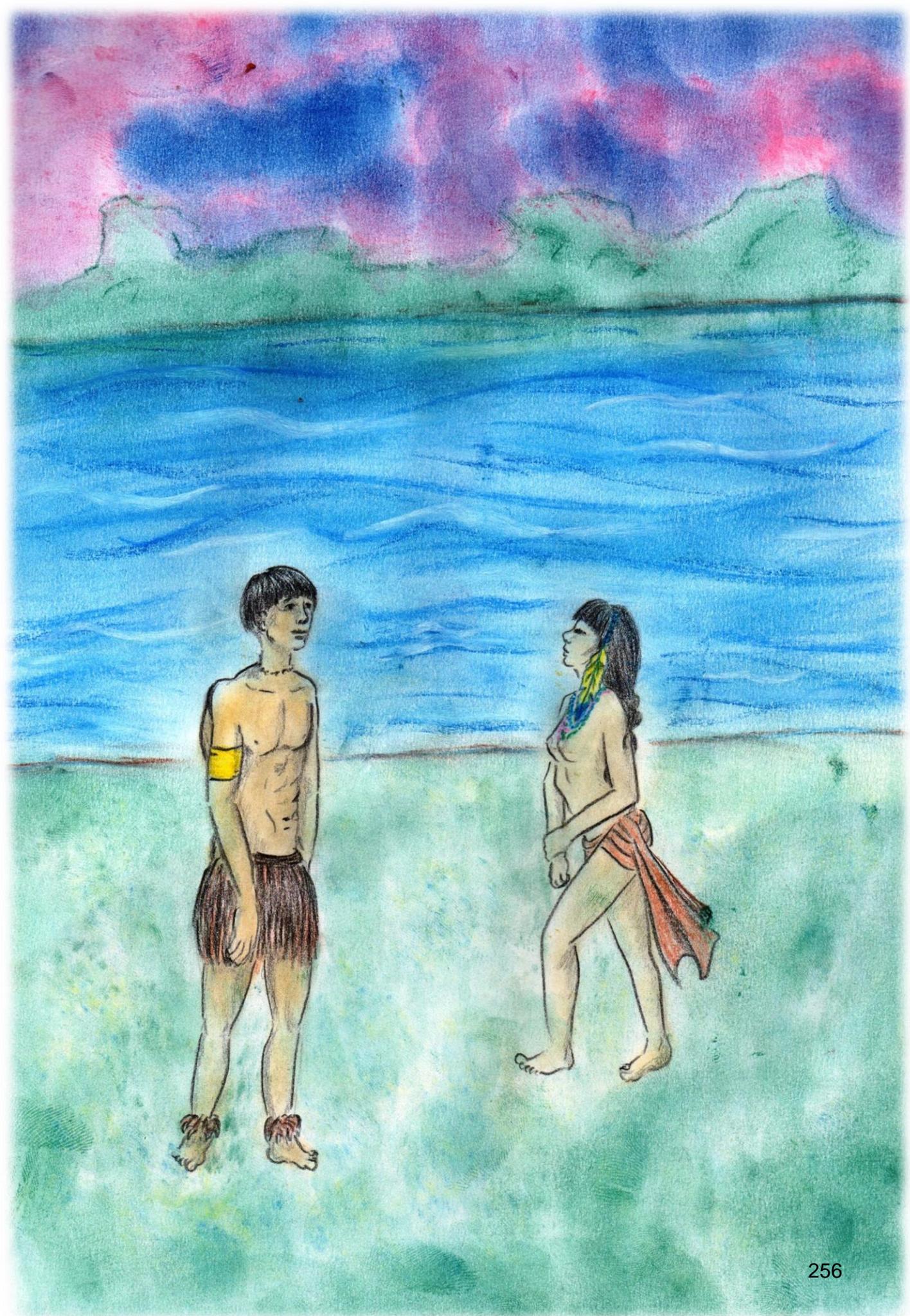


Após algum tempo seguindo os passos da índia, Acauã tinha se tornado quase uma sombra, por dias e noites vigiava seus passos. E, sem dar-se conta, estava completamente apaixonado.

Certa manhã, Kauane estava à beira do rio, e Acauã aproximou-se. A índia ficou assustada ao perceber que aquele era o homem que havia sonhado. Mas o índio tomou coragem e resolveu tentar comunicar-se com Kauane. Durante dias, os dois encontraram-se. E, aos poucos, ele conseguiu ensinar a Língua Sinais a jovem surda.









Todos perceberam a mudança em Kaune, vivia sorridente e feliz. Com o passar do tempo, ela foi ensinando sinais às guerreiras da tribo, que passaram a respeitá-la e aceitá-la nos treinamentos. E por todas as tribos da Amazônia, ouvia-se falar da grande guerreira surda que falava com as mãos.

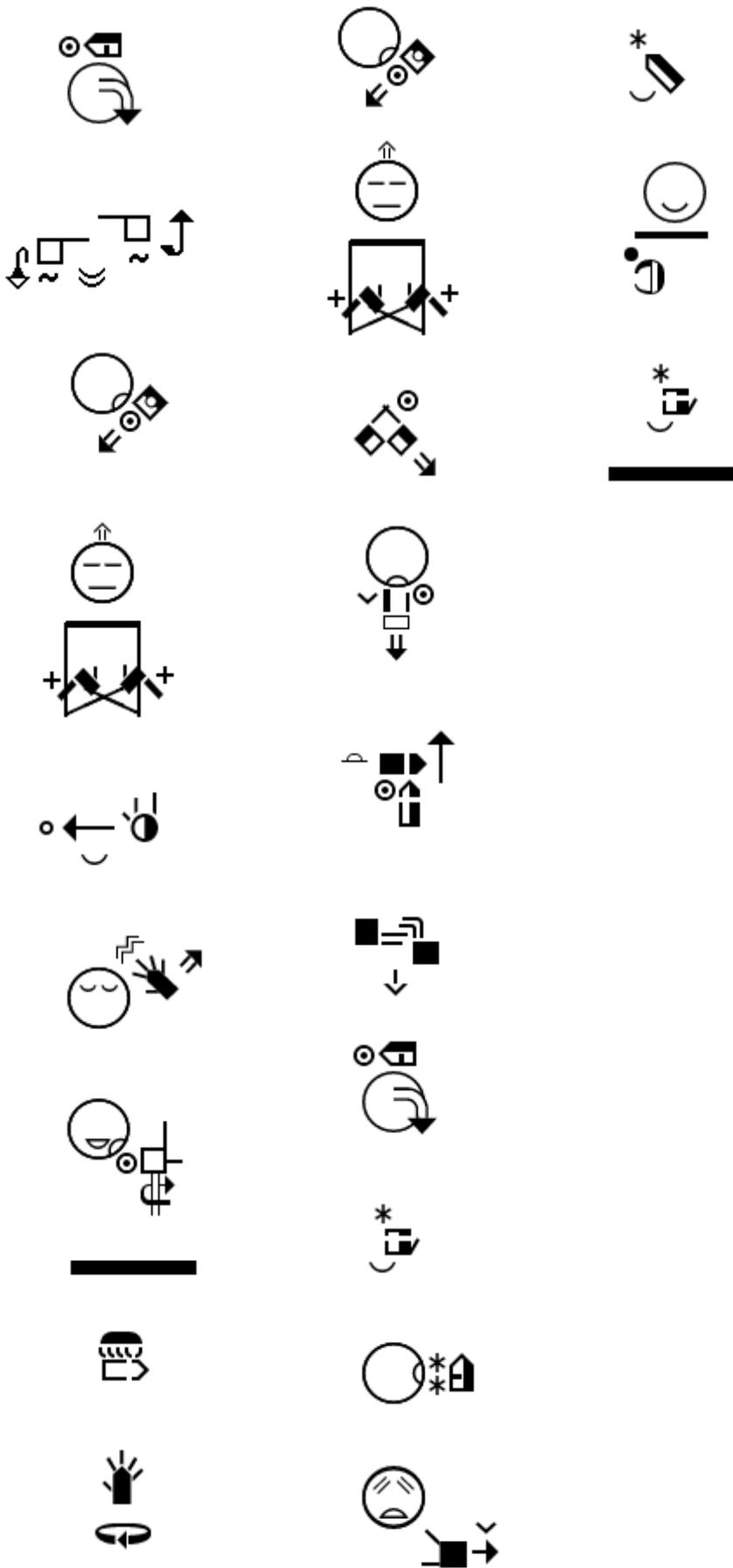






O tempo passou, Kauane tornou-se uma grande guerreira como sempre sonhara. Porém a tribo das guerreiras não permitia a presença de homens. Por isso, a guerreira surda foi embora com Acauã para viver seu grande amor.





O AMOR FAZ NASCER UM POVO: A LENDA DA FAMÍLIA BARÉ SURDA

Nara Neiva Araújo Costa

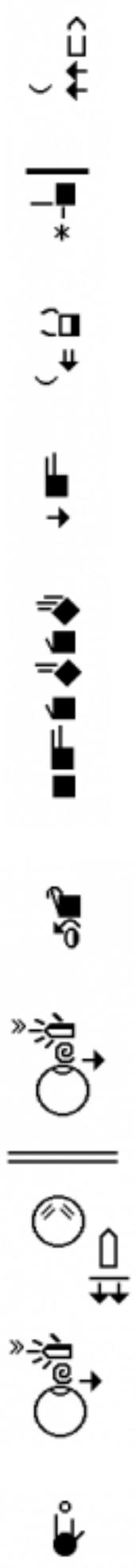
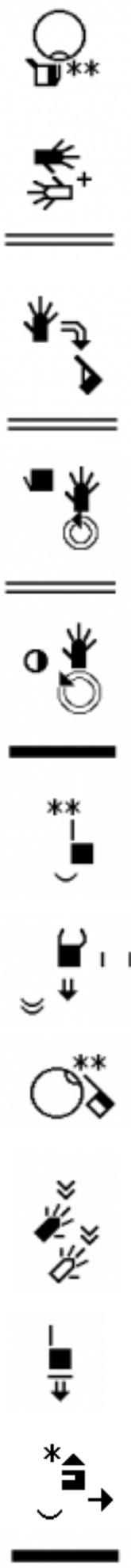
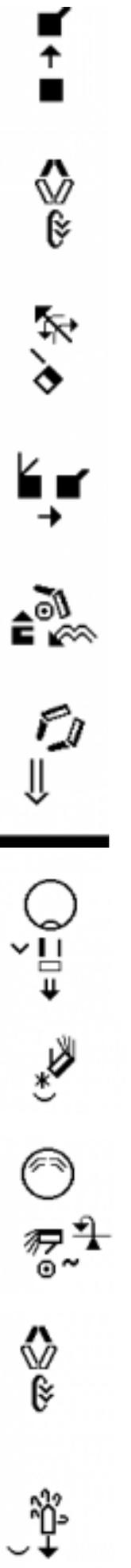
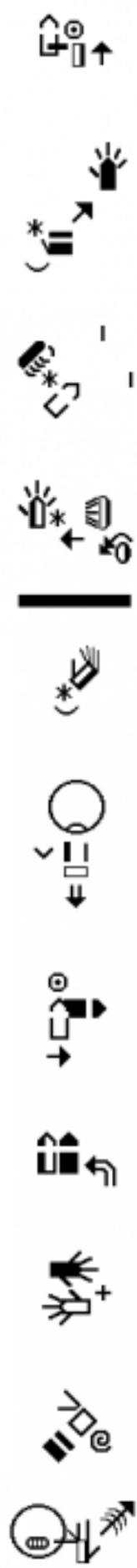


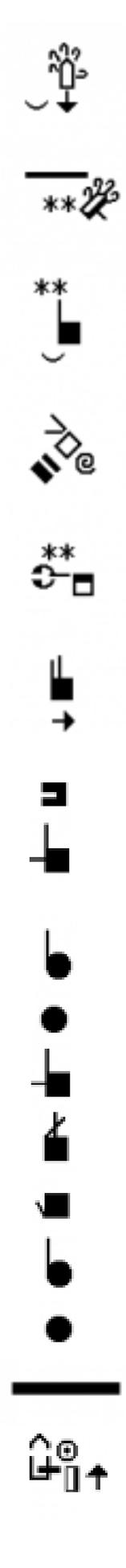
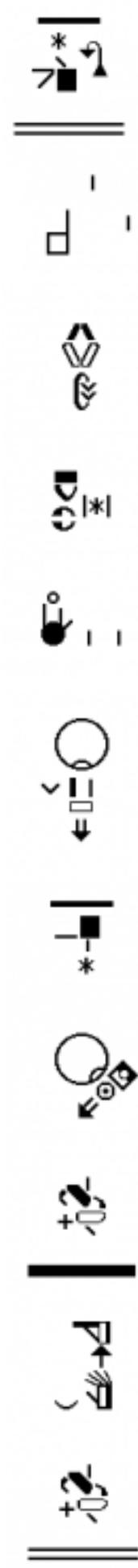
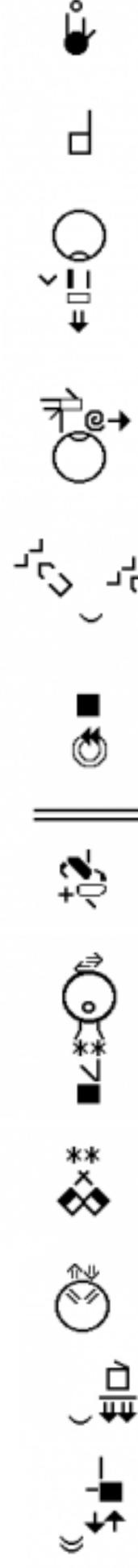
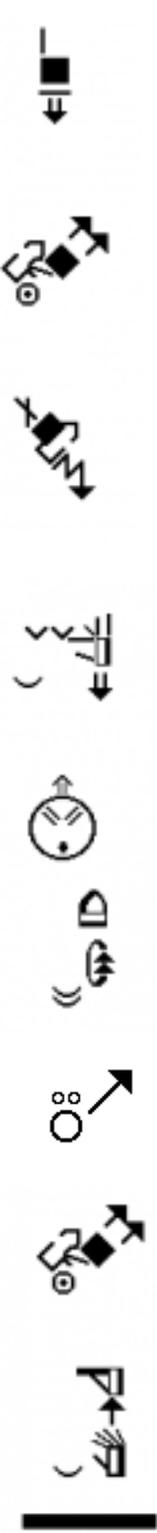


Muito antes da cidade de Manaus que conhecemos hoje, aconteceu essa história. Era uma época que todos pensavam que existia apenas um continente e que a Terra era igual a uma tábua. E se acaso, fosse navegando para longe do litoral, poderia cair em um abismo e nunca mais aparecer. Mesmo assim, homens valentes e destemidos saíram de suas casas tão quentinhas e do conhecido conforto da civilização para conhecer um novo mundo. Essa história tem início com os primeiros desbravadores do nosso mundo amazônico.

Quando os homens brancos chegaram às Américas e procuravam por ouro e pela cidade lendária chamada de El Dorado, isso motivou a desbravarem cada vez mais ao sul do continente. Aventuraram-se em novos rios, navegavam em suas caravelas e, por incrível que pareça, estavam em pares, cada um tinha como companhia sua amada, menos um moço cuja missão era descrever detalhadamente toda a viagem, por isso não poderia envolver-se com enlances amorosos.







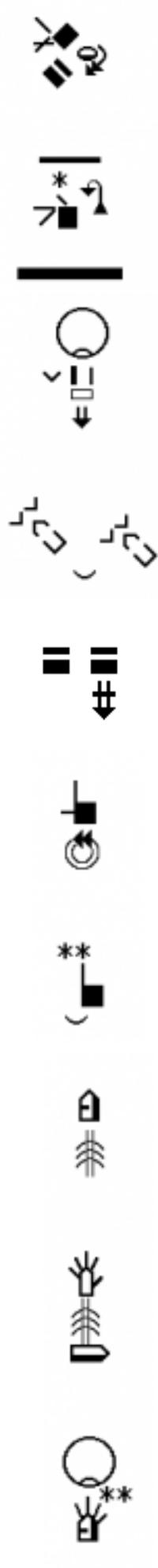




O rapaz era bem-afeiçoado, jovem, alto, branco, loiro era de uma beleza e delicadeza de um “lord” inglês. Possuía boa formação, era cronista e botânico. Um homem cheio dos conhecimentos dos brancos, escolhido cuidadosamente para a missão. Vinha na polpa da embarcação, do lado de fora, pois a viagem era tão longa que a solidão o tomava, desesperançoso e triste, já não tinha sonhos, muito menos acreditava no amor, apenas queria voltar logo para casa.

Quando viram as águas ferozes e negras do novo rio, deram-lhe o nome de Rio Negro. O moço descrevia tudo em seu diário, as árvores frondosas, as altas cachoeiras exuberantes, pássaros e suas cores vibrantes, o céu azul e a noite brilhante de estrelas e luar. Era tanta beleza que intrigava o moço, pois pensava como tudo aquilo ainda não era conhecido pelo velho mundo, a Europa.





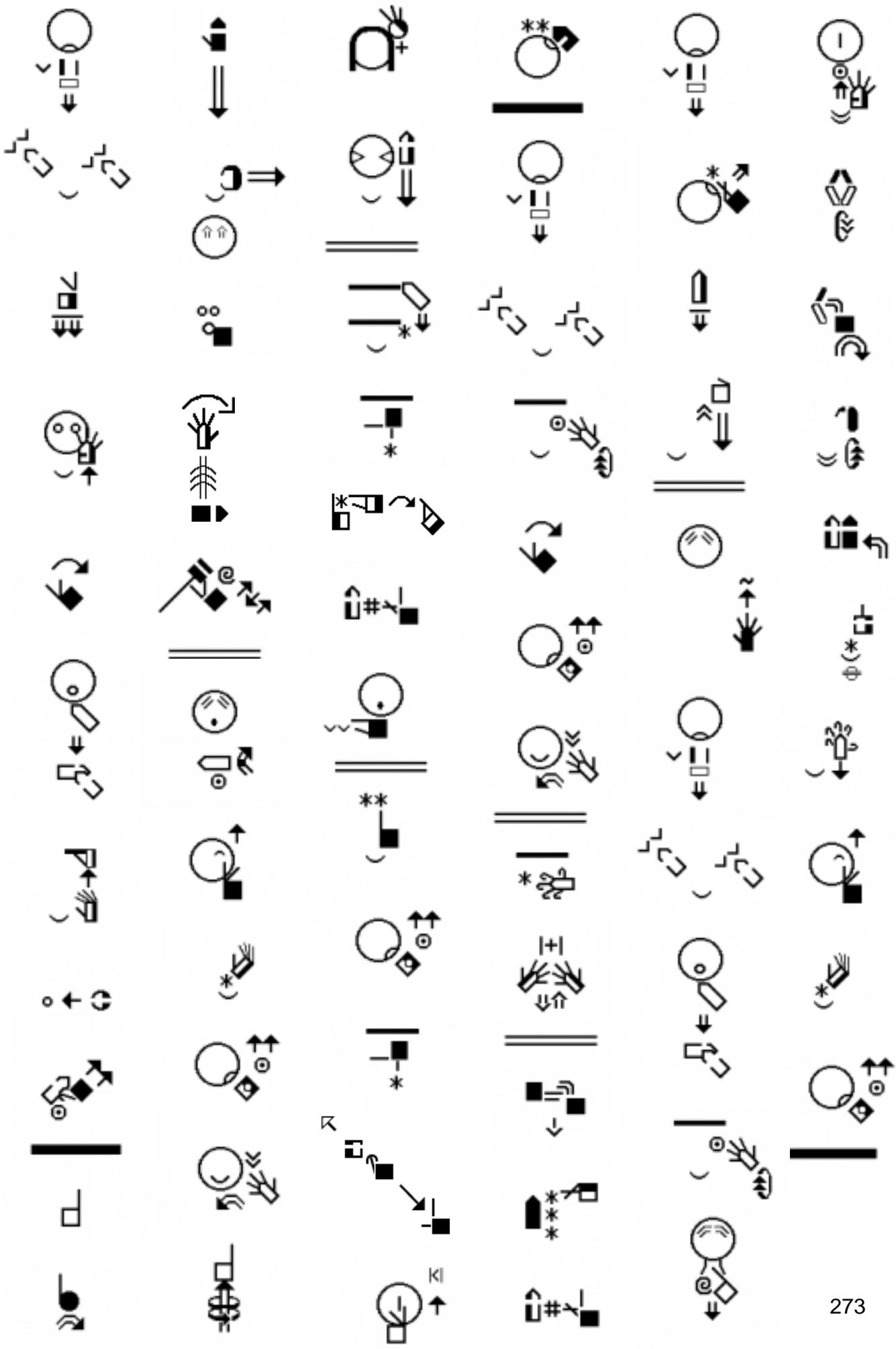




Mas, sempre atento, sem deixar passar nenhum detalhe, continuava a navegar debruçado do lado de fora da embarcação, tudo era novo e não poderia passar nada despercebido aos seus olhos. Era uma tarde de céu azul quando, de repente, o verde da floresta foi rompido por uma imagem nunca vista. Aquela visão o deixou atordoado e eufórico: belas mulheres altas, de cabelos longos, com penas de pássaros nos corpos e em suas mãos carregavam arcos e flechas, lembrando-lhe os guerreiros da sua terra natal.

Imediatamente, numa mistura de instinto e fascinação, o rapaz descumpriu as regras do capitão, pulou no rio e nadou até a margem. Tudo que queria era olhar mais de perto aquelas mulheres.



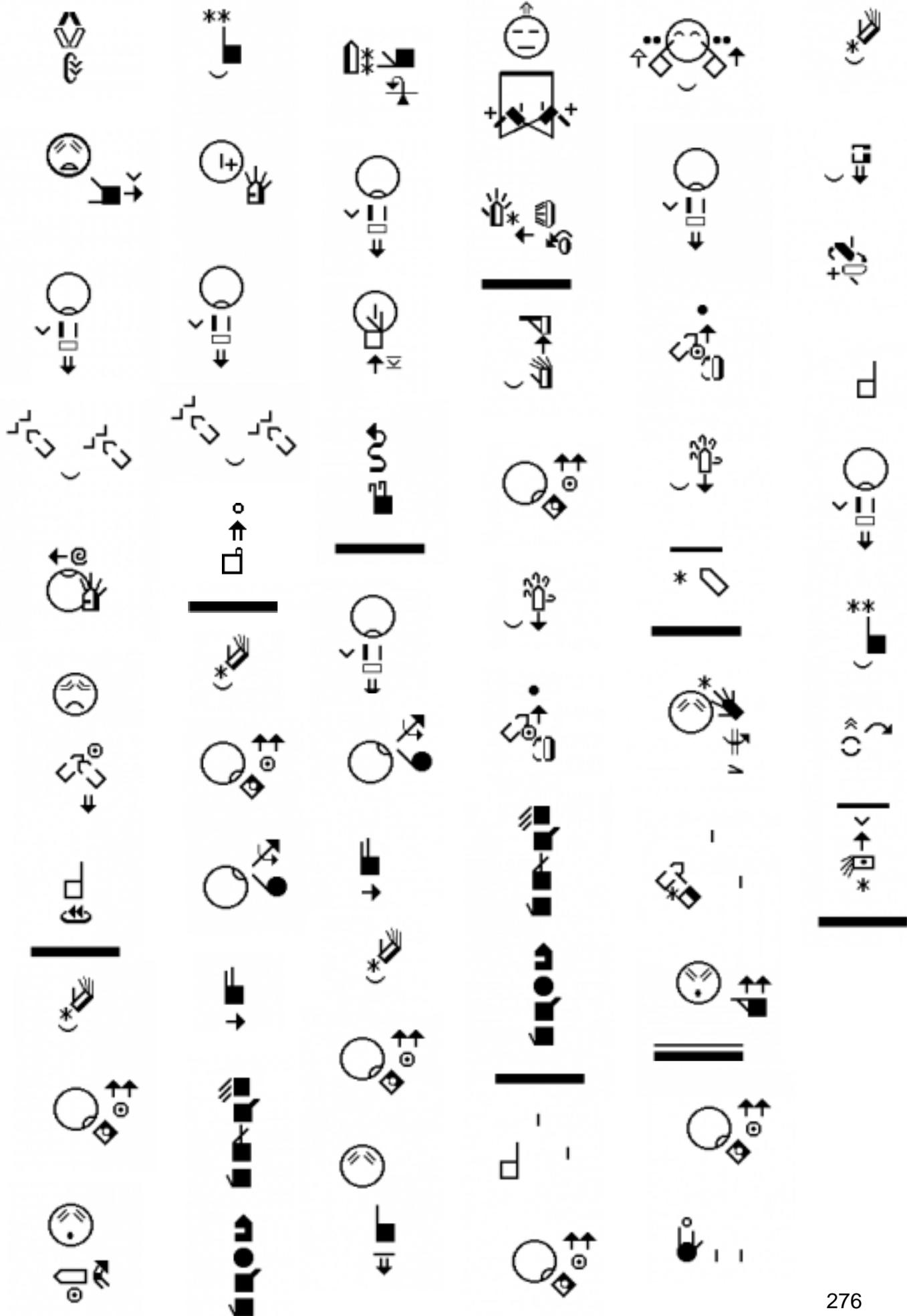






Mas acabou perdendo a comitiva europeia e sendo deixado para trás. As belas mulheres ficaram espantadas e deslumbradas com o rapaz, nomearam-lhe de Mira-bóia, que significa gente cobra. Ele as chamou de guerreiras amazônicas. Logo, todas se interessavam por Mira-bóia. Envolvidas pelo desconhecido e pela beleza do rapaz, todas o queriam para si. Mas resolveram estabelecer um acordo: todas poderiam casar e ter filhos com ele.





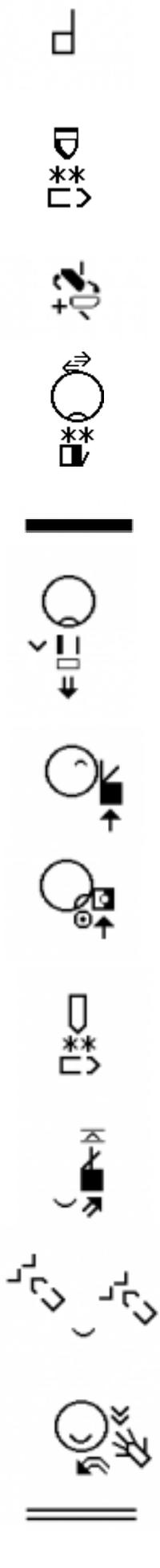
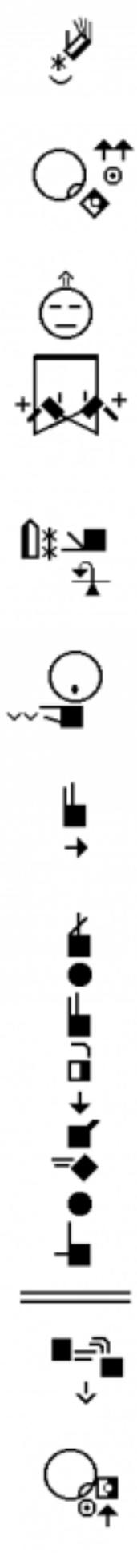


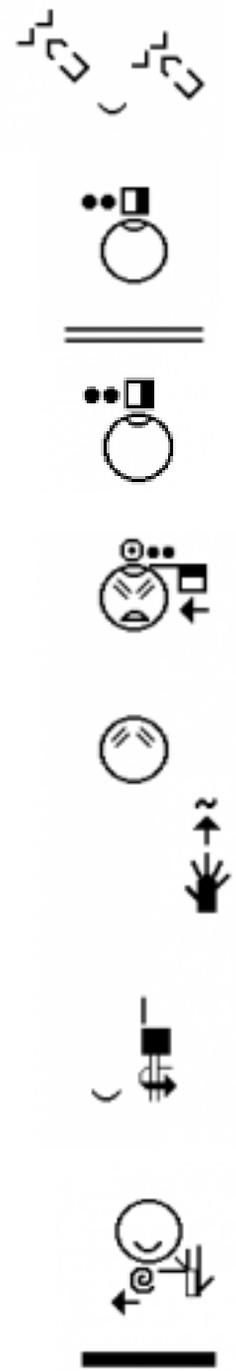


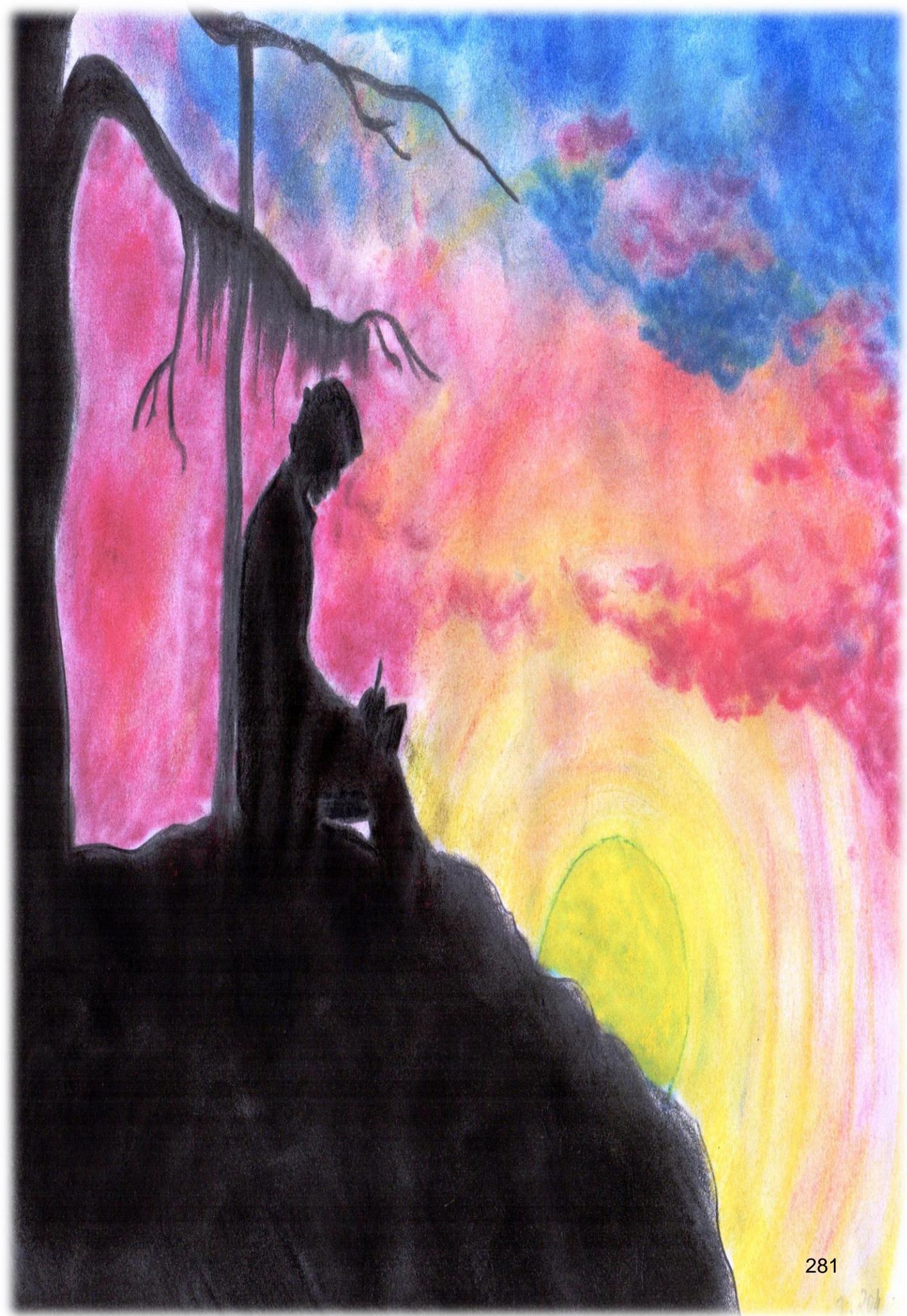
O rapaz cumpriu o acordo estabelecido para que vivesse no meio delas, foi casando com cada uma. Quando só faltava uma, viu que a moça era diferente, calada e isolada das demais moças, também era muito jovem e bela. Mira-bóia teve de esperar por muitos dias para casar-se com a moça chamada Tipa, que significava rouxinol na língua das guerreiras. Assim era chamada por ser linda, clara e de mãos suaves que mais pareciam o voo dos pássaros.

Todos os dias, Tipa e Mira-bóia encontravam-se. Logo nos primeiros encontros, ele percebeu que a moça era surda. Foi algo que o deixou extremamente instigado, pois há muito tempo havia estudado Língua de Sinais Francesa com alguns padres franceses, foi como um desafio encantador.







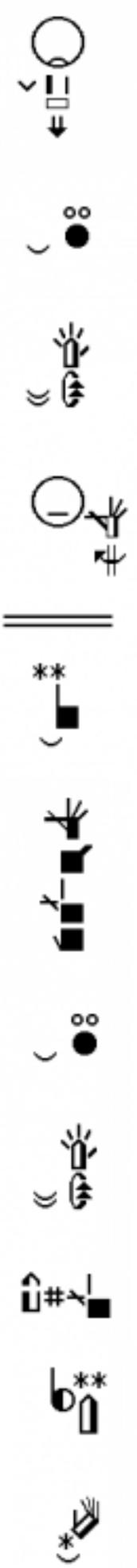
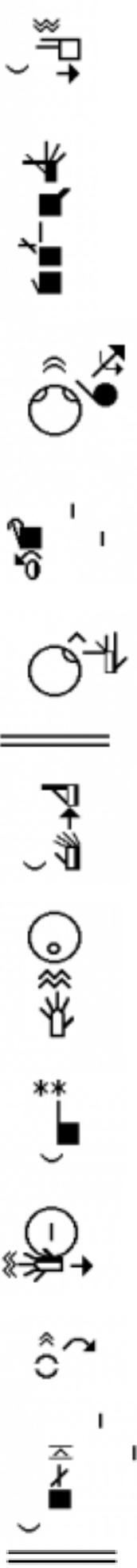
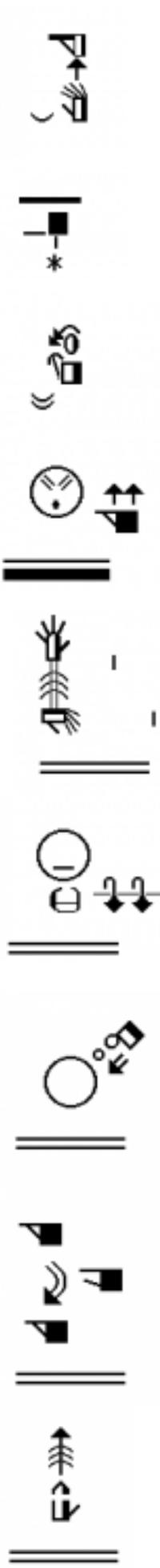




Aos poucos, ele transmitia o que sabia e a moça também ensinou os sinais que criou para se comunicar com suas companheiras. Ambos aprendiam e compartilhavam diariamente seus conhecimentos, vivências e alegrias. Aquele ambiente era propício para o mundo visual de Tipa, cheio de cores e cheiros que despertavam-lhe a criatividade ao dar sinais para as árvores frutíferas, o sol, a lua, os peixes, animais de caça...

Mira-bóia também usava seus dons artísticos para representar tudo em seu diário. Não havia barreiras para comunicação e nem para a amizade.





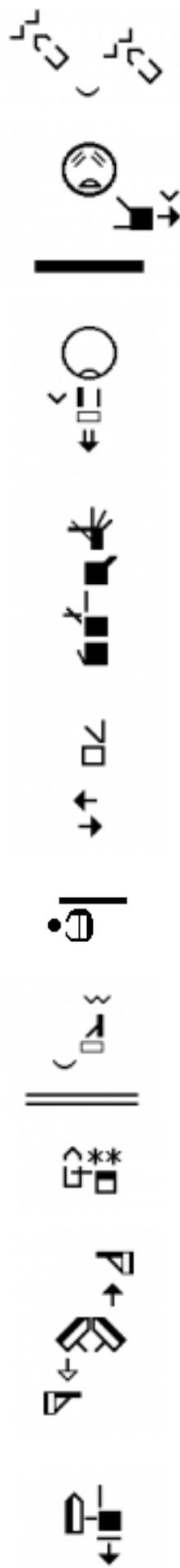
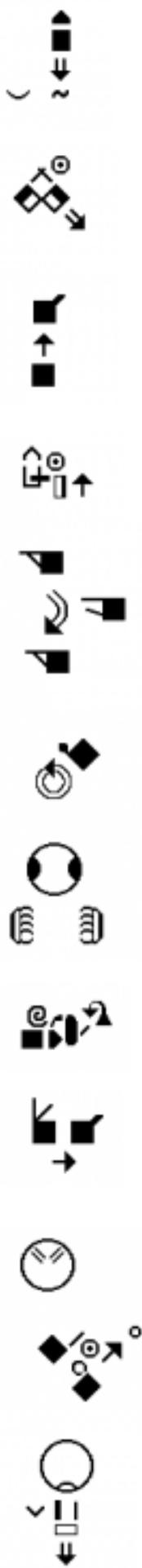


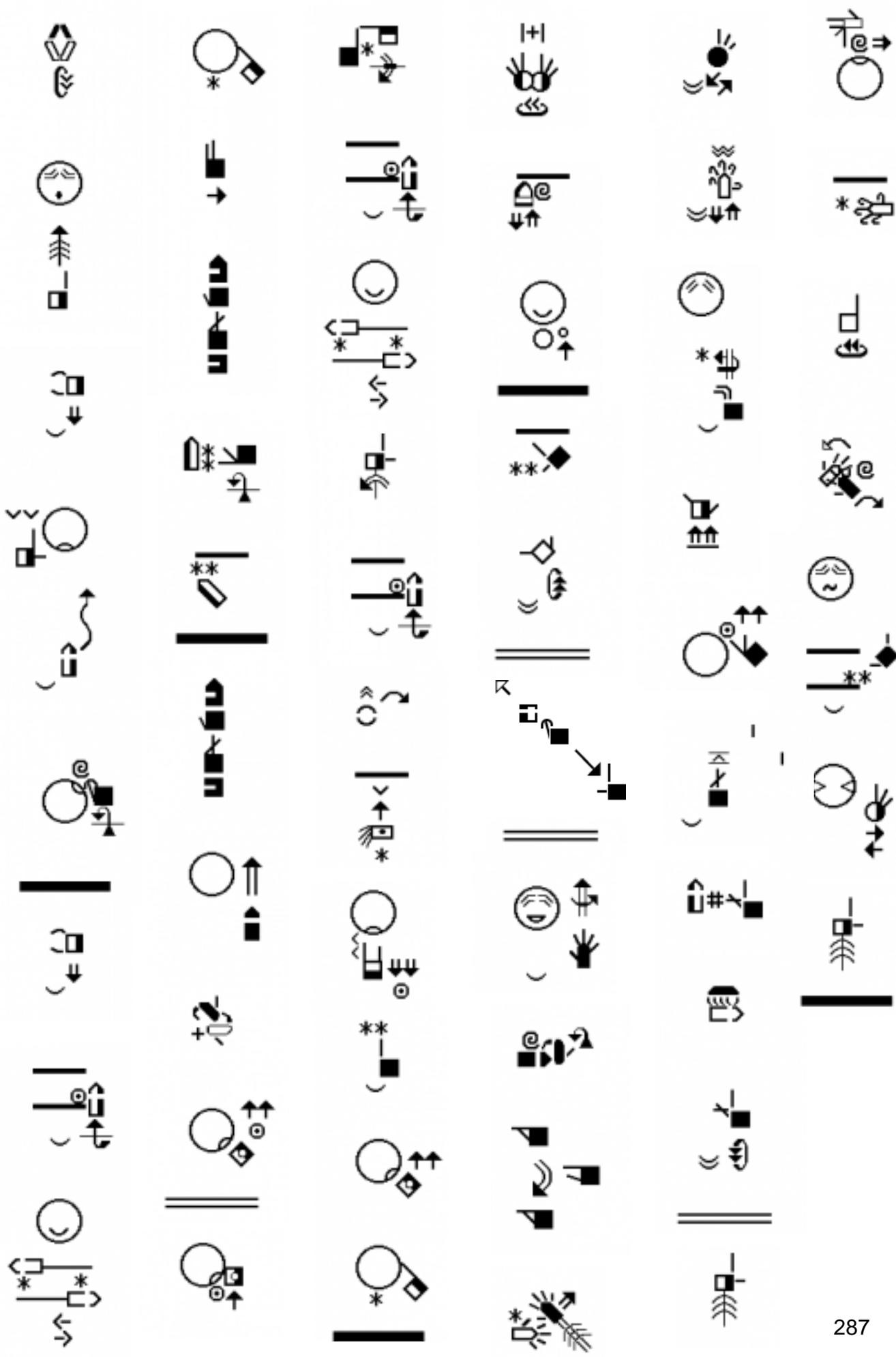


Com tanta aproximação acabaram se apaixonando, a moça casou e ficou grávida, mas desesperada, sabia que era a última moça a casar-se com o rapaz. Depois disso, o costume do seu povo era mandar embora os homens da aldeia na primeira noite de lua cheia. Decididos a viver o amor, o casal conversou e teve a ideia de fugir na lua nova, antes do ritual de despedida.

Fizeram uma canoa e foram para o baixo Rio Negro. Lá tiveram seu bebê, um menino surdo que se chamou Baré, o companheiro. O menino cresceu e casou-se, teve também muitos filhos e filhas surdas. Conviviam e viviam muito bem com sua condição de surdos. Conversavam ao luar, caçavam, participavam de rituais e contavam aos mais novos sobre a história daquele povo, não havia um que se sentisse isolado.





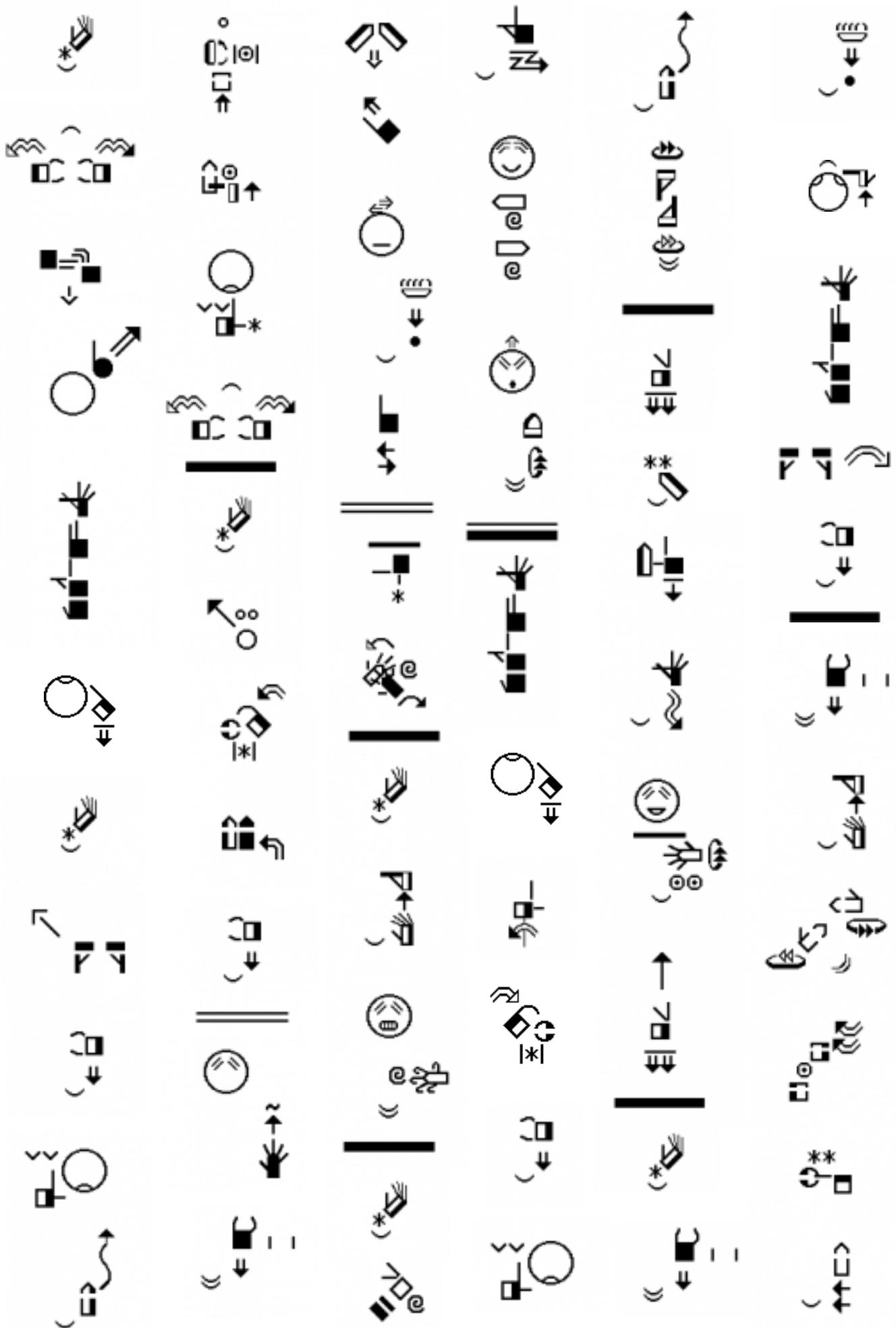


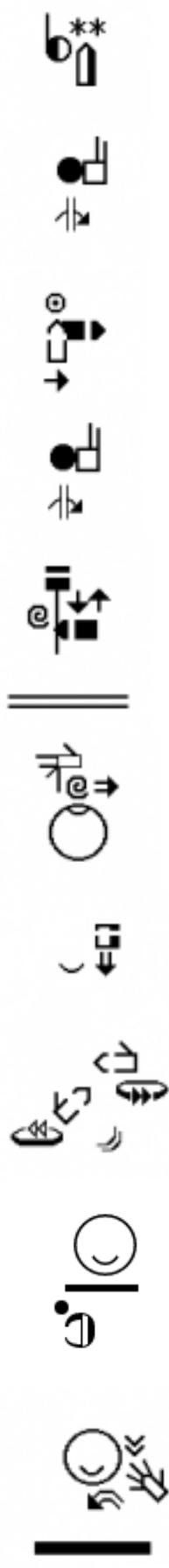




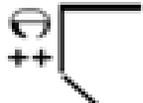
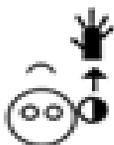
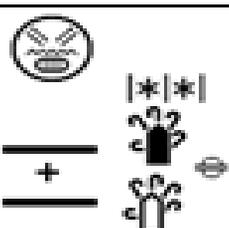
Cresceram tanto que Tupã aconselhou que a grande família voltasse para a nascente do rio. Voltaram, mas nem todos os aceitavam. Para buscar novamente a paz e a harmonia do povo, Tupã os aconselhou a voltar para foz do Rio Negro e retomar a construção daquele povo alegre e feliz. Ao obedecer os conselhos de Tupã, foram aceitos pelas demais famílias que já viviam na foz do rio. Assim nasceu o povo que deu origem a magnífica cidade de Manaus, o povo Baré: fruto da beleza e do amor entre raças.

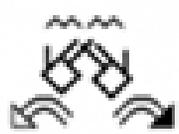
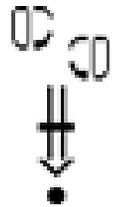
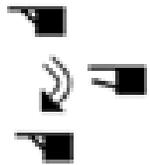
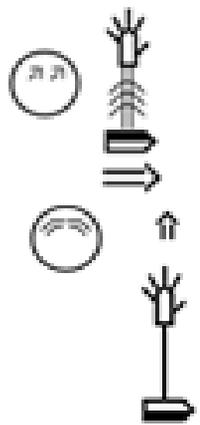
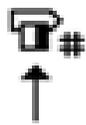






GLOSSÁRIO

			
Jurupari	Cauê	Maués	Pirarucu
			
Iberê	Pindaro	Mani	Inalê
			
Uiraci	Cacique	Naara	Pajê
			
Talguara	Teçá	Mapinguari	Kaolin
			
Uirapuru	Apoema	Iara	Kauane
			
Acauá	Jaci	Amazonas	Vitória-régia
			
O dia todo	tribo	Índio(a)	boto

			
Natureza	Guerreiro(a)	Etnia	Portugal
			
mandioca	Beira do rio	Lua Cheia	Mãe Terra
			
sugar	virgem	Amazônia	marcar
			
tapoca	teimoso	Tornar guerreira	Encontro das águas
			
frondosa	inveja	ciúme	manaus



MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES



ADAPTAÇÃO E ACESSIBILIDADE



ENDEREÇO

APOEMA - Núcleo de Tecnologia Assistiva do IFAM
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM
Avenida Sete de Setembro, 1975, Centro.
Manaus - Amazonas - CEP: 69020-120
Telefone: (92) 3621 - 6710
E-mail: apoema@ifam.edu.br/apoemaifamcmc@gmail.com
Facebook: APOEMA - Núcleo de Tecnologia Assistiva do IFAM
Instagram: apoema.ifam

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-922321-1-5



9 788592 232115